

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

ANA CAROLINA CAPELLINI RIGONI

**MARCAS DA RELIGIÃO EVANGÉLICA
NA EDUCAÇÃO DO CORPO FEMININO:
implicações para a Educação Física
Escolar**

Campinas
2008

ANA CAROLINA CAPELLINI RIGONI

**MARCAS DA RELIGIÃO EVANGÉLICA NA
EDUCAÇÃO DO CORPO FEMININO:
implicações para a Educação Física
Escolar**

Dissertação de Mestrado apresentada à
Pós-Graduação da Faculdade de
Educação Física da Universidade
Estadual de Campinas para obtenção do
título de Mestre em Educação Física.

Orientador: Elaine Prodócimo

Campinas
2008

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA FEF - UNICAMP

R449m Rigoni, Ana Carolina Capellini
Marcas da religião evangélica na educação do corpo feminino:
implicações para a educação física escolar / Ana Carolina Capellini Rigoni.
- Campinas, SP: [s.n], 2008.

Orientador: Elaine Prodocimo.
Dissertação (mestrado) – Faculdade de Educação Física,
Universidade Estadual de Campinas.

1. Educação. 2. Corpo. 3. Religião. 4. Educação Física. I. Prodocimo,
Elaine. II. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação
Física. III. Título.

(asm/fef)

Título em inglês: *Evangelical religion marks on the females' bodily education: its implications for Physical Education at school*

Palavras-chaves em inglês (Keywords): Education; body; Evangelical Religion; Physical Education

Área de Concentração: Educação Física e Sociedade.

Titulação: Mestrado em Educação Física.

Banca Examinadora: Elaine Prodocimo. Eliane Moura da Silva. Jocimar Daolio.

Data da defesa: 21/02/2008.

ANA CAROLINA CAPELLINI RIGONI

**MARCAS DA RELIGIÃO EVANGÉLICA NA EDUCAÇÃO
DO CORPO FEMININO:
implicações para a Educação Física Escolar**

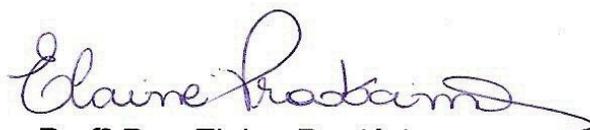
Este exemplar corresponde à redação final da Dissertação de Mestrado defendida por Ana Carolina Capellini Rigoni e aprovada pela Comissão julgadora em: 21/02/08.



Elaine Prodócimo
Orientador

**Campinas
2008**

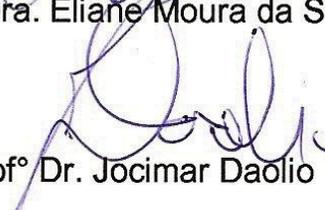
COMISSÃO JULGADORA



Prof^a Dra. Elaine Prodócimo
Orientador



Prof^a Dra. Eliane Moura da Silva



Prof^o Dr. Jocimar Daolio

Dedicatória

Dedico este trabalho a meus pais, que sempre estiveram ao meu lado e sempre me ensinaram que é possível sonhar e realizar os sonhos.

Agradecimentos

Agradeço a **meus pais** e a **minha irmã**, que sempre me apoiaram nos momentos de nervosismo, ajudando-me a me acalmar e incentivando-me a prosseguir. Agradeço ainda pelo amor, carinho e compreensão que me dedicaram ao longo de toda a minha vida.

Agradeço ao **Emerson**, meu marido, companheiro e acima de tudo, meu melhor amigo, sem o qual não teria chegado até aqui. Obrigada pela paciência e pelas leituras cuidadosas de meus textos ao longo da trajetória.

Ao pessoal do **GEPEFIC**, este grupo maravilhoso, sem o qual não teria tido a oportunidade de aprofundar minhas discussões e amadurecer minha pesquisa.

Aos meus **amigos**, tanto os de Irati como os de Campinas, que foram sempre ótimos companheiros e que sempre me oferecem uma amizade sincera e dedicada.

Especialmente a minha amiga **Juliana**, pelas inúmeras conversas agradáveis nos intervalos de estudo, pelos debates sobre a área, que me ajudaram a refletir sobre algumas questões e principalmente pela motivação que ela sempre me inspirou.

Aos membros da banca, principalmente ao professor **Jocimar Daolio** e a professora **Eliane Moura da Silva** que estiveram sempre dispostos a me “co-orientar”, inclusive nos horários extras.

Aos **membros da Igreja** pesquisada, pelo modo como me receberam, sempre de “portas abertas” e dispostos a ajudar. Agradeço aos membros que cederam as entrevistas e principalmente às professoras da Educação Dominical que sempre me receberam de bom grado.

A **CAPES**, pela fundamental ajuda financeira, sem a qual não poderia ter me dedicado integralmente ao curso de mestrado.

É claro, como não poderia ser diferente, agradeço muitas e muitas vezes a **Elaine**, minha orientadora, que antes da ajuda intelectual, sua voz suave, seu jeito paciente e o modo carinhoso de ser, foram o meu maior instrumento de ajuda.

E por fim, como o fato de estudar sobre as questões religiosas teórica e sistematicamente não fizeram de mim um incrédula, agradeço a **Deus**...

“O corpo humano” encobre um caleidoscópio de épocas, uma divisão de sexos e raças, ocupando um espaço característico nas cidades do passado e nas atuais. [...] Imagens ideais do corpo humano levam a repressão mútua e à insensibilidade, especialmente entre os que possuem corpos diferentes e fora do padrão. Em uma sociedade ou ordem política que enaltece genericamente o “corpo”, corre-se o risco de negar as necessidades dos corpos que não se adequam ao paradigma (SENNETT, 2003, p. 22).

RIGONI, Ana Carolina Capellini. **Marcas da religião evangélica na educação do corpo feminino: implicações para a Educação Física Escolar.** 162p. Dissertação (Mestrado em Educação Física)-Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

RESUMO

Este estudo parte do referencial teórico das Ciências Humanas, especificamente da pesquisa etnográfica, para compreender como os usos e costumes de um determinado grupo religioso influenciam na educação do corpo de seus fiéis. O objetivo desta pesquisa foi compreender como se dá a educação do corpo de meninas da Igreja Evangélica Assembléia de Deus a partir da religião, como isto se torna observável nas ações e nos gestos destas meninas e quais são as implicações disto para as aulas de Educação Física. Existem modos de se movimentar (gestos), modos de se vestir, modos de conceber o uso de adornos e de técnicas de beleza que são específicos deste grupo religioso. O fato é que estas características corporais educadas pela Igreja chegam até a escola através de nossos alunos, implicando numa reflexão de professores e pesquisadores sobre o assunto. Sendo assim, este estudo se constitui como uma etnografia realizada em uma Igreja Evangélica Assembléia de Deus, na cidade de Campinas/SP. A pesquisa de campo foi realizada de março de 2006 a dezembro de 2007, através de procedimentos como a observação participante com registro simultâneo dos dados e entrevistas semi-estruturadas com o Pastor, com alguns membros do grupo e, principalmente, com as meninas selecionadas para a pesquisa. Todas as entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas. Quanto ao referencial teórico, foram utilizados autores da Sociologia, da Antropologia e da Educação Física. Émile Durkheim e Marcel Mauss foram necessários para o entendimento do fenômeno religioso em suas origens. Outro autor fundamental foi o antropólogo contemporâneo Clifford Geertz, quem possibilitou-nos olhar para a religião atentando para os seus símbolos e significados, ou seja, entendendo-a como fenômeno cultural significativo para a sociedade. Utilizo ainda autores que falam especificamente da vertente religiosa e da Igreja escolhida, o que permitiu compreender o fenômeno religioso evangélico nos dias atuais. O estudo permitiu a compreensão sobre o quanto o corpo das meninas evangélicas é educado pela religião. A partir das falas das próprias meninas sobre o assunto foi possível entender o modo como a educação religiosa gera implicações para a aula de Educação Física, visto que esta é uma disciplina que tem como conteúdo principal os elementos da cultura de movimento. Ao mesmo tempo em que a Educação Física, através de seus conteúdos, educa os gestos de seus alunos, estes já chegam até a escola com gestualidades impressas em seus corpos. Gestualidades estas, que são resultado das diversas formas de educação que eles recebem fora da escola, dentre as quais podemos citar a educação religiosa.

Palavras-Chaves: Educação; Corpo; Religião Evangélica; Educação Física.

RIGONI, Ana Carolina Capellini. **Evangelical religion marks on the females' bodily education: its implications for Physical Education at school.** 162p. Dissertation (Masters' degree in Physical Education)-Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

ABSTRACT

This study starts from the Human Sciences' theoretical frame of reference, specifically ethnographic research, aiming to understand how the usages and customs of a given religious group would influence the bodily education of its followers. The objective of this research was to understand how the bodily education of girls who follow *Igreja Evangélica Assembléia de Deus* (a Protestant church) takes place starting from religion; how it becomes visible in the actions and gestures of such girls, and which are its implications concerning Physical Education classes. There are ways to move around (gestures), ways to dress up, ways to conceive the wearing of adornments and beauty techniques which are specific of this religious group. The fact is all such bodily characteristics educated by Church make their way into school through our students, entailing a reflection on the part of teachers and researchers of the subject. Thus, this study is constituted as an Ethnography conducted within an *Igreja Evangélica Assembléia de Deus* church, in the city of Campinas, SP. The field research was conducted between March 2006 and December 2007, by means of such procedures as participant observation with simultaneous registration of data and semi-structured interviews with the Minister, with some members of the group and, specially, with the selected girls. All interviews were recorded and transcribed afterwards. As for the theoretical frame of reference, Sociology, Anthropology and Physical Education authors were used. Émile Durkheim and Marcel Mauss were necessary for the understanding of the religious phenomenon in its source. An other key author was the contemporary anthropologist Clifford Geertz, who allowed us to look at religion with attention to its symbols and significations, i.e., understanding it as a cultural phenomenon meaningful to society. Besides, I use authors who deal specifically with the chosen religious branch and religion, which allowed the understanding of the evangelical religious phenomenon nowadays. The study made possible the understanding of the extent to which the body of the evangelical girls is educated by religion. From the speech of the girls themselves on the subject it was possible to understand the way how religious education generates implications for the Physical Education class, since this is a discipline which has as its main constituent the elements of the culture of movement. While Physical Education, by means of its contents, educates the body of its students, they already reach school with a set of gestures impressed on their bodies; gestures resulting from the several forms of education received outside school, among which we can quote religious education.

Keywords: Education; body; Evangelical Religion; Physical Education.

SUMÁRIO

1 Introdução	11
2 Uma leitura sobre a religião.....	19
2.1 A religião em Durkheim, Mauss e Geertz.....	19
2.1.1 Os conceitos	23
2.2 O pentecostalismo e as igrejas evangélicas	38
2.3 A Assembléia de Deus.....	45
3 O corpo, as técnicas corporais e a educação religiosa feminina.....	51
3.1 O corpo e suas técnicas	52
3.2 O corpo e a Igreja	57
3.2.1 Corpo/alma: o início (criação) e o fim (morte)	64
3.2.2 De quem são as decisões? Do corpo ou da alma ?.....	66
3.2.3 A consagração e as coisas consagradas	69
3.3 A visão sobre (e das) mulheres na Igreja Evangélica Assembléia de Deus	73
3.3.1 Os usos e costumes direcionados as mulheres da Assembléia de Deus.....	80
4 As meninas evangélicas e os usos do corpo	85
4.1 Os usos do corpo pela mulher evangélica: uma opinião das meninas	92
4.2 As técnicas corporais das meninas da Igreja.....	108
4.2.1 A diversidade das técnicas corporais entre as meninas de um mesmo grupo.....	120
4.3 A educação religiosa e suas implicações para a escola e para a aula de Educação Física.....	125
4.3.1 A convivência com o grupo escolar.....	126
4.3.2 A aula de Educação Física	129
4.3.3 As meninas: visão sobre a escola e a aula de Educação Física	132
4.3.4 A aula de Educação Física e as práticas corporais	143
5 Considerações Finais.....	147
Referências	155
Anexos	159
Anexo 1	160
Anexo 2 ..	161

1 Introdução

Olhar as dimensões simbólicas da ação social – arte, religião, ideologia, ciência, lei, moralidade, senso comum – não é afastar-se dos dilemas existenciais da vida em favor de algum domínio empírico de formas não-emocionalizadas; é mergulhar no meio delas. A vocação essencial da antropologia interpretativa não é responder às nossas questões mais profundas, mas colocar à nossa disposição as respostas que outros deram [...] e assim incluí-las no registro de consultas sobre o que o homem falou (GEERTZ, 1989, p. 41).

O Brasil se configura como o maior país protestante da América Latina, abrigando pouco menos da metade dos cerca de cinquenta milhões de evangélicos estimados atualmente no continente (MARIANO, 1999). Dentre os cerca de 25 milhões de evangélicos no Brasil, a Igreja Assembléia de Deus abriga, sozinha, 20% de todos eles. Os dados do último censo realizado no país demonstram que a população “migrou” de outras religiões e, principalmente, da Igreja Católica para as Igrejas Evangélicas Pentecostais (IBGE, 2007). Além disso, Mariano (2004) afirma que a Igreja Evangélica Assembléia de Deus, junto com a Igreja Evangélica Universal do Reino de Deus, são as igrejas evangélicas que logram maior visibilidade pública e sucesso na política partidária.

Tendo em vista este aumento de seguidores evangélicos no país, fica evidente também o aumento do número de alunos nas escolas brasileiras que pertencem a esta religião. Isto traz à tona a diversidade cultural e, neste caso, a diversidade religiosa, a qual engloba maneiras diferentes de lidar com as crianças no âmbito educacional. Temos, numa única sala de aula, alunos que pensam, sentem e agem de formas diferentes não só por suas histórias de vida, de modo geral, como também por suas histórias religiosas.

Os fiéis de algumas igrejas evangélicas possuem características marcantes: roupas típicas, modos de cortar e de pentear os cabelos além de outros aspectos corporais facilmente perceptíveis, principalmente nas meninas desta religião. Por vezes, as meninas evangélicas são motivo de preocupação para o professor de Educação Física devido à dificuldade que este tem de trabalhar certas práticas corporais em suas aulas.

Ainda no que se refere à Educação Física, estas dificuldades podem ser muito grandes, pois é justamente no corpo das crianças evangélicas que se refletem as marcas desta crença. Sendo assim, questiono-me sobre quais são os resultados disso tudo. Será que isto poderia

gerar nas meninas dificuldades para vivenciar algumas sensações que as práticas corporais podem proporcionar? Isto ocasionaria a não participação delas nas aulas de Educação Física? Ou apenas ocasionaria a participação diferenciada nas aulas? Afinal, não são todas as meninas evangélicas que deixam de praticar as atividades propostas pelos professores, o que ocorre é que quando elas realizam os gestos propostos fazem-no de forma diferente dos outros colegas. Foi a partir desta constatação e do pressuposto inicial de que a religião influencia na educação do corpo dos indivíduos religiosos que dei início a esta pesquisa. A inquietação surgiu justamente em uma aula de Educação Física que eu ministrava em uma cidade do interior do Paraná, na qual algumas alunas evangélicas executavam gestos muito diferentes dos demais alunos. Claro que é preciso levar em conta que as diferenças entre as meninas evangélicas que participam da aula sem quaisquer problemas e aquelas que não participam são acentuadas se levarmos em conta a localização de cada igreja, pois os acontecimentos e seus significados são locais (GEERTZ, 1997). Certamente minhas alunas do interior do Paraná faziam parte de uma igreja muito tradicional e conservadora, o que não acontece com todas as igrejas evangélicas.

O interesse pelo tema (uma experiência no Paraná)

Para que o leitor entenda melhor meu pressuposto inicial, conto a seguir a história que levou a esta pesquisa, relativa a minha experiência na prática pedagógica da Educação Física, na escola em que trabalhava com crianças da 1ª a 4ª séries do Ensino Fundamental no município de Rebouças, PR.

Em uma de minhas aulas, cujo tema era o salto em altura e, em que utilizava uma corda esticada para que as crianças saltassem, observei que algumas alunas realizavam as atividades de maneira diferente do restante do grupo. Estas alunas, a meu ver, possuíam limitações na execução das atividades devido ao fato de participarem das aulas usando saia. Posteriormente descobri que elas faziam parte de uma igreja evangélica da denominação Assembléia de Deus, cujos princípios religiosos não permitem que as mulheres usem calças ou bermudas. Este fato me causou inquietação com relação à maneira como estas alunas participavam das atividades durante as aulas de Educação Física.

A diferença entre as crianças estava no modo como elas realizavam os gestos. Todas as outras crianças saltavam sobre a corda de forma muito parecida, enquanto as sete meninas evangélicas precisavam utilizar gestos e movimentos diferentes devido à grande

dificuldade em saltar por cima da corda, por causa do uso da saia. A igreja, – e aqui não me refiro especificamente a Evangélica, mas a todos os sistemas de crenças –, é fundada a partir de dogmas que levam as pessoas a acreditarem que alguns gestos ou movimentos são profanos, devendo assim ser evitados. O uso da saia, no caso citado, limitava os movimentos das meninas, dificultando o uso do corpo e restringindo suas gestualidades.

Algum tempo depois, após algumas conversas com as mães, estas permitiram que suas filhas freqüentassem as aulas vestindo calça ou bermuda. No entanto as alunas não apresentaram mudanças na maneira de realizar as atividades. Elas continuavam a realizar os movimentos como estavam acostumadas, ou seja, de acordo com o estabelecido culturalmente pela religião no modo de se vestir. Elas estavam tão habituadas a se movimentar de acordo com as limitações colocadas pelo uso da saia que, mesmo utilizando roupas que proporcionavam mais liberdade, não conseguiram se movimentar de forma diferente. Seus gestos já estavam suficientemente educados aos moldes da igreja.

Talvez aquelas meninas sequer desejassem realizar a atividade como os outros e nem eu queria que seus gestos fossem iguais aos dos demais. Mas o que pressupus na época é que o “tabu”, o medo de ir contra os preceitos de sua religião afastava estas crianças de algumas atividades propostas nas aulas de Educação Física, pois foram ensinadas que certas atividades não são convenientes. Desde o início me questionava se haveria naquelas alunas uma confusão entre o sagrado e o profano, entre o querer mas não poder. O que pressupus inicialmente é que a educação religiosa interfere e, por vezes, determina as ações e os comportamentos dos indivíduos o que se aplica, também, ao uso e à construção do corpo do fiel. Isto se deve a um conjunto de atitudes permitidas ou não, ensinadas ou não, de acordo com as crenças de cada religião.

Notei o quanto a cultura religiosa influencia no uso das “técnicas corporais” e na educação dos corpos. E quando me refiro aqui e no decorrer de todo o texto a “técnicas corporais”, estou utilizando o termo no sentido dado por Mauss (2003). Quando o autor se refere a “técnicas corporais” não está se referindo apenas às técnicas que são aprendidas em uma aula de Educação Física, nos quartéis militares ou nas academias de ginástica. Ele quer falar sobre algo mais amplo. O autor usa o termo técnicas do corpo para explicar os gestos e os modos de agir de cada indivíduo os quais são decorrentes de sua vida em determinada sociedade. Ou seja, atos tradicionais, porque a técnica a qual Mauss se refere não pode existir se não for tradicional, “[...] não há técnica e não há transmissão se não houver tradição” (MAUSS, 2003, p. 407).

A partir destas reflexões e percebendo a religião como um fenômeno cultural, a inquietação causada pelo fato observado numa aula deu margem a uma inquietação ainda maior, abrangendo não só a Educação Física. O objetivo era entender como se dá o processo de educação do corpo e como a religião está presente neste processo. No entanto, esta era uma questão muito ampla para que eu pudesse dar conta de resolver apenas nesta pesquisa. Foi por isso que, apenas pautada num exemplo específico, mas não voltada somente a ele (não voltada somente às aulas de Educação Física), optei por buscar a compreensão de uma educação do corpo e, especificamente do corpo feminino, a partir de aspectos religiosos. Isto me possibilitaria, ao final do estudo, tecer algumas implicações para a área da Educação Física.

Se gestos e comportamentos religiosos são passíveis de observação, eu não poderia dar conta, devido ao breve tempo que tinha e à diversidade de religiões existentes, de observar e entender todas elas. Optei por pesquisar a Assembléia de Deus porque, além desta ser a denominação mais numerosa no Brasil, minha experiência inicial havia sido com as meninas evangélicas desta denominação. O intuito de que seria justamente este universo cultural (de uma denominação mais conservadora) que me apontaria mais exemplos do que eu procurava também colaborou para a escolha da Assembléia de Deus.

Diante destas observações e pressuposições primárias, o objetivo desta pesquisa foi o de compreender como se dá a educação do corpo das meninas da Igreja Evangélica Assembléia de Deus, como esta se reflete nos gestos e técnicas corporais destas meninas e como isto gera implicações para a aula de Educação Física.

O caminhar metodológico

Tendo em vista que o foco da pesquisa foi a cultura de um grupo específico e os símbolos que ela representa, a Antropologia foi a área de estudo que forneceu instrumentos mais apropriados a ela. Desde meu ingresso no curso de mestrado tive um contato muito singular com os estudos antropológicos a partir de algumas disciplinas cursadas, por isso optei por realizar meu estudo nesta linha, utilizando especificamente a pesquisa etnográfica.

Busquei planejar quais seriam os procedimentos de pesquisa que iria utilizar. Optei por buscar subsídios teóricos na leitura das obras de Geertz as quais ensinam o que é uma prática etnográfica. Geertz (1989) diz que, para compreendermos o que é a ciência, devemos olhar para o que os praticantes dela fazem, e ele completa dizendo que, em antropologia social, o

que eles fazem é a etnografia. Percebi que além de estabelecer relações com os indivíduos sobre os quais eu estudaria, selecionar autores e tudo o mais que sempre é necessário em uma pesquisa, eu precisava também e, talvez esta fosse a parte mais difícil, realizar uma “descrição densa” da realidade social que iria estudar (GEERTZ, 1989). Ou seja, busquei olhar para o fenômeno religioso como quem olha para estruturas dotadas de significados e, a partir delas somente (mas não simploriamente), interpretá-las. O trabalho seria fazer da construção de outras pessoas – de seus códigos e valores - uma própria construção.

DaMatta (1978) diz que a pesquisa antropológica pode se constituir em três etapas. A primeira é o que ele denominou de *teórico-intelectual*, nas palavras do autor esta é a fase do uso e até do abuso da cabeça. Nesta fase o pesquisador ainda não tem nenhum contato com os indivíduos que farão parte do grupo específico pesquisado, apenas busca enxergar, perceber e estudar aquilo que futuramente buscará ver. Uma segunda fase pode ser denominada de *período prático*, é a fase que implica na mudança das teorias para os problemas concretos, ou seja, quando o pesquisador se prepara para ir a campo. A terceira e última fase, DaMatta chama de *peçoal* ou *existencial*. Aqui o pesquisador deve ter uma visão em conjunto de tudo que diz, disse e dirá o seu trabalho, ou seja, é a hora de dialogar tudo aquilo que leu com o que é dito pelos “seres reais” de sua pesquisa. O pesquisador está em campo e é nesta hora que ele percebe, como afirma DaMatta, que está de frente para outra cultura que não é a sua. É o seu mundo e um outro.

É justamente esta a vantagem da etnografia pois, como mostra Geertz (1989), além de ela criar discursos sobre a cultura, possibilita a descrição e a interpretação dos fenômenos culturais que envolvem um determinado grupo social, suas rotinas e seus costumes. Isto, de certa forma, possibilitou colocar-me na perspectiva dos sujeitos investigados, compreendendo assim a lógica que rege as ações do grupo, ou seja, as razões pelas quais as pessoas agem da maneira como agem. Enfim, isto me oportunizou compreender o significado da construção do corpo a partir da religião evangélica.

A partir daí, buscando familiarizar-me com o que me parecia estranho (GEERTZ, 1989), busquei respostas para as questões relativas à construção do corpo pela cultura religiosa. Busquei observar e documentar as ações cotidianas de um grupo específico. Minha intenção foi a de me colocar do mesmo lado do observado, incorporando-me ao grupo, ou seja, à Igreja, para poder participar de suas atividades religiosas. Observei os ritos e busquei

compreender as crenças que possivelmente fazem parte do cotidiano do fiel desde a infância, colaborando para uma educação do corpo desde muito cedo. Busquei respostas para as transformações do corpo pela cultura evangélica. Posteriormente, para poder fazer alguns apontamentos sobre como este processo de educação religiosa pode ter alguma influência nas aulas de Educação Física, procurei compreender o que pensam e sentem as meninas da Igreja a respeito desta disciplina escolar que compõe a cultura de movimento.

Sendo assim, este estudo foi uma etnografia realizada em uma Igreja Evangélica Assembléia de Deus, localizada no bairro Vila Santa Isabel, em Barão Geraldo, na cidade de Campinas – SP. A Igreja estudada é conservadora com relação a seus costumes e tradições, que são pautados num ideal sectário e ascético. A maioria de seus membros são economicamente desfavorecidos, assim como muitos dos moradores do bairro em questão. É uma Igreja simples, freqüentada por pessoas humildes e que fazem da Igreja um de seus principais compromissos e distrações. Os membros vêem na religião uma dimensão importante do cotidiano, sem a qual muitos não veriam sentido em viver, afinal, a Igreja é também o lugar onde ocupam o tempo livre.

Iniciei, no dia 1º de agosto de 2006, minha pesquisa de campo, com observações participativas em todos os cultos que aconteceram na Igreja. Durante este tempo de pesquisa busquei estreitar minha relação com os membros da Igreja para deixar de ser estranha a eles e para que eles deixassem de ser estranhos a mim. No início, assisti a todos os tipos de culto praticados na Igreja, mas após perceber que todos tinham contornos parecidos, optei por dar maior ênfase aos cultos de domingo, tanto os da manhã como os da noite. Outro motivo que me levou a dar preferência aos cultos de domingo foi o fato de que era neles que se reunia o maior número de fiéis da Igreja, pois ele era “obrigatório” para toda família (seu nome já demonstrava sua importância), o culto da manhã era denominado de “Educação Dominical para a Família” e o da noite de “Culto da Família”.

A partir de fevereiro de 2007, bem mais entrosada, dei início às entrevistas semi-estruturadas com alguns membros da Igreja. Priorizei as entrevistas com as professoras da Educação Dominical, pois, a meu ver, elas faziam parte do grupo de pessoas que influenciavam diretamente a educação e a formação das meninas que seriam, posteriormente, meu objeto de estudo. Dei ênfase também às entrevistas com o Pastor, pois entendi que ele era o modelo de indivíduo a ser seguido pelos membros da Igreja. Era ele quem repassava aos membros da Igreja

o modo como deveriam se comportar e como deveriam educar seus filhos, afinal, ele era o “porta-voz” de Deus e poderia me esclarecer a respeito de questões as quais eu não conhecia mas que, de certa forma, eu intuía que seriam importantes para o desenvolvimento deste estudo. Como meu objetivo era entender a educação do corpo das meninas que freqüentavam a Igreja optei por, nos dias da Educação Dominical, participar exclusivamente da turma composta pelas meninas que havia pré-selecionado para a pesquisa. Decidido isso, a partir do 1º semestre de 2007 participei exclusivamente da turma selecionada, do 2º semestre em diante iniciei também as entrevistas semi-estruturadas com as referidas meninas. No início de minhas participações, o grupo que eu havia selecionado contava com seis meninas, mas ao longo do tempo uma desistiu, restando cinco delas, caso que explico melhor no decorrer do texto.

A organização do texto

O texto está dividido em três grandes partes. Num primeiro momento da pesquisa, senti a necessidade e a importância de ler alguns textos escritos pelos autores clássicos que estudaram o tema, o que me foi útil na medida em que me ajudou a adquirir uma visão geral e histórica sobre a religião. Por isso, no primeiro capítulo, começo fazendo alguns apontamentos sobre as idéias de Émile Durkheim e Marcel Mauss e o que elas significaram para os estudos da religião. Aponto que suas teorias foram importantes e que alguns de seus conceitos permanecem atuais, no entanto, em sua maioria, não traduzem, nem respondem as questões atuais sobre a religiosidade. Para entendermos o fenômeno nos dias de hoje, utilizamos o autor contemporâneo Clifford Geertz e seus conceitos sobre religião. O autor nos fornece a compreensão do fenômeno religioso como algo dotado de significados que se modificam de sociedade para sociedade, ao longo do tempo. Além disso, Geertz fala sobre a cultura e o papel que ela desempenha na vida social. No segundo tópico, deste mesmo capítulo, faço uso de dois autores atuais que falam particularmente sobre o pentecostalismo. Tentei localizar o leitor sobre o que é esta vertente religiosa e, principalmente, o que é a Assembléia de Deus. Para isso, uso particularmente o livro organizado por Alberto Antoniazzi, *Nem anjos nem demônios*, e o livro de Ricardo Mariano, *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. Ainda neste capítulo, busco demonstrar algumas relações da religião e da Assembléia de Deus com o uso do corpo e seus gestos.

No segundo capítulo, baseada nas pesquisas que tratam das questões relativas ao corpo como, por exemplo, os estudos da historiadora Denise Sant' Anna e da professora e pesquisadora da área da Educação Física, Carmem Lucia Soares, falo especificamente sobre a diversidade dos corpos e de seus usos na sociedade. Falo sobre um grupo de mulheres que “aparentemente” não fazem parte desta sociedade de busca da beleza. Estas mulheres, na tentativa de se aproximarem de Deus e de serem bem vistas pelos membros do grupo que freqüentam, aprendem e utilizam-se de técnicas corporais específicas, que são aquelas ensinadas pela religião. No segundo item deste capítulo, começo a contar sobre minha chegada no campo e minhas primeiras participações na Igreja. Neste item constam algumas falas e concepções do pastor e de outros membros sobre a Igreja e suas relações com o corpo. O último tópico dedico às questões relativas a visão da mulher sobre as regras, usos e costumes da Igreja. Estas regras são, em sua maioria, compostas por características que as diferenciam de outras mulheres que não fazem parte do grupo religioso.

No terceiro capítulo elaboro uma discussão em três tópicos. No primeiro tópico falo sobre o uso do corpo pelas meninas estudadas e suas relações com a aparência. Trato de algumas questões como o uso de adornos, as roupas específicas que fazem parte do vestuário evangélico feminino, o uso ou não uso de maquiagem e os cuidados com os cabelos. No segundo tópico falo das questões relativas ao corpo das meninas evangélicas, suas gestualidades e técnicas corporais educadas pela Igreja. No terceiro e último tópico falo, especificamente, sobre como esta educação do corpo, demonstrada nos capítulos e tópicos anteriores, gera implicações para a aula de Educação Física. Faço isso pautando-me na visão das próprias meninas sobre as questões propostas.

Neste sentido, o texto traz à tona, nas considerações finais, a necessidade de respeito à diversidade, especificamente à diversidade corporal, no que se refere aos gestos presentes nas alunas evangélicas. Há de se considerar que a educação religiosa gera diversas implicações ao uso do corpo das meninas nas aulas de Educação Física e que isto nem sempre é tratado com o devido merecimento pelos professores da área. Percebi que, não só a Igreja tenta educar o corpo dos membros que a freqüentam, mas a escola e a Educação Física tradicional também tentam fazer o mesmo. Isto torna necessária uma reflexão em torno dos objetivos da Educação Física. Reflexão já iniciada por alguns autores que tratam a área pelo viés das Ciências Humanas.

2 UMA LEITURA SOBRE A RELIGIÃO

O mundo não funciona apenas com crenças. Mas dificilmente consegue funcionar sem elas (GEERTZ, 2001, p.155).

2.1 – A RELIGIÃO EM DURKHEIM, MAUSS E GEERTZ

Para Geertz (1989), nem mesmo os efeitos da II Guerra Mundial foram capazes de levar os estudos sobre religião a qualquer progresso de maior importância. Para o autor, continuamos a viver da teoria dos antepassados, Durkheim, Weber, Freud ou Malinowski, acrescentando muito pouco a elas. Sendo assim, acredito que é preciso inaugurar uma nova fase de trabalho que possibilite novas descobertas, não apenas reproduzindo os “grandes homens”, mas como mostra Geertz, colocando-nos à altura deles. Para isso, segundo ele, não precisamos abandonar as tradições estabelecidas mas ampliá-las. É ele mesmo quem afirma que iniciar uma pesquisa com uma das discussões importantes desses autores é inevitável para qualquer teoria antropológica da religião que queira ser útil. Portanto, estaremos, no decorrer deste capítulo, buscando compreender o que as idéias de Durkheim e de Mauss significaram aos estudos da religião. Entendo que seus escritos retratavam a religião dos povos primitivos e que não podem ser aplicados de modo linear para a análise das religiões e sociedades contemporâneas, visto que a religião a qual me proponho a estudar, justamente por ser um projeto da sociedade contemporânea, foi criada e institucionalizada com outros intuítos e objetivos, que não os das religiões estudadas por Durkheim e Mauss.

Portanto, como pano de fundo para este estudo, é indispensável o trabalho do antropólogo Clifford Geertz que, em suas idéias, deixa clara a importância de se perceber o significado que os fenômenos têm e suas transformações ao longo dos anos. Mas, para entender estas transformações, é preciso olhar para o fenômeno em seu início. Como minha formação acadêmica foi na área da Educação Física, eu não havia tido contato, até então, com os conhecimentos que dizem respeito à teoria das religiões. Sendo assim, esta pesquisa se

configurou como algo novo para minha empreitada acadêmica, o que exigiu, de minha parte, esforços no sentido de compreensão de um tema até então desconhecido. Esse foi o motivo de, num primeiro momento deste estudo, fazer a leitura de autores clássicos, pois, em meu entendimento, não havia como falar sobre religião sem conhecer o que os grandes estudiosos falaram sobre o tema. Foi assim que realizei um trabalho de entendimento das “origens” e dos “avanços” das questões religiosas ao longo do tempo. A leitura de Durkheim e de Mauss foi necessária para que eu pudesse entender o significado do fenômeno religioso em suas origens. Já o avanço, a partir de leituras atuais, foi fundamental para a compreensão sobre o que significa a religião na sociedade contemporânea e suas relações com o corpo.

Émile Durkheim (1858-1917) foi e ainda é uma referência fundamental da sociologia. Autor de obras conhecidas como *As regras do método sociológico* (1895), *O suicídio* (1897) e *As formas elementares da vida religiosa* (1912), inaugura, em sua época, uma nova concepção na sociologia ao definir o fator social como determinante do pensamento individual. Durkheim se torna importante porque, já naquela época, percebia o homem como um ser social. Ele afirma que o homem é duplo. “Há dois seres nele: um ser individual, que tem sua base no organismo e cujo círculo de ação se acha, por isso mesmo, estreitamente limitado, e um ser social, que representa em nós a mais elevada realidade, na ordem intelectual e moral, que podemos conhecer pela observação, quero dizer, a sociedade” (DURKHEIM, 1996, p.XXIII). No que se refere à obra mais importante de Durkheim para a realização de meu trabalho, *As formas elementares da vida religiosa*, constitui-se como uma das obras fundadoras da antropologia religiosa. Nela, o autor fala sobre a origem das religiões pautando-se nas tribos primitivas da Austrália.

Marcel Mauss (1872-1950)¹ foi sobrinho de Durkheim e também seu herdeiro na condução da Escola Sociológica Francesa. Foi conhecido como o “pai da etnologia” na França. Mauss é lembrado como o célebre autor de *Essai sur le Don* (Ensaio sobre a dádiva), de 1925, no qual desenvolve a idéia de fato social total que se tornou de grande importância para a Antropologia. Mauss encerra suas atividades públicas em 1940, quando a ocupação alemã na França causaria a expulsão dos judeus, inclusive a dele, dos cargos que ocupavam. Em 1950, George Gurvitch e Claude Lévi-Strauss publicam o livro de Mauss, *Sociologie et Anthropologie*.

¹ A autora que comenta sobre a vida e a obra de Mauss é Renata de Castro Menezes, antropóloga e pesquisadora do Iser/Assessoria. Retirado do texto “Marcel Mauss e a sociologia da religião” da obra *Sociologia da Religião* organizada por Faustino Teixeira, 2003.

É Lévi-Strauss mesmo quem fala sobre o modernismo do pensamento de Mauss que, já em 1926, colocava a importância de se estudar o homem levando em conta os fatos sociais. Mauss sobrepõe a teoria de Durkheim a respeito do homem, no momento em que diz que o homem deve ser estudado a partir do que ele chamou de “homem total”², o que para o autor significa olhar para o homem a partir de três categorias: uma biológica, outra psicológica e outra social. Assim, o homem duplo de Durkheim passa a ser visto a partir da tríplice abordagem maussiana. Mas ambos concordam que os comportamentos dos indivíduos são “formulações coletivas”, norteadas pela sociedade.

Nesta mesma obra publicada em 1950 encontra-se um capítulo que contribuiu muito para a minha pesquisa, no qual Mauss fala sobre as “técnicas do corpo”. Neste capítulo ele nos mostra como o corpo é educado ao longo do tempo, pautado no modelo da sociedade em que vive. Acredito que não é por acaso que, em sua trajetória, Mauss venha falar de técnicas corporais depois de ter falado sobre fato social total, visto que em sua análise das técnicas do corpo busca analisar o “homem total”. Também não é por acaso que estejamos falando sobre eles (fato social total e homem total) num mesmo texto em que falamos sobre “religião”, pois entendemos que os fenômenos religiosos se constituem como fatos sociais totais e que, por trás deles, existem elementos preciosos do universo físico, psicológico e social. Mauss foi também um dos maiores contribuintes para o estudo das religiões. Para isto teve o apoio de Henri Hubert, membro da mesma escola e companheiro de Mauss nas buscas pelos fenômenos religiosos. Juntos escreveram alguns textos sobre os sacrifícios religiosos dos povos primitivos. O livro intitulado *Sobre o Sacrifício*, que contém os estudos citados, foi publicado no Brasil em 2005, mas fora publicado originalmente por Mauss em 1899 com o título de *Ensaio sobre a natureza e a função do sacrifício*. Nele, os autores falam sobre como os sacrifícios podiam ser concebidos sob a forma de contratos com Deus ou deuses, na busca de uma dádiva.

Durkheim e Mauss se constituíram como importantes autores nos estudos sobre religião, no entanto, o que escreveram era condizente com a época em que o fizeram. Hoje, o pensamento funcionalista de Durkheim e o estruturalismo de Mauss já não respondem às questões que emergem sobre o tema. As idéias de Mauss quanto ao “fato social total” e as “técnicas corporais” são mais úteis neste estudo do que seus escritos sobre religião. Assim, torna-

²Mauss (2003) diz que é preciso entender o homem em sua totalidade, para isso não é possível ver o homem somente como um conjunto de sistemas biológicos, e sim como alguém que preenche a existência humana de significados. Significados estes que são frutos tanto de dimensões sociológicas, quanto psicológicas e fisiológicas.

se necessário o uso de estudiosos que “olham” e pensam mais de perto a religiosidade dos dias atuais.

Geertz (1989), em seus estudos sobre a religião, restringe-se a interpretar a “dimensão cultural da análise religiosa”. Como meu empreendimento também foi este, torna-se importante citar o conceito de cultura formulado pelo autor.

De qualquer forma, o conceito de cultura ao qual eu me atendo não possui referentes múltiplos nem qualquer ambigüidade fora do comum, segundo me parece: ele denota um padrão de significados transmitidos historicamente, incorporado em símbolos, um sistema de concepções herdadas expressas em formas simbólicas por meio das quais os homens comunicam, perpetuam e desenvolvem seu conhecimento e suas atividades em relação à vida (GEERTZ, 1989, p.103).

Assim, consigo visualizar uma perfeita relação entre o significado da palavra religião e o conceito de cultura expresso pelo autor. A religião justamente faz parte deste padrão de significados (dogmas e crenças) que são transmitidos no decorrer do tempo, de geração a geração e, nele, vemos incorporadas diversas formas simbólicas (santidades, deuses, demônios, ritos, sacrifícios), que se constituem em códigos através dos quais os fiéis podem se comunicar.

“Como sistemas entrelaçados de signos interpretáveis [...], a cultura não é um poder, algo ao qual podem ser atribuídos casualmente os acontecimentos sociais, os comportamentos, as instituições ou os processos”. A cultura é um contexto, dentro do qual estes acontecimentos e comportamentos podem ser descritos de forma inteligível, ou seja, de forma densa (GEERTZ, 1989, p.24). Por isso a religião pode ser interpretada e descrita sem o receio de não se dizer “a verdade”, pois esta “verdade” é um contexto, e acima de tudo é um contexto que Geertz (1997) chamaria de local.

A descrição e compreensão dos comportamentos vistos em uma igreja específica só servem para entender aquele contexto específico. Como Geertz (1997) demonstra, aquilo que se vê depende do lugar em que foi visto e das outras coisas que foram vistas ao mesmo tempo. Ou seja, a explicação é feita em estruturas locais de saber. Portanto, a compreensão dos fenômenos observados numa determinada Igreja possivelmente seria diferente da compreensão de outra observação realizada numa outra Igreja, mesmo que as duas pertencessem à mesma denominação, como por exemplo, a denominação Assembléia de Deus.

Assim sendo, entendemos que a cultura também é local. Os comportamentos e tradições seguidos pelos fiéis de uma igreja são locais e talvez únicos, não podendo ser

comparados de forma simplificada a outras igrejas. Existe uma coletividade que dá voz a esta igreja, ditando os modos de agir e de viver de forma muito particular. Conseqüentemente estes modos de agir se perpetuam no tempo e nos corpos de cada fiel, demonstrando que a religião se confere como uma estratégia de intervenção no corpo.

Entender a religião tendo como base a leitura de Geertz é necessário no sentido de compreender que os estudos feitos anteriormente como, por exemplo, os estudos de Durkheim e de Mauss, foram importantes para a época, mas já não respondem de forma satisfatória às questões religiosas atuais.

2.1.1 Os conceitos

O fato de este texto voltar-se para a leitura de professores e estudiosos da Educação Física e que, supostamente, não possuem intimidade com as questões tratadas por pesquisadores do fenômeno religioso, traz à tona a necessidade de elaborarmos uma breve conceituação teórica sobre os autores já citados.

Durkheim e Mauss foram utilizados como forma de demonstrar as mudanças ocorridas nos estudos sobre a religião no decorrer do tempo, facilitando o entendimento de suas diferentes configurações nos dias de hoje. Pois, concordando com Durkheim (1996), penso que não há como entender a religião se não levarmos em conta suas mudanças e transformações ao longo do tempo. Não podemos subestimar as crenças antigas se quisermos entender o homem religioso de hoje.

Os dois autores falam em suas obras de uma educação mediada pela sociedade. Mas enquanto Durkheim diz que o homem é fruto desta sociedade (normatizado por ela)³, Mauss “abre mais uma porta” quando vem falar sobre “tradição”. Isto nos faz perceber que o homem é educado de acordo com diversos costumes (tradições) da sociedade na qual está inserido, o que não significa que ele irá se tornar um modelo igual a todos os outros homens que fazem parte desta mesma sociedade. Quando, pautada em Mauss, falo sobre tradição, tenho claro que ela é construída lentamente, ao longo do tempo e passível de ser modificada. Entendo que os escritos de Mauss sobre as técnicas corporais são mais importantes para este estudo do que propriamente

³ O fato de Durkheim ter levado em consideração a educação social já significa um grande avanço para a época. Principalmente no que diz respeito aos estudos que têm como ponto de partida as questões da cultura e não da natureza.

seus escritos sobre a religião. A noção de “fato social total” elaborada por Mauss pode ser condizente com o fenômeno religioso nos dias de hoje. Mauss (2003) entende que os fatos sociais devem ser vistos como totais pois eles põem em ação a totalidade da sociedade e suas instituições, ou seja, são totais porque envolvem fenômenos de diversas ordens: jurídicos, econômicos, religiosos, estéticos, etc. É assim que entendo a igreja Evangélica Assembléia de Deus. Nas relações entre seus membros e líderes vemos questões de ordem emocional (psicológica), financeira (dízimos e “ofertas” para ajudar no trabalho dos missionários), uma profunda relação social, apelos estéticos, etc.

Durkheim (1996, p.18) dizia que a religião não pode ser vista como uma espécie de entidade indivisível pois, na verdade, ela é um todo formado de partes. “[...] é um sistema mais ou menos complexo de mitos, de dogmas, de ritos, de cerimônias”. Além de todos estes componentes citados por Durkheim, encontramos hoje mais uma gama de outros componentes que nos remetem a idéia de “fato social total” desenvolvida por Mauss. Afinal, as igrejas atuais e principalmente a que observei, ou seja, a Igreja Evangélica Assembléia de Deus, fazem de seus cultos um fenômeno o qual engloba componentes místicos, econômicos, psicológicos, sociais, fisiológicos, etc..

Assim como Durkheim, concordo que não há como compreender os ritos e as crenças de um grupo religioso se, neste processo, atribuímos qualquer juízo de valor às crenças observadas. Isto seria fazer dos textos científicos uma guerra contra as religiões e, segundo Durkheim, este não poderia ser o papel de um sociólogo. A religião pertence à sociedade e por isso, para o autor, ela exprime o real. Apesar de, às vezes, estranharmos alguns rituais religiosos, é preciso ver debaixo do símbolo que ele representa.

Mas, debaixo do símbolo, é preciso saber atingir a realidade que ele figura e lhe dá sua significação verdadeira. Os ritos mais bárbaros ou os mais extravagantes, os mitos mais estranhos traduzem alguma necessidade humana, algum aspecto da vida, seja individual ou social (DURKHEIM, 1996, p. VII).

Concordo com o autor quando este diz que, por trás dos ritos, existem realidades significativas traduzidas pelas necessidades humanas, mas foi justamente esta necessidade humana citada por ele que sofreu e sofre mudanças ao longo dos anos. Hoje, esta necessidade não se configura apenas na busca da salvação da alma, mas também no que o fiel faz e recebe ainda

em vida, ou seja, a necessidade se tornou mais imediata do que era nos estudos feitos por Durkheim.

Há, sem dúvida, um mérito na teoria de Durkheim que, apesar das limitações de sua época, já falava em “símbolo”. Ele queria fazer entender que por trás de uma “coisa” sempre tem outra “coisa”, ou seja, existem outros significados por trás dos fenômenos religiosos que não são os únicos que enxergamos.

O autor diz que as razões pela qual o fiel concebe a si próprio para justificar determinados atos podem ser, e muitas vezes são, errôneas. Mas o mais importante, segundo ele, é que a religião é verdadeira por traduzir uma necessidade humana, visto que são justamente estas necessidades que fazem com que o homem crie motivos para justificar sua crença. Mais do que isso, ao taxar algo como “errado” ou “certo”, contradiz a idéia do “significado” que as coisas têm para cada um. Pois, exatamente estes motivos “criados” pelo homem e dotados de significados por ele mesmo é que dão à religião seu aspecto verdadeiro como fato social.

É bom esclarecer que para Durkheim a religião é vista como um fenômeno social, no qual as crenças dos homens só se explicam por terem significados especificamente humanos investidos em seus conceitos. Durkheim se coloca, explicitamente, como um incrédulo de qualquer força sagrada que não aquela formulada e investida de força pelos homens. Para o autor, as mudanças ocorridas na vida do fiel e que eles crêem ser de cunho religioso só acontecem porque o inconsciente humano, fortalecido por um ideal de religião, é suficientemente poderoso para ocasionar mudanças. Ou seja, o poder coletivo investido por um grupo social é capaz de causar significativos sentimentos de religiosidade que só são reais porque são legitimados pela crença humana. Acredito que o termo “coletivo”, utilizado por Durkheim, seja válido para as religiões atuais. Afinal, é Geertz (2001) quem também esclarece o fato de que a religião não pode ser pensada como algo individual, mas coletivo.

As representações coletivas são o produto de uma imensa cooperação que se estende não apenas no espaço, mas no tempo; para criá-las, uma multidão de espíritos diversos associou, misturou, combinou suas idéias e seus sentimentos; longas séries de gerações nelas acumularam sua experiência e seu saber (DURKHEIM, 1996, p.XXIII).

Assim sendo, as representações religiosas são representações coletivas que exprimem realidades coletivas, por isso “os ritos são maneiras de agir que só surgem no interior

de grupos coordenados e se destinam a suscitar, manter ou refazer alguns estados mentais desses grupos” (DURKHEIM, 1996, p. XVI). Ou ainda, os ritos servem para atestar crenças coletivas.

Sendo assim, entendendo algumas crenças religiosas, podemos entender os ritos que dela se originaram. E, assim como Durkheim, penso que entender os ritos e crenças religiosas é muito mais do que simplesmente entender determinada religião, é entender a sociedade da qual ela faz parte. Para o autor, a religião é eminentemente social e não há como negar que todas elas sejam ricas em elementos sociais. E é a partir destes elementos sociais específicos que podemos entender uma sociedade também específica. Os ritos e comportamentos de pessoas que freqüentam determinado grupo religioso mostram as visões de mundo deste grupo. Percebi no comportamento dos fiéis da Igreja Evangélica Assembléia de Deus muito mais do que simples elementos religiosos. Percebi que estes elementos podiam me indicar histórias de vida e, mais do que isso, poderiam me indicar maneiras escolhidas pelos fiéis para educarem seus corpos para viver em sociedade.

Por tudo isto, entendi que para compreender uma religião, qualquer que seja ela, não podemos olhá-la com preconceito. Como já disse anteriormente, é necessário apenas compreender e não emitir julgamentos de valor sobre as pessoas que fazem parte daquela crença.

Tentando definir o fenômeno religioso, Durkheim (1996) diz que uma noção geralmente tida como característica de tudo que é religioso é a noção de sobrenatural. O autor entende por sobrenatural tudo que ultrapassa o alcance de nosso entendimento. É o mundo do místico, do incompreensível, seria quase uma especulação sobre tudo que escapa à ciência. Citando Spencer⁴, Durkheim diz que as religiões, com seus dogmas, concordam em reconhecer que o mundo “[...] com tudo que contém e tudo que o cerca, é um mistério que pede uma explicação; portanto, ele as faz consistir essencialmente na ‘crença na onipresença de alguma coisa que vai além da inteligência’” (DURKHEIM, 1996, p.5).

Mas como afirma o autor, para se admitir que existam certos fatos sobrenaturais, era preciso já ter um sentimento construído de que existe uma ordem natural das coisas (leis universais). No entanto, para Durkheim (1996, p.10) a religião não serve para explicar o que há de excepcional nas coisas (aquelas que fogem às leis naturais e universais), mas serve justamente para explicar o que tem de constante e regular. Vemos muito mais exemplos de utilização dos

⁴ SPENCER. *Premiers principes*, Trad. Fr., pp. 38-39 (Paris, Alcan).

deuses para explicar as coisas simples e de rotina como a chuva, a beleza da natureza, etc., do que para explicar monstruosidades e anomalias.

Além da noção do sobrenatural, Durkheim (1996, p.11) utiliza a idéia de “divindade” para definir a religião. Para explicá-la, faz uso de uma definição formulada por C. Réville⁵ que diz: a religião “[...] é a determinação da vida humana pelo sentimento de um vínculo que une o espírito humano ao espírito misterioso no qual reconhece a dominação sobre o mundo e sobre si mesmo, e ao qual ele quer sentir-se unido”. No entanto, contrapondo a idéia de Réville, ele utiliza Tylor⁶ para afirmar que não podemos entender a palavra religião como a crença numa divindade suprema, pois, senão, haveria um certo número de tribos que estaria excluída do mundo religioso. Exemplo disto é o caso dos budistas⁷.

Assim, parece preferível ao autor, em se tratando do conceito de divindade, definir religião apenas como a crença em seres espirituais que, por sua vez, são sujeitos dotados de poderes superiores aos que os homens comuns possuem. Alguns exemplos são os anjos, os demônios e as divindades propriamente ditas.

Apesar de tantas tentativas de definição sobre a religião, para Durkheim (1996), assim como para Mauss, Hubert (2005), o que melhor define o fenômeno religioso é a oposição entre o sagrado e o profano. Para os autores, a religião é justamente a busca pelo sagrado e o abandono da vida profana.

Durkheim (1996) diz que todas as crenças supõem uma classificação das coisas em “reais” ou “ideais” e que, para ele, estão ligadas ao profano e ao sagrado, respectivamente. Assim como Mauss, Durkheim também diz que a divisão entre sagrado e profano traduz bem o pensamento religioso. A exemplo disto teríamos os homens como profanos e, portanto, reais, e os deuses como sagrados e, portanto, ideais. Os ritos, por sua vez, são responsáveis pela comunicação entre ambos.

Assim como não há sociedade conhecida sem religião, também não existe nenhuma sociedade em que não se encontre um sistema de representações coletivas que dizem respeito à alma, à sua origem e a seu destino. E a crença na imortalidade das almas é a única

⁵ C. RÉVILLE. *Prolégomènes à l’histoire des religions*, p.34.

⁶ TYLOR. *La civilization primitive*, I, p.491.

⁷ Segundo Durkheim (1996), o budismo é uma das religiões em que a idéia de deuses e espíritos está ausente, ou pelo menos apagada, desempenhando papel secundário. Os fiéis budistas não reconhecem um deus do qual eles dependam para viver. Buda é um homem superior a todos os outros homens, mas que veio apenas para revelar a doutrina, uma vez feita esta revelação, a obra de Buda estaria cumprida.

maneira que o homem possui para explicar a si mesmo o fato que não pode deixar de chamar sua atenção que é a perpetuidade da vida do grupo (DURKHEIM, 1996).

É importante deixar claro que para Durkheim há realmente uma parte de nós mesmos a qual não está colocada sob a dependência imediata do corpo. É o que os povos australianos chamavam de alma mas que, para o autor, é tudo que em nós representa a sociedade. No entanto, fica difícil utilizar esta idéia para as religiões de hoje, pois o fato de o corpo ser educado e vigiado é um sinal de que a alma está totalmente ligada a ele e em sua dependência.

Mas a alma sempre foi considerada uma coisa sagrada, oposta ao corpo que é “naturalmente” profano (DURKHEIM, 1996). O que o autor quis dizer é que para as crenças religiosas o homem é formado por duas partes distintas que se opõem uma à outra e que, obviamente, uma hierarquia é formada nesta classificação, pois uma das partes é melhor e superior à outra. Esta parte superior seria o divino que existe em nós. Hoje, a idéia de profano e de sagrado se modificou. O corpo e as coisas do mundo, que antes eram consideradas profanas, continuam sendo, para os membros da Assembléia, a parte de nós que está mais próxima do pecado e das tentações. Mas já não existe nada de profano em, por exemplo, preocupar-se com bens materiais e conforto, que são tidos como coisas “mundanas”. As religiões se tornaram mais imediatistas e preocupadas com o “agora”. Continuam enaltecendo a alma como sempre o fizeram mas não estão mais diminuindo a importância do corpo e das coisas materiais.

Para o homem religioso, vencer a batalha contra o mal é necessário, mesmo que para isso algumas medidas sejam tomadas como, por exemplo, os sacrifícios religiosos. Sacrifícios estes comentados por Mauss, Hubert (2005), os quais dizem respeito à realidade primitiva. Ainda hoje encontramos diversas formas de sacrifícios, mas eles em nada se parecem com os descritos pelos autores.

Os autores falam sobre o sacrifício (rito) e sobre quais são as práticas ligadas a ele. Foi justamente pensando nos ritos que dizem respeito ao corpo que busquei nos estudos de Mauss e Hubert explicações sobre a função social do sacrifício. Para os autores, um rito sacrificial não precisa estar necessariamente ligado à religião, mas geralmente está, e com certeza teve origem a partir dela.

É importante deixar claro que busquei os estudos sobre o sacrifício porque ele é um rito religioso que sempre esteve ligado ao corpo. O termo “sacrifício” é utilizado pelos autores para designar certos rituais praticados por indivíduos de um determinado grupo para

iniciar ou manter o contato com deus, ou ainda, deuses dos quais têm necessidade. Ou seja, o sacrifício é composto de atos e rituais os quais servem para colocar em contato o mundo do sagrado com o mundo do profano.

Os autores falam de sacrifício referindo-se ao que, na época, era delimitado em rituais que tinham sempre uma vítima a ser sacrificada. No entanto, nos dias de hoje, estes tipos de sacrifícios são raros. O termo sacrifício, para os autores, quer dizer tudo que engloba certos rituais, sejam eles de rotina ou não, e que não são necessariamente atos os quais causam desconforto, dor ou sofrimento, como é de costume pensar em nossa sociedade quando se emprega este termo. O termo sacrifício, para os autores, tem mais relação com o significado da palavra ritual do que da palavra penitência. Ele é a maneira pela qual os seguidores de uma determinada crença tentam entrar em contato com o mundo sagrado. Estes ritos podem ser de adesão a determinados comportamentos ou de abdicação a outros.

Mauss, Hubert (2005, p.101) demonstraram que “todo sacrifício ocorre sob certas circunstâncias em vista de fins determinados”, e é da diversidade destes fins buscados pelo fiel que nascem as várias modalidades de sacrifício, inclusive as atuais. O que é mais importante na obra dos autores é a afirmação de que não há nem uma religião em que estas modalidades citadas por eles não coexistam em maior ou menor número e, assim como a prece, podem servir a uma variedade de funções⁸. Mais do que isso, o que entendo é que em todas estas modalidades o elemento mais importante presente nos rituais é o “corpo” do indivíduo fiel. Em todos os ritos podemos perceber comportamentos que colocam o corpo como o objeto do sacrifício, portanto, necessário de ser estudado para ser compreendido a partir do fenômeno religioso.

Para Mauss e Hubert, é certo que o sacrifício sempre concebeu aos fiéis direitos sobre o seu deus, pois a partir do momento em que um fiel se sacrifica, deus se sentiria obrigado a retribuir este sacrifício de alguma forma. Ou seja, quando um sacrifício é feito, isto conseqüentemente gera ao sacrificante o direito de ter o retorno do seu deus. Este retorno pode ser o alcance de uma graça ou a eliminação de um caráter sagrado, seja ele puro ou impuro como, por exemplo, a eliminação de um pecado cometido ou a libertação do fiel de algum espírito do mal (estes são exemplos do sacrifício de redenção citado anteriormente).

⁸ A prece pode servir ao mesmo tempo a uma ação de graças, a um voto, a uma propiciação, assim como o sacrifício (Mauss, Hubert, 2005).

Mauss e Hubert ainda concebem o sacrifício como a forma que o homem encontrou para se redimir com seu deus, ou seja, o sacrifício como redenção, como uma espécie de prestação de contas. E ainda, a forma de obrigar-se com deus, como são os casos de troca de favores. O fiel realiza um sacrifício para receber uma dádiva ou ele pede a dádiva antes e, quando alcança, tem a obrigação de retribuir, ou seja, é o sacrifício como pagamento.

Para Mauss, Hubert (2005, p.26), “o sacrifício é um ato religioso que só pode se efetuar num meio religioso e por intermédio de agentes essencialmente religiosos”. Os fiéis, por sua vez, não possuem o caráter religioso e sagrado antes de a cerimônia acontecer. Eles são profanos, portanto, é preciso que passem pelos ritos que os introduzirão ao mundo sagrado. Para que isto aconteça é preciso purificar o “corpo” do indivíduo pois é ele que é profano e põe a alma em risco. Ou seja, o sacrifício é sempre praticado por profanos (MAUSS, HUBERT, 2005, p.105).

Se Mauss e Hubert entendem que para se alcançar o caráter religioso satisfatório é necessário a consagração da vítima, penso que esta consagração nada mais é do que a consagração do corpo. Sacrificar o corpo porque a alma necessita é uma forma de expiação bastante utilizada pelas crenças religiosas.

Segundo os autores, a vítima é apta ao bem e ao mal, ao pecado e ao mérito, e são os ritos que podem transformar um no outro. Mas é geralmente no corpo que está o mal (o corpo é passível de “cair em tentação”) e na alma que está o bem. Isto também tem relação com a afirmação de que os sacrifícios ao longo da evolução religiosa estão ligados à imortalidade da alma (MAUSS, HUBERT, 2005), ou seja, esta deve ser pura porque é eterna.

Partindo das colocações de Durkheim e de Mauss, percebemos que as religiões contemporâneas são compostas por elementos muito diversos das antigas e, portanto, também possuem significados diversos. Muitas explicações e preocupações das religiões antigas já não dizem respeito às preocupações atuais. Conceitos como o de salvação da alma, abdicação da vida e outros alteraram-se e tomaram novos significados, principalmente, nas religiões pentecostais. Portanto, percebendo que Durkheim e Mauss não contemplariam todas as minhas inquietações, compreendia a necessidade de buscar outras informações, as quais encontrei na obra de Geertz, a quem considerei, para esta pesquisa, o autor mais afinado às questões relativas à cultura e aos modos de vida das sociedades contemporâneas. Sendo assim, Durkheim e Mauss foram autores escolhidos apenas para contextualizar a religião no tempo e na história, já Geertz servirá como

pano de fundo para o estudo daqui para frente. É olhando para a religião como o autor olha para os fenômenos culturais que desenvolvi meu estudo.

Assim como para Durkheim, mas partindo de outros significados, Geertz também diz que a religião é algo coletivo. Geertz (2001, p.150) faz uma crítica a James⁹, por este acreditar que a religião é algo individual, ou nas palavras do autor: “A ‘religião’ ou ‘religiosidade’, nas páginas e no mundo de James [...] é uma questão radicalmente pessoal, uma profunda experiência particular e subjetiva de um *estado de fé*”. Geertz tece a crítica porque James acredita que este sentimento individual de fé resiste com inflexibilidade às pretensões do público, do social, do cotidiano. Geertz vai mais fundo e entende que a religião é, de certa forma, dependente do coletivo e também das mudanças histórico-sociais ocorridas ao longo do tempo. Sendo assim, a “experiência” religiosa individual não é algo capaz de explicar, por si só, o sentimento de religiosidade, visto que este decorre também (e talvez principalmente) de uma experiência coletiva. Geertz exemplifica dizendo que o Dalai Lama percorrer as capitais do mundo para manter viva a causa tibetana não tem nada de privado, o interesse construído coletivamente pode até estar encoberto, mas dificilmente privado e individual (GEERTZ, 2001).

O fato é que o enfraquecimento da força social da religião, o qual ocorria na época de James, era visto como sinal de progresso e modernidade pelos secularistas que acreditavam que a religião estava ocupando seu lugar apropriado, ou seja, ela se ligaria somente aos sentimentos individuais. Mas não foi isto que aconteceu pois diversos eventos, como as guerras mundiais, o genocídio, a descolonização, etc., ao invés de contribuírem para impelir a fé para “dentro da alma” contribuíram para impulsioná-la para fora, ou seja, para a sociedade e para a cultura (GEERTZ, 2001).

Para Geertz, os ideais religiosos se deslocam e vão se modificando junto com as atividades práticas e as mudanças sociais ao longo do tempo. Ou seja, os sentidos/significados da religião são “moldados” pela sociedade (pelo coletivo). Assim como a sociedade, a religião também se modifica pois precisa acompanhar as mudanças ocorridas na história para não perder o sentido. “Quando olhamos para o nosso mundo sintonizado na mídia, para tentar ver o que há nele de ‘religioso’, segundo alguma compreensão sensata deste termo, não vemos [...] uma luminosa linha divisória entre as preocupações com o eterno e as do cotidiano [...]” (GEERTZ,

⁹ William James, *The Varieties of Religious Experience, A study in Human Nature*, Nova York, Modern Library, 1929.

2001, p.153). Ou seja, a religião não é mais aquela que só se preocupa com a salvação da alma depois da morte do corpo, ela também se preocupa com qual é a melhor maneira de viver o “aqui” e o “agora”. A vida cotidiana é tão importante quanto o que vem depois dela.

É claro que mesmo com preocupações mais imediatas, o homem não deixou de se preocupar e de tentar explicar certas coisas que são misteriosas para todos. O homem sente a necessidade de acreditar em algo “superior” a ele para justificar as coisas que não têm explicação. Por isso ele mesmo “inventa” deuses que posteriormente vai aceitar como verdadeiros. Se pensarmos desta forma, percebemos que os ritos, os atos e até as vestimentas relativas às Igrejas, têm suas explicações, ou seja, elas correspondem às necessidades dos fiéis em aceitarem tudo isto como verdadeiro sem se questionarem se estão certos ou errados.

Para Geertz (1997, p.29), “o estudo interpretativo da cultura representa um esforço para aceitar a diversidade entre as várias maneiras que seres humanos têm de construir suas vidas no processo de vivê-las”. Acreditando nisso fica mais fácil entender aqueles indivíduos que pensam e concebem o mundo de maneira diferente da nossa.

Podemos entender a religião como uma das várias formas de expressão da cultura que, por sua vez, é repleta de símbolos e norteia as ações e os comportamentos daqueles que nela se inserem. Para entendermos como isto acontece, ou seja, como uma religião se constitui na vida dos indivíduos, precisamos compreender como estes mesmos indivíduos começam a crer nestes símbolos atribuindo, assim, “significado” a eles.

Geertz (1989), ao explicar sobre o conceito de significado, fala que os símbolos sagrados funcionam para sintetizar o *ethos* e a visão de mundo de um povo. Para o autor, na crença e na prática religiosa, o *ethos* de um grupo demonstra um tipo de vida idealmente adaptado ao estado de coisas atual que a visão de mundo descreve. Estas coisas são, de certa forma, verdadeiras, pois são emocionalmente convincentes.

“Os símbolos religiosos formulam uma congruência básica entre um estilo de vida particular e uma metafísica específica (implícita, no mais das vezes) e ao fazê-lo, sustentam cada uma delas com a autoridade emprestada do outro” (GEERTZ, 1989, p.104). Ou seja, os símbolos religiosos que formam o *ethos* de um povo são adquiridos a partir do momento em que este povo decide aceitar tais símbolos como importantes, dando veracidade a uma crença. Uma pessoa só precisa aceitar o fato de que um determinado deus existe se ela realmente quiser e se fizer sentido para ela que ele exista. Assim sendo, nem todas as pessoas precisam

necessariamente crer em alguma coisa, no entanto, Geertz nos fala que a maioria delas opta por crer. Para o autor, a generalização muitas vezes ouvida de que a religião é um universal humano gera uma confusão entre a proposição talvez verdadeira (embora improvável) de que não há nenhuma sociedade humana que não possua padrões culturais religiosos. Da mesma forma que gera a proposição certamente não verdadeira de que todos os homens, em todas as sociedades, são religiosos. Diante de tudo isto, sabemos que a religião, mesmo não sendo um universal humano, é um fenômeno significativo nas sociedades e, torna-se especialmente significativo para este estudo, a partir do momento em que percebo que ele tem ação direta sobre o corpo, educando os gestos do indivíduo religioso.

Gestos e comportamentos religiosos evidenciam a tentativa de moralização do corpo. Cria-se uma gestualidade tipicamente religiosa. Os fiéis aprendem, desde muito cedo, que existem gestos religiosos (puros) e gestos profanos. Isto demonstra que o resultado de qualquer tipo de educação, seja ela religiosa ou não, recai em primeiro lugar sobre o corpo da criança. É ele, o corpo da criança, quem sofre as primeiras interferências em suas relações com os adultos. Gestos comuns e corriqueiros que acontecem todos os dias nas igrejas e que podem ser considerados naturais, têm uma história de educação pautada na religiosidade. Por mais simples e rotineiro que seja um gesto praticado por um crente, ele foi educado aos moldes de sua crença. O fato do fiel repeti-lo todos os dias, num determinado momento de um ritual, sem se dar conta de que faz isto de forma “automática”, não diminui a importância deste gesto ao estudarmos a educação do corpo, pois, são justamente nos gestos mais simples, como por exemplo, aqueles que os fiéis fazem todos os dias em que vão aos cultos e que já parecem triviais que se concentra o meu objetivo de estudo.

Talvez para podermos entender o que significa a religião para uma determinada sociedade e porque uma crença se torna tão importante na vida dos seres humanos, seja preciso não estarmos preocupados em resolver problemas e sim em esclarecer sentimentos (GEERTZ, 1989). Desta forma, entendo a religião não como algo que faça parte do mundo do pensamento, mas como algo que fomos ensinados (e aprendemos facilmente) a sentir.

Adquirimos a capacidade de desenhar aviões que voam em túneis aerodinâmicos; desenvolvemos a capacidade de sentir uma reverência verdadeira na igreja. Não apenas as idéias, mas as próprias emoções são, no homem, artefatos culturais (GEERTZ, 1989, p.95).

Entendemos aqui que as religiões estão mais próximas das emoções do que do pensamento. O ser humano busca e cria símbolos durante toda a vida. São estes símbolos que dão significado às ações e aos comportamentos de cada indivíduo. É a partir deles que nos sentimos “pertencidos” a uma determinada sociedade e inseridos em certa cultura.

A partir do momento em que concebemos um símbolo como parte da existência estamos assumindo um sentimento de aceitação perante ele e, assim, tornamos estes símbolos públicos. Pois se a cultura é pública¹⁰, nossos sentimentos e experiências religiosas se tornam públicos também. É somente através destes modelos simbólicos e públicos que podemos nos orientar com precisão. Para tomar nossas decisões precisamos saber como nos sentimos a respeito das coisas, para saber como nos sentimos a respeito das coisas precisamos de imagens públicas de sentimentos que apenas o ritual, o mito e a arte podem fornecer (GEERTZ, 1989). Portanto, apesar da religião aparentemente “perder o seu poder” devido à falta de cientificidade ou, ainda, devido a falta da “razão”, ela é poderosa porque é formulada por símbolos estabelecidos socialmente por uma coletividade. Símbolos estes que se tornam públicos e, portanto, reais.

O conceito formulado por Geertz (1989) para explicar a religião é pertinente e explicativo. O autor brinca com as palavras colocando uma frase para definir o que é religião. A partir daí ele fragmenta esta frase em cinco partes explicando uma a uma com mais profundidade. No entanto, para facilitar o entendimento do leitor, farei o caminho inverso ao de Geertz. Explicarei primeiro os cinco itens, um a um, de acordo com as divisões do autor e, depois, unirei as partes formando a frase elaborada por ele para conceituar o que é religião¹¹.

Para o autor a religião é¹²: **Um sistema de símbolos que atua** constantemente na vida humana. O autor define símbolo utilizando o termo “concepção” que, por sua vez, é definido como o “significado do símbolo”. Para Geertz, a cruz é exemplo de um símbolo tanto quanto um número, uma palavra, etc. Todos estes são elementos simbólicos, são formulações tangíveis de abstrações da experiência em formas perceptíveis, são incorporações de idéias, de

¹⁰ Esta é talvez uma das constatações mais importantes tratadas por Geertz (1989), a de que a cultura é pública. Para o autor a cultura é pública porque seus significados também o são. Os símbolos culturais, embora muitas vezes não sejam representados materialmente, não estão ocultos. A cultura é pública porque é observável, podemos “vê-la” nas ações e nos comportamentos dos seres humanos.

¹¹ Os trechos do texto que se encontram em negrito são grifos do próprio autor para se fazer entender quando este fragmenta a frase formulada para explicar a religião. Inverti a ordem, mas mantive o destaque feito pelo autor para facilitar o entendimento do leitor.

¹² Como neste trecho do texto, sempre que me refiro a Geertz estou fazendo menção à sua obra de 1989, achei mais apropriado não referenciar repetidamente o ano da obra em todas as vezes que cito o autor. Quanto às páginas que se remetem a este trecho, elas vão desde a 104 até a 140.

atitudes, de saudades ou de crenças. Os atos culturais, a construção, a apreensão e a utilização de formas simbólicas são acontecimentos sociais e, portanto, públicos. Assim, quando concebemos determinados significados religiosos como “verdadeiros”, demonstramos isso em ações do dia a dia que são perceptíveis e observáveis (públicas).

O segundo ponto que Geertz coloca para definir religião é que ser devoto não significa estar praticando algum ato de devoção, mas ser capaz de praticá-lo. Isto porque a religião consegue **estabelecer poderosas, penetrantes e duradouras disposições e motivações nos homens através** de suas crenças. Disposições estas que permitem ao homem praticar atos religiosos - às vezes esporadicamente - ao longo de sua vida. Ou seja, um homem pode não exercer rituais rotineiros e nem praticar atos de devoção todos os dias e, mesmo assim, ter concebido a religião como símbolo de sua existência. Este mesmo homem provavelmente vai se entregar a um ato de devoção (como, por exemplo, a oração) em algum momento difícil no qual sinta a necessidade da “ajuda divina”, pois as atividades religiosas fornecem ânimo e motivação para o enfrentamento da vida.

Para o autor, as inclinações a que os símbolos sagrados induzem, em épocas e lugares diferentes, vão desde a exultação até a melancolia, da autoconfiança à autopiedade, de uma jocosidade incorrigível a uma suave apatia, para não falar do poder erótico de tantos mitos e rituais mundiais. Ou seja, nem todos os seres humanos modelam sua vida social pela religião, mas aqueles que o fazem são influenciados de maneira diferente em cada situação. Geertz aprofunda nosso olhar sobre as diversas formas e possibilidades de religiosidade. Além disso, descreve melhor os sentimentos que podem ser causados pela religião e em quais momentos o homem contemporâneo faz uso deles.

Há uma terceira questão que o autor coloca para podermos entender a religião. Para ele há uma grande diferença entre a atividade religiosa e a experiência religiosa. Esta diferença é gerada pelo fato de que os símbolos sagrados induzem à **formulação de conceitos de uma ordem de existência geral**. Ou seja, para ser um homem religioso não basta freqüentar a igreja todos os domingos, é necessário vê-la como símbolo de algumas verdades transcendentais. Geertz mostra como o ser humano gosta de “acreditar”. Utilizando-se das palavras de Willian James¹³, Geertz nos diz que acreditamos em tudo que podemos e acreditaríamos em tudo, se pudéssemos. O homem cria certa dependência do símbolo e de sistemas simbólicos, e esta

¹³ W. James, *The Principles of Psychology*, 2 vols. (Nova York, 1904).

dependência é tanta a ponto de tornar estes símbolos decisivos para seu *status* de criatura (de existência humana). Ou seja, percebemos que o símbolo constitui o “humano”. Tornamo-nos humanos quando adquirimos a capacidade de dar significado às nossas ações; o que dá veracidade a uma crença religiosa é justamente a fé investida nela.

Surge uma quarta provocação de Geertz quando ele formula um questionamento sobre o que significa exatamente a crença num contexto religioso. O autor me fez refletir sobre como os homens acabam **vestindo essas concepções com uma tal aura de fatalidade que**, aparentemente sem se questionarem, acreditam em deuses, demônios, espíritos, princípios totêmicos, etc. Refletindo sobre a própria questão, ele fala sobre a diferenciação entre o que é considerada uma perspectiva religiosa em contraste com outras perspectivas e, principalmente, como os homens chegam a adotá-la.

Falar de “perspectiva religiosa” é, por implicação, falar de uma perspectiva entre outras. Uma perspectiva é um modo de ver, no sentido mais amplo de “ver” como significando “discernir”, “apreender”, “compreender”, “entender”. É uma forma particular de olhar a vida, uma maneira particular de construir o mundo, [...] (GEERTZ, 1989, p. 126).

Talvez um dos pontos que permite a identificação de uma perspectiva religiosa seja exatamente a observação de seus rituais. Para o autor é no ritual, ou seja, num comportamento consagrado que se origina a convicção de que as concepções religiosas são verdadeiras. É num ritual que o mundo vivido e o mundo imaginado se fundem num único conjunto de formas simbólicas e são, geralmente, nos rituais mais públicos e elaborados (como, por exemplo, numa missa ou culto) que se modela a consciência espiritual de um povo.

É justamente este “modelar da consciência” que leva Geertz a refletir sobre um quinto ponto importante para sua concepção de religião. Para ele, a religião é sociologicamente interessante porque ela, assim como o poder político, o ambiente, a obrigação jurídica, etc. modela a ordem social. Ela altera a visão de mundo dos indivíduos religiosos. Muda-se a visão de realidade quando se adota uma perspectiva religiosa. Sendo assim, a religião torna-se um modelo para as atitudes do indivíduo que retira desta crença a “vontade de viver”. O homem religioso adquire, através da crença, **disposições e motivações que parecem singularmente realistas** a partir do momento em que percebe que há algo de divino que o ajuda a viver neste “mundo difícil”. Ou seja, atos simbólicos podem parecer falsos para uma determinada realidade, no entanto, constituem-se como “verdade” para a realidade mítica.

Utilizando a pesquisa de Malinowski¹⁴, Geertz fala sobre como a religião atua na existência humana. Ela tanto perturba os homens como os estimula. Ou seja, ao mesmo tempo em que a religião leva o homem a ficar cara a cara com o fato de ter nascido para a “luta”, é ela quem diz que a esperança não pode falhar, é ela quem motiva o homem a enfrentar esta luta¹⁵. A religião não tenta ensinar a não sofrer mas, sim, como sofrer, como fazer da dor e da derrota algo tolerável, suportável.

Assim, podemos finalmente chegar ao conceito de religião formulado pelo autor que expliquei de forma fragmentada (em negrito) anteriormente. Enfim, para Geertz, a religião é:

Um sistema de símbolos que atua para estabelecer poderosas, penetrantes e duradouras disposições e motivações nos homens através da formulação de conceitos de uma ordem de existência geral, e vestindo essas concepções com tal aura de fatalidade que as disposições e motivações parecem singularmente realistas (GEERTZ, 1989, p. 105).

Esta definição trazida por Geertz me levou a pensar na religião como uma escolha e não como uma imposição. Uma escolha vinculada ao poder de significado atribuído pelo indivíduo ao símbolo religioso. Significados estes que variam de sociedade para sociedade, de grupos para grupos, enfim, de cultura para cultura.

Esta idéia de religião trazida por Geertz, como uma escolha particular de vida, permitiu-me entender um pouco mais este fenômeno ainda tão complexo. Com algumas indagações mais esclarecidas sobre a trajetória das crenças religiosas, pude discernir entre o que ainda é válido no estudo dos autores mais antigos, o que mudou na sociedade atual e o que pode ser aplicado ao estudo das religiões contemporâneas como é o caso da Igreja Evangélica Assembléia de Deus, uma igreja pentecostal.

Enfim, sejam as antigas ou as atuais, o que sei é que as religiões, assim como vários outros fatores, moldaram o homem no decorrer do tempo, portanto, elas não são somente necessárias a sua sobrevivência mas a sua própria realização existencial (GEERTZ, 1989). Foi enxergando a religião evangélica com as “lentes da cultura” fornecidas por Geertz que me senti suficientemente desprovida daquele preconceito inicial que se impôs sobre mim na ocasião em que surgiram as primeiras inquietações a respeito da crença evangélica da qual faziam parte minhas alunas.

¹⁴ Malinowski, Magic, Science and Religion (Boston, 1948), p. 67.

¹⁵ Malinowski afirma que não deve haver nenhuma religião que não aponte para o fato de que a vida machuca, faz sofrer.

2.2 O PENTECOSTALISMO E AS IGREJAS EVANGÉLICAS

Após ter percorrido brevemente os estudos sobre a religião, visto a necessidade de retomar as origens desta teoria, acreditando que sem estas informações seria difícil compreender as religiões atuais, falo a partir de agora especificamente do Pentecostalismo, de suas denominações e, posteriormente, da denominação “Assembléia de Deus” que é a Igreja que escolhi como tema de minha pesquisa. Entendo que não tinha como falar sobre a educação do corpo das meninas evangélicas sem conhecer a base desta religião e o que está por trás dos sistemas de educação veiculados pela Assembléia de Deus. Por isso, senti a necessidade de realizar leituras que me esclarecessem sobre esta vertente religiosa e, principalmente, sobre a denominação escolhida.

Mariano (1999, p.9) fala que a expansão do pentecostalismo constitui um fenômeno de amplitude mundial. “Trata-se de um autêntico processo de globalização ou transnacionalização dessa forma de protestantismo popular”. O autor revela ainda que nenhum continente superou a América Latina no extraordinário crescimento pentecostal no final do último milênio. Nestes índices, o Brasil é um país de destaque, pois “figura como o maior país protestante da América Latina, abrigando pouco menos da metade dos cerca de cinquenta milhões de evangélicos estimados atualmente no continente” (p.10). Estes números indicam denominações cristãs nascidas na reforma protestante européia e descendente da mesma. O termo evangélica refere-se tanto às igrejas protestantes históricas quanto às pentecostais.

Em 1994, uma pesquisa realizada pela Data Folha sugeria que 76% dos evangélicos no Brasil seriam pentecostais. Em outra pesquisa, desta vez realizada pelo Diário Oficial do Rio Grande do Sul constatou-se que, entre 1992 e 1995, a cada dez templos evangélicos registrados, sete eram pentecostais. No Rio de Janeiro, a cada dez, nove eram pentecostais (MARIANO, 1999). Valle e Sarti (1994) comentam que, a cada dia útil entre 1990 e 1992, surgiu uma nova igreja evangélica na região metropolitana do Rio de Janeiro. Fernandes (1994) fala sobre as mudanças da fé, que levaram e levam as igrejas católicas a ficarem quase

invisíveis e as igrejas evangélicas se tornarem “lugar-comum”. O autor afirma que o censo realizado pelo ISER¹⁶ em 1992 pontua 3.477 endereços de cultos no Rio de Janeiro.

Para localizar o leitor, apresento agora uma classificação do Pentecostalismo em três vertentes. Baseada na análise de Mariano (1999) sobre a dinâmica histórico-institucional que considera as mudanças ocorridas na mensagem religiosa e no seu modo de inserção na sociedade, apresento as três vertentes do Pentecostalismo: Pentecostalismo clássico, Deuteropentecostalismo e Neopentecostalismo. As primeiras igrejas pentecostais estabelecidas no país foram a Congregação Cristã no Brasil, em 1910 e a Assembléia de Deus, 1911, ambas denominadas de igrejas clássicas. Cabe esclarecer que o termo “clássico” refere-se para o autor à idéia de Antiguidade e pioneirismo destas denominações. Além de “clássico”, alguns autores utilizam o termo “tradicional”, que será também o termo que geralmente utilizarei na seqüência do texto. O pentecostalismo clássico reinou absoluto no Brasil de 1910 a 1950.

Já entre os anos de 1950 a 1960 surgem as igrejas que Mariano classificou como deuteropentecostais. Em 1951 surge a Quadrangular, em 1955 a Brasil Para Cristo e em 1962 a Deus é Amor. Essas difundiram-se no Brasil através do rádio que, por ser considerado “coisa do diabo”, não era usado pelas igrejas pentecostais clássicas. Com êxito em sua missão de divulgação, o deuteropentecostalismo foi responsável pela fragmentação denominacional do pentecostalismo brasileiro.

O neopentecostalismo inicia-se nos anos de 1970 e se fortalece até as décadas de 1980 e 1990. As igrejas que fazem parte desta classificação são: Igreja Universal do Reino de Deus (1977), Internacional da Graça de Deus (1980), Cristo Vive (1986), Renascer em Cristo (1986), Igreja Nacional do Senhor Jesus Cristo (1994) entre outras denominações que foram e vêm sendo formadas até os dias de hoje. O prefixo “neo” é apropriado ao caráter inovador das igrejas classificadas como neopentecostais. Uma característica que demonstra esta inovação é a existência (verificada em 1992, no censo realizado pelo ISER) de 118 instituições evangélicas de comunicação social. Entre elas havia na época 45 editoras, 38 livrarias, 12 estações de rádio, 1 estação de TV, 9 jornais, além de videolocadoras, gravadoras, etc. (FERNANDES, 1994, p.165). Sem contar que hoje há diversas lojas especializadas em roupas de grifes evangélicas.

¹⁶ ISER – Instituto de Estudos da Religião. Censo institucional Evangélico da região metropolitana do Rio de Janeiro. CIN, 6Mg, Núcleo de Pesquisas, ISER, 1992.

Hoje, são inúmeras as igrejas evangélicas no Brasil. Fernandes (1994, p.188) utiliza uma tabela do ISER correspondente ao censo religioso de 1992¹⁷, para mostrar as diversas denominações, a classificação de cada uma delas e seus locais de origem. Na tentativa de demonstrar esta diversidade apresentarei aqui somente alguns dos inúmeros exemplos das denominações pentecostais.

Igrejas Clássicas:

1910 – Congregação Cristã, originada nos USA;

1911 – Assembléia de Deus, originada no Pará;

Deuteropentecostais:

1953 – Evangelho Quadrangular, originada nos USA;

1956 – O Brasil para Cristo, originada em São Paulo;

1960 – Nova Vida, originada no Rio de Janeiro;

1962 – Deus é Amor, originada em São Paulo;

1964 – Casa da Bênção, originada em Minas Gerais;

1965 – Batista, originada no Rio de Janeiro;

Neopentecostais:

1970 – Igreja Cristã Maranata, originada no Espírito Santo;

1975 – Salão da Fé, originada no Rio de Janeiro;

1978 – Presbiteriana Unida, originada no Espírito Santo;

1986 – Cristo Vive, originada no Rio de Janeiro;

1989 – Cristo Rei, originada no Rio de Janeiro;

Apesar das inúmeras diferenças existentes entre todas estas denominações, há uma certa identificação pentecostal que demarca muito bem este campo religioso e que define uma adesão exclusiva. Segundo Sanchis (1994), os sujeitos assumem uma identidade única que repercute na totalidade de uma orientação existencial organizada pela igreja, que se dá através do “batismo no Espírito Santo” ou, como os próprios crentes costumam dizer, da “conversão”. Basicamente, os pentecostais acreditam nos dons do Espírito Santo, dentre os quais os mais importantes são os dons de língua (glossolalia), os dons de cura e os dons de discernimento de espíritos.

¹⁷ Censo Institucional evangélico 1992 – núcleo de pesquisa ISER.

Para os membros da Assembléia de Deus, conhecer e, principalmente, aceitar Jesus é o único meio de se salvar depois da morte. “Conhecer Jesus”, ter um “encontro” com Ele e a Ele obedecer são meios de viver que constituem a doutrina evangélica pentecostal de todas as denominações. Mas, na opinião de Mariano (1999), para os neopentecostais estes são meios para aquele que se converte se dar bem na vida, no âmbito material (financeiro). Isto ainda é diferente nas igrejas clássicas. Mas se comparada à Congregação Cristã, que se mantém muito mais rígida no cumprimento de seus costumes (o que evitou que ela sofresse influências de outras denominações), a “Assembléia de Deus mostra-se muito mais permeável aos novos modos de viver e de pregar o Evangelho” (MARIANO, 1999, p.48).

Outra característica que diz respeito à maioria das igrejas citadas, senão a todas, é a baixa renda econômica da maior parte de seus membros. O crescimento pentecostal ocorre de forma desigual entre as diferentes classes sociais. Segundo Mariano (1999, p. 12), este concentra-se nos estratos mais pobres da população.

“Com o propósito de superar precárias condições da existência, organizar a vida, encontrar sentido, alento e esperança diante da situação tão desesperadora, os estratos mais pobres, mais sofridos, mais escuros e menos escolarizados da população, isto é, os mais marginalizados – distantes do catolicismo oficial, alheios a sindicatos, desconfiados de partidos e abandonados à própria sorte pelos poderes públicos -, têm optado voluntária e preferencialmente pelas igrejas pentecostais”.

Fernandes (1994) diz que quanto mais pobres são os membros de uma igreja, mais ímpeto organizativo esta igreja possui. Mas foi justamente pela pobreza e pela baixa escolaridade que os fiéis da Assembléia de Deus e da Congregação Cristã foram discriminados pelos protestantes históricos e perseguidos pelos católicos. Hoje este perfil mudou e mesmo que continuem abrigando em maior número as camadas pobres, já possuem membros de classe média e alta.

Mesmo assim, com todas as mudanças na classe social de sua membresia e quase completando um centenário, as Igrejas Assembléia de Deus e Congregação Cristã mantêm vivas a postura sectária e o ideário ascético. Apesar disto, a Assembléia de Deus vem, desde 1989, mostrando-se mais flexível e disposta a acompanhar as mudanças que vêm acontecendo no pentecostalismo no decorrer do tempo. Seus cultos concedem maior liberdade às expressões emotivas do que na Congregação Cristã, mas ainda encontram-se distante dos cultos realizados pelas igrejas neopentecostais.

Embora a Assembléia tenha acompanhado muitas das mudanças que ocorreram neste período, ela ainda se distancia das igrejas neopentecostais que, como diz Mariano (1999, p.8), “realizaram as mais profundas acomodações à sociedade, abandonando vários traços sectários, hábitos ascéticos e o velho estereótipo pelo qual os crentes eram reconhecidos e, implacavelmente estigmatizados”. Na verdade, as igrejas neopentecostais, além de abolirem diversas marcas tradicionais, propuseram novos ritos, crenças e práticas, “relaxaram costumes e comportamentos e estabeleceram inusitadas formas de se relacionar com a sociedade” (p.8). Talvez a principal mudança destas “novas igrejas” tenha sido o fato de elas passarem a priorizar a vida aqui e agora, diferente das denominações mais antigas, que tinham como fim a salvação das almas.

Pude perceber que a Assembléia de Deus em geral e, especificamente a por mim estudada, fez uma mediação entre os tradicionais costumes e as mudanças na sociedade. Seus velhos costumes ainda estão presentes, no entanto, seu cumprimento não é mais tão obrigatório como antes. Eles continuam a priorizar a salvação depois da morte, mas se dedicam também à busca de uma “boa” vida. Mariano (1999) diz que não há como negar todas as transformações que até mesmo as igrejas mais antigas passaram. Elas também se tornaram mais imediatistas e pragmáticas. Mas, na Igreja que estudo, isto aparece de maneira muito sutil.

Todas as denominações pentecostais crêem que o futuro (depois da morte do corpo) premeditado para eles é viver eternamente ao lado de Deus, o modo como levam a vida é que se diferencia de uma denominação para outra. Concordo com Mariano (1999) que o velho discurso teológico o qual prega o sofrimento terreno do cristão caiu por terra, inclusive na Assembléia de Deus. Mas quanto à afirmação do autor de que hoje os crentes querem gozar de tudo que têm direito sem se preocupar e sem sentir a menor culpa, inclusive no que diz respeito ao alcance da fortuna e do consumo de bens materiais de altíssimo valor, penso que é preciso ponderar. Estas são características presentes principalmente nas igrejas neopentecostais (um bom exemplo é a Igreja Universal do Reino de Deus, do famoso Bispo Edir Macedo), mas não há como afirmar isto de todas as denominações. Percebo muitas diferenças entre estas características citadas e as características presentes na igreja que pesquisei. Em muitos dos cultos que presenciei, ouvi longos sermões sobre a importância do desprendimento dos bens materiais e da fé na salvação dos humildes.

Enfim, o pentecostalismo “nunca foi homogêneo” (MARIANO, 1999, p.23), desde o início houve inúmeras diferenças entre as denominações e até numa mesma denominação. Com certeza os fiéis de um templo da Assembléia de Deus na grande São Paulo terão costumes bem diferentes dos mantidos, por exemplo, pelos fiéis da Assembléia de Deus por mim estudada, localizada num bairro de uma cidade do interior paulista.

Um dos dados de maior destaque do cristianismo primitivo e que influenciou sobremaneira os pentecostais foi este ter dado enorme destaque à figura do diabo em sua doutrina. O que para Mariano (1999, p.109) foi “algo quase inevitável dada à dificuldade de conciliar a onisciência, a onipotência, a onipresença e a suprema bondade do Deus cristão com a existência de tanto mal, tanta injustiça e tanto sofrimento humano”. O conflito do bem e do mal tornou-se central na vida do homem, principalmente do homem religioso. Esta característica foi adotada também pelas denominações pentecostais.

Para Mariano (1999, p.110), é assim que o pentecostalismo se instala, utilizando-se de mitos, crenças e rituais notavelmente mágicos. “Pastores e fiéis enxergam a ação divina e demoníaca nos acontecimentos mais insignificantes do cotidiano”. Porque para eles nada é por acaso, tudo tem resposta nos desígnios de Deus. Percebi que eles utilizam estas justificativas para legitimar a precária e sofrida condição da vida humana. Os ritos exorcistas nunca foram novidade nas igrejas pentecostais, mas sempre aconteceram de forma sutil e moderada. Para o autor, é a partir de 1980 que isto começa a acontecer de maneira inadvertida e exagerada, especificamente nos cultos das Igrejas Universais do Reino de Deus, até então as igrejas precedentes não o faziam.

Por mais que as igrejas pentecostais façam parte da mesma vertente é comum certa rivalidade entre elas. Rivalidade no sentido de se autodenominarem qualificadas e afirmarem a desqualificação de suas rivais, alegando que elas não possuem legitimidade bíblica. Desta forma, pleiteiam para si o poder e status que os símbolos religiosos conferem (MARIANO, 1999, p.116). Cada uma disputa a “verdade” a respeito de coisas como a salvação, o paraíso, o diabo e suas manifestações.

Mas descartando as diferenças, há uma semelhança entre todas elas, o dualismo, ou seja, a luta entre Deus e o Diabo é o que permeia o pentecostalismo clássico (MARIANO, 1999, p.113). Na Igreja que pesquisei isto estava sempre em voga. Nesta batalha, os fiéis evangélicos lutam assiduamente do lado divino, “acreditam-se capazes de alterar realidades

indesejáveis do ‘mundo material’ por meio de seu vínculo de fé com as forças divinas”. Mas é preciso deixar claro que a exacerbação desta “guerra espiritual”, costumes de enxergar a ação do Diabo em tudo e até invocar a manifestação do demônio nos cultos são coisas que distinguem as denominações mais recentes das igrejas tradicionais, também chamadas de clássicas¹⁸.

Enquanto a Assembléia de Deus mantém seus fiéis por suas tradições, a Universal lota estádios de futebol¹⁹, com suas modernas teorias, dentre elas a teoria da prosperidade, a da cura e a da libertação dos demônios. Segundo Mariano (1999), algumas características da Assembléia de Deus são comuns às demais denominações pentecostais. Entre elas cito o anticumenismo, a existência de líderes muito fortes, o uso de meios de comunicação de massa (com exceção da Congregação Cristã), o estímulo à expressividade emocional, a participação na política (também com exceção da Congregação Cristã que não permite qualquer envolvimento com a política) e a pregação da cura divina. No entanto, as igrejas neopentecostais rompem com as igrejas clássicas e com as deuteropentecostais quando deixam para trás os tradicionais sectarismo e ascetismo pentecostal.

Enfim, com o “peso” que estas novas religiões exercem em nossa sociedade e, ainda com o respeito que as igrejas mais antigas garantiram em todos os processos de mudança, percebo que a religião, longe de ser um fenômeno esquecido ou colocado em segundo plano, é na verdade um fato social presente e marcante em nosso tempo. Ou, como afirma Geertz, a religião nunca ficou em segundo plano como pensavam alguns cientistas sociais. Pelo contrário, ela se fortaleceu. Geertz fala sobre algumas hipóteses que podem ter contribuído para o fortalecimento das identidades religiosas.

Existe a tese de que “nada mais funcionou”: a desilusão sucessiva com as narrativas ideológicas mestras – o liberalismo, o socialismo, o nacionalismo – como arcabouços da identidade coletiva [...] deixou apenas a religião como “uma coisa que ainda não falhou” (GEERTZ, 2001, p.158).

A outra hipótese refere-se à tese dos “males da modernização”, ou seja:

a disseminação dos meios de comunicação de massa, as devastações do desenvolvimento, do comércio e do consumismo e, de modo geral, a confusão moral da

¹⁸ Veremos adiante as classificações das igrejas.

¹⁹ A Igreja Universal do Reino de Deus conseguiu pela primeira vez, em 1992, lotar o estádio do Maracanã, num mega-culto, que atraiu fiéis da Universal de todo o país.

vida contemporânea fizeram as pessoas voltarem-se para idéias e valores mais conhecidos, mais profundamente arraigados e mais familiares (idem, p. 158).

É como se fosse uma tentativa de fazer o mundo voltar a ser o que era antes.

Enfim, o autor defende a idéia de que o sentimento de religiosidade é algo construído, sentido e vivido coletivamente. Mas isto não significa que ele negue que, sem a interioridade de que a crença importa, sem o sentimento e a certeza individual de que a fé sustenta, consola e salva, ela não seria digna sequer de receber o nome de religião. Dito de outra forma, não é porque a religião é algo do coletivo que ela não depende da crença pessoal. O que Geertz quis enfatizar é que, por mais individual que nosso sentimento de religiosidade pareça, ele só é possível em meio a um grupo que o sustente. Um exemplo disto é o fato de que uma pessoa religiosa tende a se sentir constantemente vigiada, não só por Deus e pela própria consciência, mas por todos ao redor (principalmente pelos membros de sua igreja), tentando evitar falhas e “maus comportamentos”. O que confirma, de certa forma, a afirmação do autor (2001, p. 164) quando este diz que “não é na solidão que se constrói a fé”.

2.3 – A ASSEMBLÉIA DE DEUS

Comparações entre a Assembléia de Deus e outras denominações foram tecidas anteriormente para facilitar a compreensão do leitor sobre a especificidade da Igreja por mim estudada. Mas, a partir daqui, falarei especificamente da igreja que escolhi. A Igreja Assembléia de Deus é a maior igreja pentecostal do Brasil e, ainda que não tão modernizada quanto a Igreja Universal do Reino de Deus - cuja incrível expansão nos últimos anos representa um dos maiores fenômenos sociais do Brasil-, a Assembléia abriga sozinha 20% dos evangélicos brasileiros (MARIANO, 1999).

Para contar rapidamente a história da Assembléia de Deus utilizo às idéias retiradas do texto de Paul Freston, no livro *Nem anjos nem demônios* (1994). Segundo o autor, a Assembléia de Deus foi composta e iniciada por suecos e nordestinos. Conta Freston que a cidade norte-americana em que o pentecostalismo mais cresceu nos primeiros anos foi Chicago, onde 75% dos habitantes eram imigrantes ou filhos de imigrantes. Era a segunda cidade do país que

vivia entre a violência e a exploração industrial. Lá chegavam missões pentecostais diversas. A Suécia, ao contrário de hoje, era um país estagnado e forçado a exportar grande parte da população. Com isso, mais de um milhão de suecos emigraram para os Estados Unidos entre 1870 e 1920. A liberdade religiosa era ainda relativa na virada do século. A religião pertencente à sociedade escandinava era a de uma Igreja Estatal Luterana. Não havia catolicismo e o pluralismo religioso existente não era institucional. As igrejas dissidentes (batistas) apareceram somente na segunda metade do século XIX e eram muito fracas.

Na Suécia, as pequenas dissidências protestantes eram reprimidas e marginalizadas. Por isso, muitos batistas preferiram emigrar e, foi em meio a estes emigrantes batistas que o pentecostalismo se firmou. Os missionários suecos, que tiveram grande influência nos primeiros quarenta anos da Assembléia de Deus, vieram de um país religioso, social e culturalmente homogêneo, onde eram marginalizados. “Pertenciam à insignificante minoria religiosa num país onde vários trâmites burocráticos ainda passavam pelo clero luterano” (FREESTON, 1994, p.77). Acostumados com a marginalização, os missionários suecos não tinham a preocupação de ascender socialmente como os típicos missionários americanos formados no denominacionalismo.

Os suecos, diante de uma sociedade centralizada, dominada cultural e religiosamente, não tinham as mesmas armas para se defender como os americanos. Por isso defendiam-se apenas com uma religiosidade fervorosa e um tanto antiintelectualista. Já os missionários americanos vinham de um contexto onde as periferias podiam se defender culturalmente, criando instituições alternativas controladas pelo grupo minoritário. Por isso, entre os americanos, o impulso de conquistadores foi muito maior. “Os pentecostais suecos, por outro lado, em vez da ousadia de conquistadores, tinham uma postura de sofrimento, martírio e marginalização cultural” (p.78).

A Assembléia de Deus, por ser produto do esforço missionário de um pequeno grupo, tinha maior liberdade do que outras igrejas históricas. Por não ser controlada financeiramente por um grupo, ela detinha maior poder decisório. Em outras lideranças a abundância de dinheiro as dotava de poder, já a Assembléia de Deus, justamente pela falta de recursos, foi marcada pela simplicidade, o que fez com que seus primeiros líderes brasileiros ligassem pouco para a ascensão econômica. Esses líderes também rejeitavam a própria educação formal, seus conhecimentos eram somente bíblicos e assumiam que o que estavam formando era

uma comunidade de pessoas socialmente excluídas e que, por isso, não precisavam de um clero diferenciado já que seus adeptos não possuíam escolaridade alguma.

Os dois pioneiros da Assembléia de Deus no Brasil foram os suecos Gunnar Vingren e Daniel Berg, os quais se uniram pelo ideal missionário. Um certo dia, enquanto oravam junto com um profeta sueco, este profetizou que os dois deveriam ir até um lugar chamado Pará, onde o povo para quem falariam de Jesus era de um nível social muito simples (Freston, 1994). Após este acontecimento diversos grupos chegam ao Brasil ao longo do tempo, mas o auge da presença sueca foi em 1930, com cerca de vinte famílias missionárias. Depois dos anos de 1950 este fluxo cessou. Nisto, o Brasil já contava com a terceira maior comunidade pentecostal do mundo.

A expansão inicial da Assembléia de Deus foi moderada. Nos primeiros 15 anos ficou limitada ao Norte e Nordeste. Nesta época a Congregação Cristã crescia muito mais. Porém, no final dos anos 40, a primeira já ultrapassava a rival com seu proselitismo público melhor adaptado ao crescimento das cidades.

A Assembléia de Deus se espalhou com a ação planejada de seus líderes, mas também pela mão de pessoas simples. Em 1930 foi o ano em que a Assembléia de Deus consolidou sua expansão por todo o país. A sede da denominação que era em Belém foi transferida para o Rio de Janeiro. Em uma primeira Convenção Geral das Assembléias, realizada em Natal, em 1930, os missionários suecos entregaram todos os templos e salões de reunião que pertenciam à missão sueca para as igrejas brasileiras. Nas últimas décadas, o maior contato internacional das Assembléias de Deus tem sido com os Estados Unidos. Como houve certo atrito entre os missionários suecos e americanos, pois os suecos achavam os americanos muito mundanos, os últimos tiveram que apelar para outras qualidades. Como nos mostra Freston, os americanos vieram com os dólares.

A Assembléia de Deus tem passado por um processo de ascensão social. Como ela não quer ser comparada a grupos como a Universal do Reino de Deus, seus cultos se tornaram mais comedidos, principalmente nas igrejas-sedes, já muito freqüentadas por pessoas que se encontram em processo de ascensão social e onde os membros mais humildes já não se sentem à vontade para ir. As características da igreja são vistas agora com novos olhos. Nesta mudança, os membros mais bem-sucedidos economicamente ou a deixam ou a remodelam de acordo com suas posições, tornando-as mais parecidas com as novas denominações. Isto acontece porque as

peessoas que possuem uma situação econômica mais favorável não se sujeitam às inúmeras normas e ao controle exagerado de seus comportamentos, como sempre foi o costume desta denominação. Já as pessoas de classes sociais desfavorecidas se submetem mais facilmente às condições exigidas pela Igreja pois já estão habituadas a viver de forma mais limitada pela própria condição de vida em que se encontram.

Há uma tensão explícita na Assembléia de Deus entre aderir às mudanças ou manter acesa a chama do conservadorismo. Por enquanto, o que persiste é a manutenção do conservadorismo, visto que os fiéis da Assembléia ainda são, em grande maioria, os desfavorecidos economicamente. Estes tendem a se submeter facilmente às normas antigas da Igreja pois preferem esperar para gozar da felicidade e das delícias prometidas no “paraíso”, enquanto nesta vida tão precária que levam nem têm condições de usufruir das delícias que o “mundanismo” oferece. Mariano (1999) fala que, talvez, estes crentes se submetam e aceitem de forma tão fácil estas proibições porque as próprias condições de vida da maioria deles já lhes infligem inúmeras privações. Ou seja, o sacrifício é menor quando não se tem acesso, por falta de condições financeiras, às coisas que lhe são proibidas.

Para completar as características enaltecidas na Assembléia de Deus, Bandini (2004) diz que a teologia do pentecostalismo foi caracterizada pela ênfase na oralidade. As igrejas evangélicas são as “religiões da palavra”. Isso permitiu a compreensão e vivência religiosa a todos que se sentiam à margem do “ensinamento”, por este centrar-se na escrita. Assim, o pentecostalismo democratizou, à sua maneira, a salvação e o conhecimento da “palavra de Deus”. Por ter a oralidade como principal meio de apresentar sua teologia, o pentecostalismo “abre espaço, mais para o exercício dos mecanismos sensoriais do que para os discursos racionais” (BANDINI, 2004, p.42). Com isso, a autora exalta a importância do corpo na expressão desta crença. O corpo mostra o que o fiel está sentindo, ele simboliza a relação que o fiel tem com a fé. Neste sentido, inverte-se a hierarquia da alma sobre o corpo. Apesar dos evangélicos assumirem a alma como superior ao corpo, nas palavras da autora o corpo torna-se mais importante do que a alma pois é ele que demonstra a experiência religiosa. O corpo expressa não somente a “mudança individual” provocada pela fé, como mostra que outras pessoas não são convertidas, e isto só é possível porque os evangélicos possuem características referentes ao corpo (a aparência) diferenciadas dos fiéis de outras religiões.

“Para não serem contaminados e corrompidos pelas coisas, paixões e interesses do mundo, os líderes pentecostais procuram imprimir na conduta dos fiéis, desde a conversão, normas e tabus comportamentais, valores morais, usos e costumes de santificação” (MARIANO, 1999, p.190).

Ou seja, é no corpo que se imprimem estas condutas. Vigiar, cobrar atitudes e gestos é importante para os crentes porque, para eles, as “ciladas do Diabo” se dão por meio do corpo. Penso que quanto mais sectária e tradicional é uma denominação, maiores são os cuidados com o corpo do crente. Evitar freqüentar lugares que proporcionem prazer corporal é a forma de não cair em tentação pois a alma resiste às provocações do Diabo, mas o corpo não. Por isso, para os evangélicos, cada passo, cada gesto, pensamento, desejo, olhar e comportamento pode conduzir à “danação eterna”²⁰, ou, ao contrário, pode conduzir o fiel a Deus. “Na perseguição do que é mundano e põe em risco a salvação, as esferas da sexualidade e do lazer são consideradas as mais perigosas” (MONTEIRO apud MARIANO, 1999, p.191). Isto, porque as duas práticas estão intimamente ligadas ao corpo e a carne se apega facilmente às coisas mundanas.

²⁰ Expressão utilizada por Mariano (1999, p.191).

3 O CORPO, AS TÉCNICAS CORPORAIS E A EDUCAÇÃO RELIGIOSA FEMININA

Chegamos nus ao mundo, mas logo somos adornados não apenas com roupas, mas com a roupagem metafórica dos códigos morais, dos tabus, das proibições e dos sistemas de valores que unem a disciplina aos desejos, a polidez ao policiamento (PORTER, 1992, p. 325).

A epígrafe demonstra a intenção de Porter (1992) em nos fazer entender que as diferentes sociedades, as diversas culturas e modos de vida, as inúmeras pedagogias presentes em nosso cotidiano e em nossas relações com os outros seres humanos são todas formas de educação que repousam sobre os nossos corpos ora libertando-os, ora disciplinando-os. A “roupagem metafórica” da religião veste e adorna os corpos dos fiéis deixando marcas em suas técnicas corporais. Gestos se tornam representações de valores, princípios e proibições aprendidos na igreja e, são justamente estas representações, que compõem a educação corporal das mulheres evangélicas que fui buscar em minha pesquisa de campo. Começo, a partir deste capítulo, a apresentação de minhas observações participantes e entrevistas realizadas com os membros da Igreja Evangélica Assembléia de Deus. A parte anterior, que compôs o primeiro capítulo, foi imprescindível para que eu pudesse chegar ao campo provida de alguns conhecimentos necessários ao entendimento do cotidiano dos membros da Igreja e, principalmente, no que diz respeito às “regras morais” e aos princípios que regem a educação das crianças e dos jovens dentro da Igreja. O texto conta com inúmeras citações de alguns membros da Igreja²¹, as quais trago para a discussão com a intenção de reportar seus significados e suas relações com as questões por mim trabalhadas.

²¹ Para facilitar a organização do texto, sempre que cito as falas dos membros da Igreja o faço em itálico, como mera forma de distinção das citações retiradas do referencial teórico utilizado.

3.1 – O CORPO E SUAS TÉCNICAS

A diversidade dos corpos e, principalmente, a diversidade dos usos que as pessoas fazem dele é algo fortemente presente em nossa sociedade. Estudiosos, pesquisadores, filósofos, etc. tentam explicar estas diferenças o tempo todo. Como nos mostra Denise Sant’Anna (2005), o corpo é território tanto biológico quanto simbólico e, talvez, seja o mais belo traço da memória da vida. Se assim o é, concordando com a autora, admitimos que as marcas trazidas na memória de nossos corpos refletem uma transformação visível no decorrer dos últimos séculos. Esta transformação é marcante quando estudamos a educação do corpo feminino e, principalmente, quando percebemos que a religião está intimamente ligada a ela.

Autoras, como Carmen L. Soares (2006) e a própria Sant’Anna (2006), afirmam que o corpo é sempre simbólico pois é construído a partir de liberdades e de interdições. O corpo dá visibilidade ao humano e aos seus mistérios, ele revela os modos de vida de uma sociedade. O corpo possui múltiplos sentidos e, portanto, merece múltiplos olhares. Olhares estes, norteados por diversos saberes. Assim como a ciência tenta desvendar o corpo para melhor controlá-lo, a religião sempre tentou discipliná-lo baseado em outro tipo de conhecimento, o mítico.

Tendo em vista o tema deste estudo, percebo que mesmo numa época em que se tenta liberar o corpo a todo custo das privações que ele sofreu ao longo da história, a religião (algumas mais do que outras), insiste em tentar controlá-lo. Apesar de alguns estudiosos afirmarem que a religião não possui a mesma força que dispunha em outras épocas, no âmbito da pesquisa, ela não está “fora da jogada” como corremos o risco de pensar. É Geertz (2006) quem anuncia a “volta da religião” referindo-se ao fato de ela não ter sido esquecida e nem deixada de lado nas pesquisas científicas.

De certa forma, o corpo sempre foi submetido aos desígnios divinos. Estes desígnios referem-se a diversos aspectos, como aspectos de saúde, a cura de doenças mediante a vontade de Deus, questões de gênero, etc. A religião sempre educou “homens” e “mulheres” de formas distintas. Não são poucos os textos que, apesar de tentarem demonstrar o contrário, apontam para certa inferioridade feminina. Isto deve-se, em parte, à educação religiosa, que é, desde os primórdios (institucionalizada ou não), um dos símbolos mais fortes presentes na vida humana. A religião cristã aponta e fortalece não só a diferença entre o corpo e a alma, e a

superioridade da última, como aponta também para as diferenças entre o homem e a mulher na criação de Deus. Mas, sabemos que não existe um corpo a-histórico e que este traz marcas do tempo que o modificam e o transformam a cada dia (Soares, Fraga, 2003). Como afirma Sant'Anna (2005, p.12) o corpo não cessa de ser (re)fabricado ao longo do tempo e, neste processo, entendo que as próprias religiões precisam ser (re)fabricadas para não perderem o sentido que a mudança das coisas e da própria história do corpo nos traz.

A mulher, vista pela religião durante anos por sua fragilidade ante os perigos da carne, exigia da moral cristã uma aguda desconfiança do prazer. Os conceitos elaborados pelo homem sobre a inferioridade da mulher continuam de maneira insistente no decorrer de toda a história. Por isso, numa tentativa de deixar esta história para trás, a sociedade prega a liberdade do corpo e a emancipação feminina. Mas esta emancipação não ocorreu, pelo menos não da forma que deveria, pois, como demonstra Sant'Anna (2006, p.20), temos o *direito* de nos mostrar, mas, acima de tudo, temos o *dever* de sermos sempre jovens e belas. Ou seja, mesmo conseguindo se emancipar de um tipo de dominação, passamos para outro tão perverso quanto a moral religiosa. Se antes era raro vermos mulheres vestindo roupas que deixavam o corpo à mostra, hoje, a maior parte da vestimenta feminina é “sensual” e deixa transparecer a liberdade dada ao corpo. No entanto, utilizar um biquíni cada vez menor, como a “moda” exige, só é “permitido” às mulheres magras e bonitas.

Para as Igrejas, nos séculos anteriores, a luta pela beleza seria impensável pois a mulher não deveria ter vaidades, visto que a verdadeira beleza era aquela dada por Deus. Isto muda e agora “vale tudo” para alcançar o padrão de beleza ditado pela sociedade. Homens e mulheres não pensam duas vezes antes de utilizarem meios cirúrgicos, tecnológicos e outros para modelar seus corpos da maneira como os vislumbram, pois se antes as mulheres tinham medo do fogo do inferno, hoje elas têm medo de sua imagem no espelho (Sant'Anna, 2005).

Diante desta sociedade do “consumo da beleza”, é difícil imaginar que alguém fique - ou tente ficar- de fora na luta para alcançar os padrões corporais tidos como perfeitos. O fato é que existem muitas mulheres que ficam. Estas mulheres ainda carregam consigo o peso da moral religiosa e optam por viver e “consumir” um corpo de outra forma, a forma ditada pelo seu grupo religioso. Em nossa sociedade, os “modelos” de corpo também são, de certa forma, padronizados, mas não pela sociedade da beleza e, sim, por um grupo religioso. E esta sociedade que zela pela “pureza da alma” tem aumentado a cada dia, principalmente entre os grupos

pentecostais das denominações clássicas, que é o caso da Igreja Evangélica Assembléia de Deus. Mas, é preciso ficar atento para o fato de que nem sempre os modelos de corpo que vemos dentro da Igreja refletem-se fora dela. Assim como há diversas mulheres que se esforçam para viver dia a dia, mesmo fora da Igreja, da maneira “adequada”, vestindo-se e comportando-se de acordo com os costumes da moral religiosa, não podemos negar que há aquelas que se vestem de acordo com o padrão exigido apenas para ir à Igreja, mas fora dela utilizam outros tipos de roupas e, até mesmo, adorno e maquiagens. Estas mulheres, para irem a outros locais, fora da Igreja, arrumam-se e embelezam-se como as mulheres que aderiram a esta “onda da beleza” e da estética corporal imposta na sociedade. Há também aquelas mulheres que, mesmo sendo contra os princípios da Igreja em relação às vestimentas, freqüentam-na com as roupas que acham melhor, mesmo que estas não correspondam ao padrão geral das mulheres religiosas daquele determinado grupo. Mas, independente das vestimentas, diversas pessoas agem e se comportam de modo que acreditam agradar a Deus.

Na tentativa de se aproximar daquilo que é a vontade de Deus, os fiéis religiosos praticam diversos rituais e modificam suas condutas de comportamento. Isto está intimamente ligado ao uso do próprio corpo. Neste sentido, temos um corpo que depende de ações e comportamentos ou, ainda como Mauss (2003) prefere chamar, temos um corpo que depende de “técnicas corporais” que sejam desejáveis a deus, um corpo que por estes motivos precisa ser educado e construído a partir dos moldes de uma determinada crença. Para Mauss, toda técnica tem sua forma e se aprende lentamente. O autor diz que o mesmo vale para toda a atitude do corpo, ou seja, as pessoas aprendem gestos lentamente, de acordo com os hábitos da sociedade durante toda a vida.

Mauss (2003) estava atento para as diferenças de comportamento decorrentes da cultura. Ele dizia que os indivíduos davam sentidos e significados diferentes às suas ações e que isto era explicado pela cultura em que eram educados. Mas o que torna Mauss uma referência importante para a minha pesquisa é justamente o fato de ele inaugurar o estudo sobre o corpo e suas técnicas como algo não determinado só biologicamente mas também socialmente.

Há um estudo que chamou a atenção de Mauss e não por acaso. Este estudo falava sobre o aprendizado do nado, mas não sobre os aparatos biológicos do movimento. O artigo deixava de lado a “natureza” para demonstrar um interesse histórico e etnográfico da questão. O autor (que Mauss não cita a referência) falava sobre as mudanças que se podiam

observar na maneira de ensinar o nado. Mauss (2003, p.402) conta de forma descontraída como ele aprendeu a nadar e diz que na sua época era costume engolir água e depois cuspi-la. “Pois os nadadores se consideravam, em meu tempo, como espécies de barcos a vapor”, diz o autor. E, o mais importante de tudo, Mauss complementa dizendo: “Era estúpido, mas, enfim, ainda faço esse gesto: não consigo desembaraçar-me de minha técnica”. A mesma coisa podemos observar nas técnicas corporais aprendidas pelos fiéis das diversas religiões, técnicas estas que não são fáceis de modificar.

Mauss (2003) cita ainda diversas técnicas corporais que são aprendidas socialmente. A própria maneira de andar é um exemplo. Ele crê que pode reconhecer uma jovem que foi educada num convento, assim como reconhecer o andar de uma moça francesa que é diferente do andar de uma moça inglesa. Outro exemplo dado pelo autor é a posição das mãos em repouso, algumas são convenientes, outras não. Citemos um ótimo exemplo dado por Mauss:

Assim, podeis adivinhar com certeza, se uma criança conserva a mesa os cotovelos junto ao corpo e, quando não come as mãos sobre os joelhos, que ela é inglesa. Uma criança francesa não se comporta mais assim: abre os cotovelos em leque e os apóia sobre a mesa, e assim por diante (MAUSS, 2003, p.404).

Tudo isto também pode ser observado nas diferentes religiões. Para o autor, um simples gesto que se faz com as mãos (e que é diferente de uma religião para outra) durante uma oração religiosa, é efetuado numa série de atos montados. “[...] e montados no indivíduo, não simplesmente por ele próprio, mas por toda a sua educação, por toda a sociedade da qual faz parte, conforme o lugar que nela ocupa” (MAUSS, 2003, p.408). É por isso que entendemos quando o autor fala que o corpo e suas técnicas estão ligados a símbolos morais.

Os aparatos de um gesto podem ser mecânicos, anatômicos, mas o que ele representa é simbólico e, portanto, cultural. Deste modo, também os gestos dos fiéis aprendidos na igreja podem ser chamados de “técnicas do corpo”, visto que para Mauss (2003, p. 401) as técnicas corporais são “as maneiras pelas quais os homens, de sociedade a sociedade, de uma forma tradicional, sabem servir-se de seu corpo”. Os frequentadores de uma determinada Igreja, por exemplo, aprendem gestos específicos dentro de padrões determinados de comportamento. Quando digo “determinados” não estou dizendo que isto acontece de maneira obrigatória e, sim, de forma sutil e talvez totalmente inconsciente de acordo com a crença e a herança de um grupo específico. No caso da Igreja Assembléia de Deus, o corpo é educado de forma que seu uso não

prejudique a posterior salvação de sua alma. Os freqüentadores aprendem modos de se comportar, de se vestir, de falar, de sentar, etc. que não ofendam a Deus. Seus modos de estar no mundo os distinguem das outras pessoas que não fazem parte daquele grupo religioso e isto é percebido a partir da maneira pelas quais os membros da Assembléia de Deus fazem uso do corpo e das técnicas corporais.

Pode-se dizer que todas estas técnicas corporais e ações do indivíduo evangélico estão a todo tempo intermediando a sua relação com Deus. Mariano (1999) nos mostra que a maioria dos evangélicos possui uma relação quase obsessiva com as questões relativas à igreja. Para eles, tudo que acontece é influência de Deus ou do Diabo. Portanto, na busca da salvação, seus comportamentos devem ser uma espécie de contrato selado com o “ser superior”. Isto é o que os membros da Assembléia denominam de “Doutrina da Graça” pois é preciso merecer, agir de forma digna para se ter a “graça do Senhor”. Ou seja, mesmo que a intenção final seja a salvação da alma, o corpo é o objeto a ser utilizado para este fim. Portanto, o corpo é passível de se adaptar e de se modelar da forma que for mais adequada. Seus gestos, a partir de então, serão reflexos de uma educação corporal religiosa.

São vários os exemplos que observei na Igreja estudada que podem ilustrar a tentativa do fiel em ficar próximo de Deus. Exemplos voltados à redenção do fiel, como o dízimo doado por ele todos os meses à Igreja, as vestimentas, os gestos proferidos durante o culto e outros comportamentos corporais são facilmente observados na rotina deste grupo. Alguns têm ação direta, como o ato de se levantar e de se ajoelhar nos momentos corretos, as posições da mão no momento da oração, o jejum antes de algum ritual, etc. Outros agem sobre o corpo de forma indireta, como as roupas que alguns crentes precisam usar, os sermões que levam o fiel a modificar comportamentos, etc. Por tudo isto, percebi que o corpo é sempre influenciado, independente dos rituais agirem de forma direta ou indireta. Temos aí um conjunto de atitudes que foram educadas ao molde de um determinado grupo (neste caso um grupo religioso), e a isso Mauss (2003) chamou de técnicas corporais.

Mauss (2003, p.404) afirma que “Em todos esses elementos da arte de utilizar o corpo humano os fatos de educação predominavam”, pois só imitamos gestos de pessoas que, de alguma forma, exercem prestígio sobre nós. É o que ele chamou de “imitação prestigiosa” explicando que a criança, como o adulto, imita atos de pessoas em quem confia e de pessoas que tiveram sucesso. Talvez, para as crianças da Igreja, seja muito fácil confiar em seus membros e

vê-los como pessoas que obtiveram sucesso. “É precisamente nesta noção de prestígio da pessoa que faz o ato ordenado, autorizado, provado, em relação ao indivíduo imitador, que se verifica todo o elemento social” (MAUSS, 2003, p. 405), pois o gesto executado pode ser físico (biológico), mas seu elemento “condicionador” é social. Portanto, se na igreja, este condicionador social de atos vem perpetuado pelas tradições, são estas que intervêm e agem na educação dos indivíduos que a freqüentam. Por consequência, os usos e costumes tradicionais da Assembléia de Deus agem na educação dos gestos de cada fiel.

3.2 O CORPO E A IGREJA

Buscando compreender os significados do corpo para o grupo religioso da Igreja Evangélica Assembléia de Deus, percebi que era necessário tratar de alguns tópicos em particular, os quais facilitariam a organização de minhas idéias quanto ao que este corpo e suas técnicas representam para os fiéis. Desde o início de minha pesquisa fui compreendendo a Igreja e sua dinâmica em etapas, entre elas, as principais foram o modo como ocorrem os rituais (cultos), a estrutura dos cultos, a ênfase com que a Igreja trata a questão da “família” e as características principais de seus freqüentadores.

Iniciei minha pesquisa pela *internet* e ao procurar os endereços das Igrejas Evangélicas Assembléias de Deus existentes na cidade de Campinas, encontrei esta, que escolhi posteriormente, localizada próxima à minha residência, no bairro Vila Santa Isabel, em Barão Geraldo. Além de minhas freqüentes idas até a Igreja, o conhecimento que eu tinha do bairro com relação ao tipo de moradores, classe social, etc., seria de grande valia ao estudo. Ainda pela *internet* busquei mais informações e consegui encontrar o nome do Pastor desta Igreja bem como os dias e horários de culto que lá aconteciam semanalmente. Coincidentemente, naquele dia (uma quinta-feira), às 19 horas e 30 minutos haveria um culto. Resolvi ir até a Igreja naquela noite para tentar falar com o Pastor.

Cheguei à Igreja um pouco antes do horário do culto (19:10 hs) com a esperança de que o Pastor também chegasse antes e eu pudesse explicar-lhe meus interesses. Às 19 horas e

20 minutos chegou o primeiro fiel com o qual eu tive contato. Ele se chamava João²² e me recebeu muito bem. João me informou que nem sempre o Pastor Roberto vinha aos trabalhos, pois ele morava longe (em município vizinho) e era diretor de uma escola particular perto da casa dele. João me disse também que se ele não viesse eu poderia falar com o Diácono da Igreja, pois ele era o responsável quando o Pastor não estava. O Diácono se chamava Felipe e morava em uma casa construída nos fundos da Igreja.

Resolvi esperar pelo Pastor numa cadeira localizada no fundo da Igreja, assim eu poderia observar melhor todos que chegassem. As 19h30min chegou o segundo fiel, que cumprimentou-nos rapidamente e seguiu para uma cadeira localizada a algumas fileiras à minha frente. É neste momento que começo a perceber os primeiros gestos impressos no corpo dos freqüentadores da Igreja. Refiro-me a um ritual de rotina, no qual os fiéis, na hora em que chegam ao culto, ajoelham-se no chão de frente para a cadeira e oram por alguns minutos. Perguntei a uma mulher que estava ao meu lado o que significava aquilo. Um pouco insegura (sem saber exatamente a resposta para a minha pergunta), ela respondeu que eles precisavam fazer aquele ritual como forma de louvar a Deus e agradecer por estarem na Igreja.

Para os evangélicos, a posição corporal (o gesto) deve expressar o louvor e a obediência a alguém que é superior a eles, ou seja, Deus. Por isso o gesto de se ajoelhar perante o Ser Supremo é o mais adequado, pois mostra a submissão do fiel ao seu Deus. Ou seja, um gesto trivial, aparentemente simples, que faz parte do dia-a-dia de toda a membresia da Igreja e que para eles é apenas um ato costumeiro, é justamente o que me interessa neste estudo. São estes pequenos rituais corporais, gestos aparentemente sem importância para os fiéis, que já os executam quase que de forma “automática” que busquei observar, pois são justamente eles que simbolizam uma forma de educação corporal religiosa. Assim como uma pessoa foi educada a segurar os talheres de uma forma específica e, por costume, repete espontaneamente o mesmo gesto diante das refeições, estes fiéis se acostumaram com alguns gestos que são significativos justamente porque estão presentes no seu cotidiano.

Enquanto eu esperava pelo Pastor, João, vendo-me um pouco ansiosa, explicou-me que o culto só começava às 20 horas e não às 19h30min, como eu havia pensado. Aproveitei o tempo restante para conversar mais um pouco com ele. Percebi que João se sentia entusiasmado

²² Todos os nomes citados são fictícios, mantendo assim em anonimato todos aqueles que fazem parte da Igreja e que prontamente contribuíram para a minha pesquisa.

com a possível oportunidade que ele via de me transformar numa nova seguidora da doutrina. Ele não me questionara sobre o que eu queria ali, mas possivelmente imaginava que eu seria uma nova fiel. Eram 20 horas e o Pastor não havia chegado, então fui conversar com o Diácono Felipe. Enquanto isso, um dos fiéis dava início ao culto mesmo sem a presença do pastor²³.

Conversando com Felipe, expliquei-lhe porque estava ali e quais eram os objetivos de minha pesquisa. Para minha surpresa fui prontamente aceita. Felipe disse que, além de aceitar, eles iriam me ajudar no que fosse preciso. Sua fala foi tão cheia de empolgação que me senti bem em fazer meus estudos de campo naquele local. Mesmo percebendo em Felipe a vontade de conseguir futuramente me “converter”, percebi também que teria as portas daquela Igreja abertas para a realização da pesquisa. Mas ainda faltava a aprovação do Pastor, com o qual eu conversaria no próximo domingo.

Aproveitei aqueles dias da semana para pesquisar mais informações no *site* da própria Igreja. Nele descobri quais eram os cultos e em que dias eles aconteciam. Os cultos na Igreja que estudei são divididos da seguinte forma: nos domingos, das 9:00 às 10:45 horas acontece a *Escola Dominical*; ainda nos domingos, das 19:00 às 21:00 horas tem o culto da *Celebração da Família*; nas terças-feiras, das 19:30 às 21:00 horas, o culto é dedicado aos *Estudos Bíblicos*; nas quintas-feiras, também das 19:00 às 21:00 horas, acontece novamente o culto da *Família* e; em todo primeiro sábado do mês, das 19:00 às 21:30 horas é realizado o culto da *Santa-Ceia*. Descobri que os cultos de *Celebração da Família* e da *Santa-Ceia* são sempre transmitidos ao vivo pela *internet*. Descobri ainda que na *Escola Dominical* os estudos são feitos em grupos e havia um deles, em particular, o qual pensei que seria o mais interessante, era o grupo que abarcava meninos e meninas entre 11 e 15 anos. Muito interessante era também o *slogan* que complementava o *site* da Igreja neste tópico de horários: *Acompanhe os nossos cultos ao vivo pela Internet em áudio ou vídeo! E, caso você não se contente só com isso, venha cultuar a Deus conosco de **corpo**, alma e espírito* (O grifo na palavra *corpo* é meu, pois o apelo das igrejas, não só das Evangélicas, é justamente a participação materializada dos fiéis. Não basta crer, tem que comparecer).

A semana de espera passou, era domingo e dia de ir à Igreja novamente. Optei por fazer como no primeiro dia, ou seja, chegar novamente mais cedo à Igreja. Fiquei à espera do

²³ Aos poucos fui entendendo que esta era uma característica do protestantismo e que era comum o Pastor não estar presente todos os dias, assim como era comum os próprios fiéis conduzirem os cultos na sua ausência. Logicamente que nem todos os fiéis faziam isto, somente alguns supostamente mais preparados.

Pastor Roberto que, felizmente, veio para a Igreja naquele dia, mas só pôde falar comigo no término do culto. Ele foi muito simpático e, após minhas explicações, disse-me que provavelmente não haveria problemas quanto a minha participação nos cultos e nem quanto às conversas que eu necessitaria ter com ele e com os outros membros. No entanto, ele teria que levar o meu pedido ao comitê de ética da Igreja. Após tudo estar resolvido com o comitê e com os membros da Igreja e, após a permissão do Pastor²⁴, dei início a minhas participações nos cultos e conversas com os freqüentadores da Igreja Evangélica Assembléia de Deus.

No início de minhas observações fui a todos os tipos de culto que são praticados na Igreja. Particpei diversas vezes de cada um daqueles que descrevi. Com o passar das observações, logo percebi que poderia ser suficiente freqüentar apenas alguns cultos específicos pois eles tinham contornos parecidos. No entanto, o que me fez dar prioridade aos cultos de domingo, indo apenas algumas vezes aos de terças e quintas-feiras foi o fato de eles serem mais freqüentados do que os outros. Além disso, o meu objetivo era me aproximar mais das meninas que participavam da educação dominical e que, tirando o domingo, mal vinham à Igreja nos outros dias da semana.

Iniciei minhas idas à Igreja no dia 1º de agosto de 2006 e finalizei-as no dia 9 de dezembro de 2007. Totalizei, dentre todas as minhas observações participantes, um número de 63 cultos. Nos primeiros meses de minha participação (agosto e setembro) assisti a quase todos os cultos da Igreja, estive presente naqueles que aconteciam nas terças e quintas-feiras à noite e naqueles que aconteciam no domingo, tanto pela manhã como à noite. A partir de outubro de 2006, minimizei minha freqüência nos cultos de terças e quintas-feiras, mantendo assiduidade apenas nos de domingo, tanto nos realizados no período da manhã denominados de Educação Dominical quanto nos realizados a noite, denominados Culto da Família. Em resumo, de 1º de agosto a 3 de dezembro de 2006 participei de 33 cultos.

Reiniciei minhas participações em fevereiro de 2007, indo preferencialmente aos cultos de domingo de manhã e, em alguns, do domingo à noite. Nesta mesma época dei início às entrevistas com alguns membros da Igreja. Em 2007 minha participação totalizou 30 cultos, 2 encontros comemorativos da Igreja (um encontro que comemorou o dia das crianças e outro que consistiu numa celebração da família) e ainda 16 entrevistas. Dentre os entrevistados estão o

²⁴ De acordo com algumas necessidades éticas elaborei um pedido de permissão para a pesquisa em forma de carta. O modelo deste pedido pode ser visto em anexo I.

Pastor, as duas professoras da Educação Dominical da turma das meninas adolescentes, uma freqüentadora e as 5 meninas da turma de Educação Dominical que selecionei como personagens principais desta pesquisa. Durante este tempo tive a oportunidade de conversar sobre o assunto de que trato neste estudo e outros diversos assuntos que mesmo não estando presentes no texto contribuíram para o meu entendimento desta religião e do cotidiano de seus freqüentadores. No decorrer de todo o texto cito inúmeras falas dos membros entrevistados e conto também algumas coisas que foram registradas nas conversas informais que tive com eles.

A coleta de dados (entrevistas) foi feita através da aplicação de um questionário elaborado de forma semi-estruturada. Todos os depoimentos foram gravados, com a permissão dos entrevistados, para facilitar a transcrição e a interpretação dos dados. Todos os membros que participaram das entrevistas foram devidamente esclarecidos sobre as questões éticas do trabalho, como a garantia de sigilo quanto as suas identificações e a não publicação de imagens. Todos eles assinaram um termo de consentimento “livre e esclarecido” permitindo a publicação dos dados por mim registrados. Quanto às meninas que eram menores de idade, o termo foi assinado por seus pais consentindo com suas participações.

A Igreja que estudei fica localizada num bairro onde se encontram famílias tradicionais, mas também muitas famílias financeiramente desfavorecidas, que residem em casas simples e, algumas delas, muito pobres. Ela fica próxima à moradia estudantil da Unicamp, onde, em volta, existem muitas casas de estudantes. Há lugar para acomodação de aproximadamente 70 pessoas. É composta por diversas filas de cadeiras azuis, confortáveis, que ficam localizadas desde a entrada da porta principal até o início do altar, sendo que as cadeiras da frente são reservadas para os membros que participam do coral, para os pastores visitantes e, principalmente, para o Pastor Roberto. No lado direito do púlpito do pastor, ficam algumas cadeiras reservadas aos músicos que tocam violão, bateria, violino e flauta. A igreja não possui qualquer tipo de imagem ou desenhos nas paredes. Ela conta com quatro caixas de som, uma em cada canto da sala. Do lado esquerdo da porta de entrada há uma mesa onde um dos membros fica encarregado de controlar o som da caixa amplificadora e também monitorar, num *notebook* adquirido pela Igreja, o número de ouvintes do culto pela internet.

Com exceção do Pastor Roberto e de alguns poucos fiéis, a maioria dos freqüentadores pertencem a classes sociais menos favorecidas. São pessoas que, mesmo nos dias

extremamente chuvosos, deslocam-se de suas casas até a Igreja, a pé, portando guarda-chuvas. Poucos são os membros que chegam à Igreja de carro.

O Pastor Roberto não é somente pastor. Ele leva uma vida profissional paralela ao pastorado. Ele é diretor de uma escola particular no município vizinho e, justamente por não ser pastor em tempo integral, afirmou que não recebe salário da Igreja, mas é possível perceber que desfruta de uma boa vida econômica. O Pastor Roberto é um homem com cerca de 50 anos, alto, branco, de cabelos escuros e muito robusto. Possui uma simpatia que o ajuda no trato com os fiéis. Durante o culto, em meio aos sermões, ele sempre faz algumas brincadeiras e conta histórias engraçadas. No final do culto fica cerca de mais uma hora na Igreja dando atenção aos membros que desejam conversar com ele. Aos domingos, como ele ministra o culto da manhã e depois o culto da noite, ele não vai embora para sua casa. Almoça cada dia na casa de um dos membros e depois passa o resto do dia na Igreja, sempre acompanhado de outros homens que fazem parte da membresia.

A maior parte dos frequentadores têm acima de 25 anos, sendo a maioria deles pessoas mais idosas. O número de mulheres é um pouco maior do que o de homens. Os membros são, em sua maioria, brancos, tendo um número muito reduzido de negros. Os poucos membros, mais favorecidos economicamente, não são moradores do bairro onde se localiza a Igreja e, sim, de outros municípios. Eles frequentam esta Igreja devido ao cargo que os homens da família nela ocupam. As duas famílias mais bem sucedidas economicamente que frequentam a Igreja, fora a família do Pastor, são as de dois ministros pastorais.

Dos fiéis que têm entre 25 e 30 anos, muitos não são permanentes pois estão cursando seus estudos na Unicamp e, ao término dos mesmos regressarão a suas cidades de origem. Isto é, se não se casarem com outro membro da Igreja, o que faz com que alguns deles permaneçam na cidade como é o caso de Pedro, que residia em Mato Grosso do Sul, mas resolveu ficar porque se casou com Fernanda. O mesmo aconteceu com Marcia, que veio de Londrina, PR e acabou ficando porque se casou com Lúcio. O primeiro casal citado tornou-se muito próximo de mim, sempre conversávamos muito e o fato de serem alunos da pós-graduação na Unicamp facilitou um vínculo de proximidade. Em minhas idas à Igreja, acompanhei os preparativos para o casamento, inclusive seus planos de viagem de lua-de-mel. Fui também convidada para a cerimônia, a qual, devido a outros compromissos, não pude assistir. Fernanda é professora “eventual” do Estado de São Paulo e ganha muito pouco, Pedro contava apenas com

uma bolsa de estudos da Unicamp. Eles, assim como a maioria dos membros da Igreja, vivem com muito pouco.

O primeiro culto a que assisti foi aquele que, segundo o Pastor, era o mais importante, o culto do domingo à noite. Nele, a primeira impressão que tive ao entrar na Igreja foi a de que eu não pertencia àquele mundo e, realmente, eu não pertencia. Isto se reforçava cada vez mais. A Igreja estava cheia, havia mais de cinquenta pessoas lá dentro e todas me olhavam quase ao mesmo tempo. Cada “olhar atravessado” que eu recebia enquanto tentava encontrar um lugar para sentar confirmava que eu era não só uma novidade, mas alguém diferente. Se eu estivesse vestida da mesma forma que todas as fiéis que estavam na Igreja e tivesse o mesmo padrão de gestos que elas, provavelmente eu não causaria a mesma impressão²⁵.

Entendo que em cada religião existe um conjunto de atitudes permitidas ou não, ensinadas ou não, e que isto se reflete no uso e na construção do corpo do indivíduo que frequenta a mesma. O que aqueles fiéis tinham como padrão de comportamento não se refletia em mim. Era como se eu assustasse ou incomodasse a sua “ordem”. Os seguidores desta religião (como de qualquer outra) dão significado às suas ações pautados em diversas crenças e diversos ritos que, de certa forma, causam transformações na cultura corporal dos mesmos. Eles já tinham se habituado a tais transformações de forma tão “naturalizada” que a minha presença era algo estranho para eles. Eles não poderiam ter certeza sobre quais eram as minhas crenças, mas somente pelos meus “quesitos materiais” eles sabiam que não eram as mesmas que as deles. Esta já é uma característica que demonstra o quanto o corpo é significativo, pois ele, seus gestos e modos de ações específicos representam aquilo que está contido na crença do grupo.

Durkheim (1996, grifos meus) já dizia que as crenças consistem em representações (opiniões), maneiras de pensar sobre algo e os ritos são justamente os modos de ação que determinam estas crenças. Nisso, há exatamente a diferença que separa o **pensamento** do **movimento**. Partindo desta idéia do autor, podemos ver que numa religião existe “aquilo que é da **alma**” e “aquilo que é do **corpo**”. E o que pertence ao corpo é significativo pois reflete uma educação religiosa. A alma crê e o corpo demonstra através de gestos algo que exprime esta crença. Dito de outra forma, o rito serve para atestar o que a crença diz. Sendo assim, tornou-se fácil para os fiéis daquela Igreja perceberem que o meu corpo não atestava o que a crença deles

²⁵ Ressalto que todas as vezes que ia à igreja me vestia da forma mais discreta possível e sem esmalte, maquiagem ou qualquer tipo de adorno.

dizia. Mas o estranhamento não durou por muito tempo, logo eles foram me conhecendo melhor e me aceitando. No fundo, tinham a esperança de que eu me convertesse, mas não forçavam a situação, dizendo que eu teria tempo para perceber o que era “certo”.

O que me interessava observar na Igreja eram as coisas que dizem respeito ao corpo, ou seja, eram os gestos referentes aos “usos e costumes” dos freqüentadores observados. Busquei me colocar no lugar deles e compreender o que significava para eles agir da forma como agiam. Foi assim que iniciei minhas primeiras observações, as quais, ao longo do tempo foram despertando novas questões e também mudanças no meu trajeto e em minhas reflexões teóricas.

3.2.1 Corpo/alma: o início (criação) e o fim (morte)

Deus pegou o pó da terra mais o pneuma, ou seja, o espírito, soprou seu ar e transformou em “alma vivente”. Nós temos três elementos: o corpo, a alma e o espírito. O homem é um ser tricotômico. Olhando para esse ser, a alma é o elemento chave da vida do homem, é o elemento que decide, que questiona, a alma é o estado de decisão do homem. O corpo é a bainha da alma, o espírito é a relação que o homem tem com Deus, a necessidade de adoração e que existe em qualquer parte do mundo, uns podem adorar um animal, outros uma montanha, enfim, e os que adoram Deus, está intrínseco a nós a necessidade de adoração (Entrevista Pastor Roberto).

Sabemos que as explicações para questões como “de onde vim” ou “para onde vou” são diversas, mas sabemos que todas elas são feitas incluindo também explicações sobre o corpo pois, para a maioria das religiões, ele é normalmente o “abrigo” da alma. Esta explicação da Igreja Evangélica Assembléia de Deus²⁶ sobre tudo isto, mais especificamente sobre a criação do homem, contada pelo Pastor Roberto, demonstra a crença na fragmentação do ser humano em três partes: corpo, alma e espírito. Nesta visão, fica clara a importância do corpo como a parte “dada por Deus” ao homem para que sua alma pudesse vir ao mundo e através de seu uso, ser ou não merecedor do “paraíso”, pois se o corpo abriga a alma, ele é também responsável por encaminhá-la ao céu ou ao inferno. Ou seja, é o uso que fazemos do corpo o que define nosso destino.

²⁶ A explicação do Pastor, assim como a visão de mundo que ele e os outros fiéis têm é pautada na interpretação que eles fazem da Bíblia, interpretações estas que são diferentes para cada religião que também tem a Bíblia como regra de fé.

Quando o Pastor diz que o corpo é a bainha da alma percebo que esta sempre foi a história do corpo. Durkheim, ao estudar as sociedades australianas, já constatou que para todas as tribos o corpo era a morada da alma mas que esta é compreendida como independente do corpo, uma vez que pode sair dele. Os fiéis da Igreja Evangélica Assembléia de Deus acreditam que o corpo é a morada do Espírito Santo e entendem que no momento em que a alma abandona o corpo, este morre e a vida material acaba, mas a alma não, esta continua a viver num mundo a parte.

A explicação do Pastor quando questionado sobre para onde vão as almas depois da morte física é de que:

Esta história de reencarnação é uma bobagem, não existe isso. Veja como acontece. O diabo, inimigo de nossas almas, ele quer conduzir nossas almas ao inferno, tanto é que as pessoas vão para o inferno e não perdem os sentidos, então elas vão ter os tormentos do inferno, e isto não é história da carochinha não, a decisão está do lado de cá da sepultura, esta coisa de purgatório também não existe (Entrevista, Pastor Roberto).

Para a crença da Igreja Evangélica Assembléia de Deus, o lugar para onde vão as almas depois da morte depende do que cada um fez em vida, ou seja, enquanto “corpo” deve-se tomar cuidado e respeitar os dogmas da Igreja a fim de ir para o céu. Percebi que em todos os cultos o Pastor Roberto enaltece a preocupação que os fiéis devem ter com seus comportamentos para não se arrependem no momento em que serão “arrebataados” por Deus. Isto soa mais como uma tentativa de amedrontar as pessoas como se fosse uma forma melhor de convencê-las.

Céu ou inferno! Veja bem, a salvação está do lado de cá da sepultura, então antes da morte você decide se quer ser salvo e ir para o céu, ou se você não quer ser salvo e ir para o inferno. Lembra que eu falei da morte espiritual, da morte física e da morte eterna? Enquanto você está vivo você participa da morte espiritual, mas quando você aceita Jesus você se restabelece. Religião vem do verbo religar do latim, que significa que depois que o homem rompeu com Deus ele pode se religar a ele. Quando Jesus veio, ele tentou reconciliar o homem com Deus, ele pegou na mão do homem e na mão de Deus. Imagine que existe um abismo que separava o homem e Deus e o homem tem que tentar chegar nele. Deus disse: Eu sou o caminho, a verdade e a vida, ninguém vem ao pai a não ser por mim, ou seja, só existe este caminho. Eu só posso escolher isto em vida, pois depois que você já estiver no inferno, você não volta mais, acabou (Pastor Roberto, Culto da Família).

Apesar desta abdicação do corpo em detrimento da alma, os fiéis da crença Evangélica estudada crêem que a alma mantém relações com este corpo e precisa dele. Por isso existe a rigidez dos fiéis quanto aos usos deste corpo, pois, conseqüentemente, o que atinge o corpo atingirá a alma. Entre os cuidados com o corpo e os cuidados com a alma, o próprio Pastor Roberto enfatiza que devemos cuidar muito bem do corpo, pois ele é o templo do Espírito Santo. Ele enfatiza a criação do corpo como *a obra prima da criação de Deus, o clímax*. Pois é ele quem receberá a alma.

As explicações feitas pelo Pastor não se traduzem numa explicação racional, afinal, o que está em jogo não é a razão e, sim, a fé (a emoção). As respostas sobre vida, morte e para todas as coisas do mundo são entendidas pelo viés da crença que os fiéis depositam nestas explicações. São estes sentimentos de crença que se traduzem como “fé”. É a fé que têm os fiéis que torna uma crença “forte”. Num dos cultos de que participei ouvi do Pastor a seguinte frase: *A fé é o único e firme propósito que nos dá a certeza de que realmente vai acontecer o que esperamos que aconteça* (Pastor Roberto durante um culto). O que o Pastor quis dizer é que a nossa única escolha é acreditar, pois é a fé que tranqüiliza quanto ao que vai acontecer no futuro. Ou seja, é justamente a fé das pessoas que, quando investida na crença de uma determinada igreja, confere poder a esta mesma igreja. Uma Igreja “poderosa”, que exerce fascínio e autoridade sobre os fiéis, é aquela que melhor convenceu os participantes de que tudo que é dito por seu líder é verdade. E, neste caso, o fiel não precisa ter certeza, ele só precisa ter o sentimento de fé necessário. Portanto, a religião é algo do coletivo, mas aderir a ela e acreditar em sua doutrina depende também de uma fé individual e, de certa forma, depende do fiel ter obtido respostas satisfatórias aos seus problemas. Não é à toa que vemos as pessoas mudarem algumas vezes, ou até muitas vezes, de religião. A pessoa só permanece numa religião quando esta atende seus propósitos e a ajuda a melhorar no que precisa.

3.2.2 De quem são as decisões? Do corpo ou da alma?

Olha só o que diz a Bíblia: “Rogo pois irmãos, pela compaixão de Deus que apresentei os vossos corpos em sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional”. Quer dizer o culto que é inteligente, o culto não pode ser uma coisa bestial, tem que ser inteligente pois o seu corpo é que é oferecido em sacrifício vivo e santo. Você apresenta e oferece seu corpo a Deus e não pode se conformar com este mundo (Entrevista, Pastor Roberto).

Nesta fala do Pastor é possível entender o que o corpo representa para ele e o que “realmente somos”. Fica clara a idéia de que somos uma alma, ela é a nossa essência. É a alma quem toma as decisões e por isso ela deve oferecer o “corpo” a Deus. Ofereço o corpo porque é o que tenho de meu, não porque sou eu. E devo oferecer a Deus um corpo que seja puro, é neste momento que o corpo se torna vigiado e limitado pelas regras da Igreja. Regras que dizem aos fiéis para oferecerem seus corpos em sacrifício “santo” e “agradável”. É o cuidado do homem quanto ao uso que faz do próprio corpo. Este “ritual do uso do corpo” limita os comportamentos que não entram em conformidade com as possibilidades de movimento que o mundo fora da igreja oferece ao indivíduo (não que isto seja necessário). Para o Pastor, quando a pessoa lê a Bíblia ela se transforma e, quando isto acontece, é o seu corpo que se transforma e passa a entender o que lhe é possível sem desagradar a Deus.

A lista de como o indivíduo deve se comportar para não desagradar a Deus é grande. Diversos códigos e princípios morais existentes nas religiões podem demonstrar o lugar que o corpo ocupa nos fenômenos religiosos. Assim como uma regra moral da sociedade, um rito religioso nos prescreve maneiras de agir (e que a meu ver só podem ser demonstradas corporalmente).

A pesquisadora Ivone Gebara (1997, p. 66) utiliza o termo “princípios” para se referir a estas regras morais que são referências claras em nosso comportamento e das quais não abrimos mão. Os princípios aparecem como regras que norteiam o comportamento. Mas, para a autora, é preciso que fiquemos atentos sobre a utilização, às vezes irrefletida, destes princípios, pois “nem sempre abrimos um espaço de reflexão e diálogo com os valores que consideramos os princípios que comandam, de certa forma, nossas ações”. Para ela, “os princípios podem se tornar abstrações distantes de nossas vivências concretas, distantes dos conflitos externos e internos que experimentamos”. A escola e a aula de Educação Física podem ser um bom exemplo de conflito externo com os princípios religiosos. A aula pode se refletir numa vivência muito distante e, às vezes, até oposta da vivência e do aprendizado que as meninas evangélicas recebem na igreja.

Talvez por esta diversidade de princípios e de regras morais existentes seja possível observar nos fiéis de uma determinada igreja - e eu pude claramente observar nos fiéis da Igreja pesquisada -, comportamentos que são específicos de sua crença, modos de agir que os caracterizam e os diferem de outros indivíduos que não têm como princípio as mesmas coisas.

Bastaram poucos minutos de culto para eu perceber o quanto esta crença possui regras morais estreitamente ligadas ao corpo do indivíduo.

Enquanto vocês estiverem perto de Deus, Ele estará cuidando de vocês. Do mesmo jeito que um pai protege seus filhos, Ele estará protegendo vocês. Mas se vocês virarem as costas para o Pai, ele não terá outra escolha senão abandoná-los. Aqueles que freqüentam a morada do Senhor estão mais perto Dele (Pastor Roberto, Culto da Família).

Esta frase declamada de forma fervorosa pelo Pastor, sobre estar perto de Deus, não quer dizer aos fiéis simplesmente que “mantenham suas almas perto de Deus” e, sim, “freqüentem a Igreja”, “tragam seus corpos para a Igreja”. Avisar aos fiéis sobre a importância de freqüentar a morada do Senhor é o mesmo que dizer que eles precisam vir até a Igreja, caso contrário a Igreja não precisaria existir. Mas ela existe porque os fiéis acreditam que para terem algum direito de usufruir das coisas divinas precisam fazer a sua parte. Entre todos os cultos que acontecem, na semana, na Igreja Evangélica Assembléia de Deus, os fiéis têm o dever de participar de pelo menos um, e, se for possível, até mais do que um. Em geral, o culto do domingo é praticamente obrigatório na maioria das instituições religiosas.

Os fiéis não podem faltar aos cultos sem que com isso sofram algum prejuízo. É como se eles saíssem da cerimônia contagiados por uma “energia divina”, a qual eles denominam de Espírito Santo, e esta os ajudasse a lidar com as coisas do dia-a-dia. Mas no decorrer da semana eles vão perdendo estas bênçãos recebidas e, precisam voltar à Igreja para nova cerimônia, antes que sejam abandonados por Deus e a vida cotidiana volte a ficar difícil. O que vemos aqui não é só o propósito de ter a alma protegida e salva. Os significados implícitos são bem maiores. O fiel acredita que indo à Igreja ele vai melhorar de vida. Ele quer salvar a sua alma, mas ele também quer viver da melhor forma possível aqui na terra. Por isso ele acredita que a Igreja se configura como algo essencial, pois é somente nela que o pecado está excluído. Os líderes da Igreja estudada enfatizam a necessidade porque o “mundo”²⁷ está cheio de pecados e tentações que impedem o homem de ter contato e seguir a vontade de Deus.

²⁷ O “mundo” é a expressão comumente utilizada pelos membros da igreja para se referir a tudo que é profano, eles separam enfaticamente a igreja do “mundo” (mundanismo).

3.2.3 A consagração e as coisas consagradas

A Bíblia fala de vocação e comissão. Todos nós fomos chamados para fazer parte da grande comissão, que Jesus comissionou a Sua Igreja. E alguns foram vocacionados, foram chamados. De repente, Deus me chamou para o ministério, a Bíblia diz assim: foi chamado para a obra do ministério. Então a pessoa deixa os seus afazeres e se dedica integralmente ao trabalho de evangelização. Sou Pastor desde os 19 anos de idade, é porque eu fui chamado para isso por Deus, e depois que você é vocacionado e chamado, você é capacitado (Entrevista, Pastor Roberto).

Além de a Igreja estar separada do que é pecaminoso, como visto no tópico anterior, o Pastor também está. O pastor é um membro da Igreja que já se encontra mais próximo ao mundo sagrado do que todos os outros membros, afinal ele foi chamado e vocacionado por Deus para o trabalho de pastorado. Ele “olha” pelos outros pois é um líder mandado por Deus para isso. Se o pastor exerce prestígio sobre o fiel é porque, de certa forma, ele é digno de ser um líder. E ele só se transforma num líder religioso porque foi “indicado por Deus” para este papel.

Quando o Pastor fala em ser capacitado, ele se refere, além da graça recebida, ao “curso” que fez para ser Pastor e, depois deste curso, ele passa por um ritual que confirma publicamente seu papel de líder religioso apontado por Deus. Apesar de o pastor representar a união dos dois mundos, ele está “naturalmente” mais próximo do mundo sagrado. A partir da consagração do pastor, ele se torna um líder religioso para os fiéis, conferindo a eles o contato com o sagrado mediante diversas cerimônias, cultos e liturgias.

Para concretizar este contato dos membros com Deus, além das participações nos cultos, das orações e evangelizações, Júlia, uma das mulheres da Igreja a quem entrevistei, disse-me que existe um ritual no qual duas “coisas” são consagradas. Isto acontece num culto que eles chamam de Santa Ceia. Nele é feita uma consagração do pão e do vinho que, após o ritual feito pelo pastor, passam a representar simbolicamente o corpo e o sangue de Jesus.

A Santa Ceia é a representação simbólica de quando Jesus comemorou a última Páscoa com os discípulos, que aí ele partiu o pão e tomou o vinho e ele falou: Fazei isso em memória de mim até que eu volte, que é o que a gente crê, que Jesus vai voltar. Então a gente faz essa cerimônia, lembrando que ele morreu e que ressuscitou, e esta cerimônia é feita uma vez por mês (Entrevista Julia, professora da turma infantil).

Júlia contou que após a consagração destes elementos, eles bebem o vinho e comem o pão. O Pastor enfatizou que este cerimonial simboliza e lembra o ato de Jesus partilhar o pão e o vinho com seus discípulos. Julia disse que participam deste ritual todos aqueles que são membros da Igreja, ou seja, não basta estar na Igreja para participar, tem que ser batizado.

Outro ritual, que é o mais importante na Assembléia de Deus, é o de batismo. É ele que define os papéis dentro da Igreja, ou melhor, proporciona algum papel ao fiel, pois sem ele o indivíduo é apenas um participante vislumbrando se tornar um membro. É a partir do batismo pelo Espírito Santo que os indivíduos se tornam realmente membros da Igreja Evangélica Assembléia de Deus.

Quando perguntei a Júlia sobre o que era o batismo, ela disse: *eu considero ele como característico da Igreja Evangélica. Assim como a hóstia é um ritual importante da Igreja Católica, porque é um momento de ritual que serve para demonstrar um sentimento da fé que cada um tem.*

A representação do batismo é um exemplo de ritual que se dá no corpo do fiel, afinal é através do corpo que o fiel é perdoado por seus pecados.

Ele não é o batismo de nascimento como na Igreja Católica, é o batismo de conversão, lembra o batismo de João, na verdade representa o batismo de João Batista na Bíblia, que ele batizava por arrependimento, para remissão de pecados. Ele não batizava quem tivesse outros fins. Ele era primo de Jesus, veio primeiro. Foi ele quem começou a falar sobre o reino dos céus estar próximo e que todos deveriam vir e se arrepender de seus pecados para serem batizados na água do rio para o arrependimento. Em alguns lugares da Igreja Evangélica, no interior, em cidades mais pequenas ainda existe esta cerimônia feita no rio, inclusive no próprio Rio Amazonas tem muito. Então o que representa para a gente é que quando você mergulha nas águas você está sendo lavado, sua alma está sendo lavada e você está sendo perdoado de seus pecados. Aqui, como não dá para fazer no rio, é feito com água também, mas nos chamados tanques batismais (Entrevista, Julia).

É como se o corpo estivesse sujo pelos pecados cometidos e precisasse ser lavado. Neste sentido, o corpo é o símbolo do pecado. Mas lavando-o, purifica-se a alma também. Portanto, para os indivíduos estudados, o corpo, no momento do batismo, representa ao mesmo tempo a matéria, a alma e o espírito. Um outro exemplo disso relato a seguir.

Na igreja estudada são muito comuns “os testemunhos” nos cultos de domingo à noite, ou seja, os fiéis dão depoimentos sobre algo que aconteceu durante a semana. Numa de minhas observações, o Pastor chamou até o altar uma senhora chamada Vera, que poucas vezes eu tinha visto na Igreja. Vera discursou sobre a “benção maravilhosa” que havia recebido de Deus naquela semana. Ela contou que, na quarta-feira, seu filho mais velho tinha sofrido um acidente, mas que o fato de ela ser uma missionária da Igreja Evangélica Assembléia de Deus fez com que Deus se orgulhasse dela e desta forma protegesse seu filho de algo pior. Ela julga que por ser uma trabalhadora da Igreja tem direitos que outros não têm. “*A prova de que Deus olha por seus filhos que trabalham para Ele, é que nem o acidente nem as ferragens do carro atingiram o **corpo** do meu filho*” (Vera, grifo meu). Em seu pensamento seu filho poderia ter morrido se ela não fosse uma “obreira do Senhor”.

O mais interessante deste discurso é quando ela fala sobre Deus ter protegido o corpo de seu filho porque, naquele momento, não bastava que Ele tivesse protegido e amparado apenas sua alma. Para os fiéis, a fé e a frequência aos cultos não estão relacionadas somente à salvação da alma depois da morte, na verdade tem um fundo “material”, eles desejam viver bem agora, querem que o corpo também usufrua de alguns benefícios em vida.

Por isso a idéia de Mauss e Hubert sobre o ritual ser sempre uma forma de contrato ainda é válida, pois as religiões atuais são uma forma de compromisso do indivíduo para com Deus e vice-versa. O indivíduo religioso tem obrigações, mas cumprindo-as ele compromete a Deus, que também terá “obrigação” de cumprir a Sua parte. No caso de Vera, ela “dá” o seu trabalho e Deus “dá” a proteção para sua família, e, no caso do batismo, percebo que este é uma espécie de “contrato formalizado”.

Pensando nisso tudo, lembro-me da fala do Pastor Roberto que em conversa comigo e com outro fiel da Igreja disse que a fé precisa ser materializada, senão não há fé. O Pastor quis dizer que é preciso que algo se concretize materialmente (que os olhos possam ver) para que possamos crer naquilo. Mas, muitas vezes, a fé não pode ser submetida à prova e então nossa única opção é crer. E, como diz o Pastor, na falta da certeza, é melhor que pratiquemos o que a crença diz para não prejudicarmos nossa relação com Deus.

Este comércio com o “Ser Superior” se define no momento em que o fiel faz do seu corpo um objeto de troca com ele. Ou seja, o fiel se mantém longe do pecado, cuidando para

que o corpo não “profane a Deus”²⁸. Ele vai até a Igreja para ser visto por Deus, (e ser visto principalmente pelos membros da Igreja, que estão sempre vigiando uns aos outros) e assim conseguir o que deseja. Ou seja, o intermediário entre o céu e a terra é o próprio corpo do homem religioso. A alma já é pura por “criação”, já o corpo:

O corpo é material. A inclinação do corpo é para o que os olhos vêem, pelo que os ouvidos ouvem, por tudo que entra no corpo pelos sentidos. Veja só, a Bíblia diz que tem duas partes do homem: o homem exterior e o homem interior. O homem interior, ele clama por Deus, o homem exterior clama pelas coisas fora, pelo que está no mundo. E nesta inclinação, aquele que for mais forte vai dominar o outro (Entrevista, Pastor Roberto).

Ou seja, o homem interior a que o Pastor se refere é a alma e o homem exterior é o corpo. Como a alma já está mais próxima de Deus, é com o corpo que devemos tomar cuidado para mantê-lo puro. Mas o que fazem os fiéis para se manter puros? Ora, eles abdicam de uma coisa para conseguir outra. Na Igreja há sempre um ato de abnegação. O indivíduo se priva de diversas coisas porque “Deus exige”. No entanto, Mauss e Hubert já deixavam claro que esta abnegação não suprime um retorno egoísta.

Se ele dá, é em parte para receber. O sacrifício se apresenta assim sob um duplo aspecto. É um ato útil e é uma obrigação. O desprendimento mistura-se ao interesse. Eis porque ele foi freqüentemente concebido sob a forma de um contrato (MAUSS, HUBERT, 2005, p.106).

Para eles as duas partes envolvidas trocam serviços e ambas têm suas vantagens, pois Deus também tem necessidade dos pecadores. “Para que o sagrado subsista, é preciso dar-lhe sua parte, e é com a parte dos profanos que se faz essa reserva” (MAUSS, HUBERT, 2005, p.106). Ou seja, um não existiria sem o outro. O sagrado encontra a fonte da vida no profano e vice-versa. As condições mesmas para ambas as existências são estas tentativas dos homens em manter contato entre um e outro. Este é um dos conceitos de Mauss e Hubert ainda válidos para hoje. Mariano (1999) afirma que é por isso que a figura do Diabo exerce papel fundamental dentro das igrejas, pois ele é o principal inimigo de Deus e, sem ele, as lutas não precisariam acontecer. Mas, afinal, quem corre mais perigo ante as tentações do Diabo? O homem ou a mulher? É sobre a diferença entre ambos que falarei um pouco no último item deste capítulo.

²⁸ Termo utilizado pelo Pastor Roberto.

3.3 A VISÃO SOBRE (E DAS) MULHERES NA IGREJA EVANGÉLICA ASSEMBLÉIA DE DEUS

*Ele até podia não saber porque estava me batendo, mas no fundo eu sabia muito bem. Deus estava querendo me ensinar a não pecar e usou o meu marido para isso. O **coitado** nem sabia porque estava me batendo mas no fundo, eu merecia (Sofia, durante sua fala na educação dominical. Grifo meu).*

Assim como a sociedade, a religião também se modificou ao longo da história. Isto acontece porque a Igreja precisa assumir um posicionamento que acompanhe as transformações políticas, culturais e econômicas ocorridas na vida dos fiéis. Sendo assim, se a religião sofreu (e ainda sofre) mudanças, isto também se reflete no corpo. Podemos admitir que os gestos corporais se transformam ao longo do tempo, assim como as regras morais de cada religião se modificam. Mas, apesar de tantas mudanças, o papel da mulher para os fiéis da Igreja Evangélica Assembléia de Deus ainda é considerado inferior em relação ao do homem. Para os membros da Igreja a mulher continua tendo menos liberdade e mais obrigações.

Esta frase citada no início do tópico foi dita por Sofia, a professora da Educação Dominical da turma das mulheres da Igreja, em uma das aulas de domingo. Esta mulher contava sobre uma surra que havia levado do marido e que aparentemente era sem motivo nenhum. Ela contava esta história às outras mulheres do grupo porque, na lição evangélica do dia, tentava explicar sobre como Deus usa meios para ensinar seus filhos. Apesar de sempre acanhada, ela não parecia ter vergonha quando contou que seu ex-marido havia batido nela (aquilo parecia ser legítimo para ela, portanto não era necessário ter vergonha de apanhar). Ela ressaltava que o ex-marido tinha batido nela sem saber os motivos, mas que ela estava muito ciente sobre os mesmos. Como se ele tivesse o direito ou estivesse certo de agredi-la mesmo sem ter motivos, visto que ela, “no fundo”, sabia o porquê. O significado que esta mulher atribuiu a esta situação me levou a pensar em hipóteses sobre o suposto motivo que “legitimava” a surra. Talvez ela tivesse “pecado em pensamento”, por isso não tinha como o marido saber sobre o pecado. Mas, de alguma forma, Deus “encaminhou” o seu marido para aquela atitude violenta, necessária para ela aprender.

Pensando um pouco sobre isso e refletindo sobre o modo como a religião atua na educação do corpo dos fiéis não há como não levar em conta o fato de que a mulher evangélica tem o corpo mais “vigiado” e sofre mais limitações decorrentes dos dogmas religiosos do que os

homens. A interpretação da Bíblia feita pelos evangélicos da denominação Assembléia de Deus (e por outras diversas religiões) é patriarcal e eu diria, ainda, machista. Não tenho nenhuma intenção em desenvolver neste texto ideais feministas e nem tratar especificamente do conceito de gênero, pois este é um tema complexo que me levaria a tratar de vários outros aspectos. Pretendo apenas abordar neste estudo as questões religiosas que circunscrevem especificamente a mulher e o seu corpo.

Numa época e sociedade em que as lutas contra a desigualdade entre os gêneros masculino e feminino acontecem expressiva e freqüentemente, encontramos um grupo de mulheres que se insere num contexto cujo modelo é majoritariamente patriarcal, baseado na idéia de que o homem é superior à mulher e esta, por sua vez, deve se submeter às ordens do pai ou do marido. A submissão é reforçada pelo entendimento que os seguidores da Igreja estudada têm sobre o que a Bíblia diz a respeito do homem e da mulher. Assuntos que tematizam a submissão da mulher ao pai ou ao marido são sempre tratados nos cultos e ganham ênfase do Pastor, o qual sempre dá prioridade aos temas que dizem respeito à “família”. Mas a família a que o Pastor se refere é aquela do modelo tradicional (patriarcal). O Pastor conduz suas interpretações a cerca da Bíblia numa direção na qual os papéis do homem e da mulher estão bem definidos.

Notei que a Igreja destaca as lições trazidas pela Bíblia sobre a “família” porque dos quatro tipos de culto que ocorrem semanalmente na Igreja, dois recebem o nome de Culto da Família. Se em algumas igrejas e denominações, como nas neopentecostais, por exemplo, a ênfase é dada na cura de doenças ou na libertação dos Demônios (MARIANO, 1999), na Igreja por mim pesquisada a ênfase é dada à “família”. Talvez por isso ela tenha um caráter ainda conservador, pois uma vez que destaca a importância da família o faz de modo a garantir a manutenção dos papéis estipulados pela sociedade patriarcal e pela moral católica. Baseado nestes conceitos, apesar do importante papel que a mulher ocupa no lar (e segundo a opinião dos membros da Assembléia deveria ser só no lar), ela é inferior e deve submissão ao homem, afinal, como nos diz o Pastor Roberto, a mulher foi criada por causa do homem e não o contrário. Ela foi criada para atender e cuidar do homem. Apesar da Assembléia de Deus ter sido institucionalizada e influenciada pelos suecos, as questões relativas ao papel da mulher parecem ter sofrido maior influência do fundamentalismo norte-americano. Esta questão é discutida pela professora e pesquisadora Eliane Moura da Silva (2006) no livro *Gênero e religião no Brasil*, no qual ela fala sobre as questões de gênero e o fundamentalismo evangélico. Segundo Silva, nas primeiras

décadas do século XX, dois cristãos evangélicos norte-americanos fizeram fortuna na Califórnia, disseminando as idéias fundamentalistas. Eles subsidiavam a elaboração de panfletos que eram enviados a pastores, evangelistas, missionários, etc. Tais panfletos levavam aos fiéis religiosos as mensagens fundamentalistas escritas por um grupo de teólogos conservadores americanos e ingleses. Em algumas décadas formaram-se igrejas próprias, organizações de emissoras, impressos, etc., que só ajudaram a difundir o pensamento rígido e conservador dos fundamentalistas e, que, não poderia deixar de atingir o Brasil e influenciar as Igrejas Evangélicas das diferentes denominações.

Assim, os fundamentalismos religiosos apareciam como um remédio radical que, ao abolirem a liberdade de escolhas e opções (afinal, não há liberdade sem riscos), oferecem certezas plenas, respostas absolutas e convicções inabaláveis. Devolveriam todos os poderes aos grupos, às comunidades, compensando a incurável deficiência dos indivíduos, dos membros individuais por certezas partilhadas coletivamente (SILVA, 2006, p.12).

A luta das igrejas contra a revolução sexual, a homossexualidade e a emancipação feminina era justificada pela preocupação em manter viva a “família tradicional”. “O fundamentalismo investe na família como um lugar privilegiado para a educação e a transmissão dos valores religiosos de uma geração para a outra” (SILVA, 2006, p.18). Este investimento se dá com a intenção de que a família se aproprie de um sentimento religioso que proporcione satisfação em fazer parte deste grupo, pois nele está desamparado, ele tem quem o aconselhe sobre o que deve fazer, evitando assim ter que tomar decisões sozinho.

A mensagem fundamentalista que prevalece para este grande segmento social é a de que o indivíduo não é auto-suficiente e não pode ser auto confiante, precisando ser guiado, dirigido e informado do que fazer, como proceder e agir em todos os momentos de sua vida (SILVA, 2006, p.22).

A batalha se dava também contra o Estado e a Constituição, os quais conferiam igualdade de direitos e trabalho às mulheres, o que, para os fundamentalistas, era um atentado contra os valores sacrossantos pregados por eles (interpretados da Bíblia). Para eles, o lugar da mulher era no lar e com os filhos.

Ficou clara em minha conversa com o Pastor Roberto sua concordância com estes valores e com estas regras tradicionais. Ao ser questionado sobre qual é o papel da mulher

na sociedade, ele me respondeu num discurso sem pausas e com toda a certeza que a Bíblia lhe fornece:

*É que a mulher tem vários papéis, né? Ela é uma peça extremamente importante no contexto global. Deus fez a mulher com uma capacidade incrível. Veja só, o homem é um ser macro, a mulher é micro. Enquanto o homem se preocupa com empreendimentos, com o fazer, a mulher se preocupa em adornar, em dar o toque final, em embelezar. A dar valor naquilo que o homem faz. Então, Deus fez Adão e colocou-o como gerenciador, com a cabeça para decidir as coisas, e colocou a Eva do lado de Adão e falou assim: você vai circundar o homem. Por isso que os papéis da mulher são muito maiores que o do homem. Mesmo vivendo numa sociedade machista a mulher tem muito mais papel do que o homem. Embora o homem tenha o papel da liderança a mulher tem o trabalho da realização. Porque não haveria condição do homem liderar se não houvesse a mulher. O líder precisa de seus liderados, para que ele possa realmente fazer alguma coisa. Mas em qualquer lugar na sociedade a mulher é quem realiza. Se você pensar, em casa a mulher tem o papel principal, imagine o que é ser uma dona de casa, o termo já diz **dona** de casa, o dono da casa não é o homem, o homem é o dono da construção, mas a mulher é a dona da casa, é a rainha do lar, você nunca ouviu falar que o homem é o rei do lar, mas a mulher é, porque ela faz o ambiente maravilhoso, tudo ela cuida, ela cuida dos filhos, ela cuida da comida, da limpeza, da vestimenta, ela cuida de tudo, da educação dos filhos (Entrevista, Pastor Roberto. Grifei a palavra “dona” para demonstrar a ênfase dada a ela pelo Pastor).*

Mas após falar sobre a importância de todas as atividades da mulher, ele complementa dizendo:

Então em nosso entendimento o papel da mulher é muito importante, mas a Bíblia diz que a mulher tem que ser submissa ao homem. Algumas pessoas entendem isto de forma errada, pegam ao pé da letra e pensam que a mulher tem que ser capacho. Se fosse para ser capacho Deus criaria a mulher aos pés do homem, e se fosse para a mulher mandar no homem Deus teria criado ela na cabeça do homem, mas ele criou a mulher ao lado do homem. Quer dizer: é uma “submissão”, o homem tem uma missão, ela tem outra missão abaixo do homem, que é de realizações (Entrevista, Pastor Roberto).

Esta submissão explicada pelo Pastor de forma “convicente” não pode correr o risco de ser abalada, pois, apesar de Deus não ter criado o homem “na cabeça da mulher” ele é superior e esta superioridade não pode ser mudada. Sendo assim, fica claro porque Silva (2006) diz que “os inimigos mais temidos e vigorosamente atacados pelos fundamentalistas são o feminismo e a emancipação das mulheres, considerados como ‘doença’, ‘degeneração’, ‘causa dos males do mundo’, ‘uma filosofia da morte, do medo, do pecado, do perigo, da raiva e da

violência” (p.18). Neste caso, para a autora, o papel das mulheres cristãs seria o de lutar contra todos estes males e reconduzir os maridos ao centro dos acontecimentos.

Não tenho neste momento o objetivo de julgar se as ações acima descritas são corretas ou não, mas compreender os significados que estes papéis exercidos pelo homem e pela mulher têm para os seguidores da Igreja Evangélica Assembléia de Deus. Segundo Geertz (1989), são justamente estes significados que nos possibilitam compreender o *ethos* de um povo, ou seja, compreender o estilo de vida, as disposições morais deste povo e suas crenças sobre ordem. O autor diz ainda que as religiões são uma tentativa de conservar estes significados de ordem.

Mas, na sociedade atual, para se conservar determinada ordem é preciso achar um meio para que seus membros se adaptem. Principalmente numa sociedade que vive a forte presença do feminismo é preciso de algo poderoso para manter as mulheres na condição de inferiores. E a Igreja conseguiu isso porque “[...] nestes apelos sobre a condição feminina da manutenção de papéis distintos e da posição subalterna e submissa, há uma retórica sobre o poder das mulheres que é muito eficiente como estratégia de convencimento” (SILVA, 2006, p.20). A autora também refere-se à certa mudança no comportamento masculino, de homens que se convertem à vida religiosa, que acaba por atenuar a condição de vida de algumas mulheres. Pois, ainda segundo Silva (2006), numa sociedade como a latino-americana, na qual muitos homens abandonam mulheres e filhos, onde encontramos muitos casos de alcoolismo, homens que praticam jogos de azar, que são violentos e, ainda, o grande número de homens que cometem adultério, a Igreja encoraja-os a serem melhores. Assim, a mulher encontra nas comunidades religiosas e, por sua vez, nos papéis de gênero definidos tradicionalmente um espaço que pode proporcionar o alívio para sua dura condição existencial (SILVA, 2006).

A explicação feita pela autora vai ao encontro das justificativas do Pastor Roberto sobre a importância de freqüentar a Igreja. Ele fala sobre como é bom ver o número de fiéis que fumavam e bebiam antes de freqüentarem a Igreja e que, após se converterem, abandonaram o hábito. Percebi que este é um exemplo de como a fé diz respeito tanto ao corpo quanto à alma. A partir do momento em que a pessoa se converte, ela começa a cuidar do corpo, purificá-lo, pois, como já dito anteriormente, as coisas feitas ao corpo se refletem na alma. No entanto, os fiéis insistem na superioridade da alma.

Os exemplos citados acima fazem com que as mulheres evangélicas se sintam bem com o papel que assumiram diante da sociedade e se sintam valorizadas pela opção que

fizeram em viver desta maneira específica. A visão de mundo e os ensinamentos religiosos recebidos fazem com que as mulheres evangélicas se diferenciem das outras mulheres da sociedade (SILVA, 2006).

Como minha preocupação são as características que dizem respeito ao uso do corpo pelos fiéis evangélicos, foram aspectos como o corte de cabelo, o não uso de adornos e os gestos sempre limitados pela vestimenta típica das mulheres evangélicas, que é a saia, que me chamaram mais a atenção. Não é difícil reconhecer uma mulher evangélica em meio a outras tantas mulheres, é como se elas tivessem definido certo estereótipo corporal capaz de permitir seu reconhecimento imediato.

Tirei bons exemplos disto participando da Educação Dominical dos adultos. Para estudar a lição do dia²⁹ eles formam grupos separados por sexo. Só por isso já fica evidente a distinção construída simbolicamente entre ambos. Os homens tomam um lugar na Igreja e as mulheres outro, inclusive o lugar onde as mulheres se acomodam fica distante do lugar dos homens. Percebi também que os homens ficam à vontade para sentar nas cadeiras que ficam localizadas no alto da Igreja, ao lado do altar (possivelmente o lugar de maior prestígio da Igreja, visto que é o local onde fica o Pastor). As mulheres, sempre mais tímidas e reservadas, não chegaram perto do altar em nenhum momento.

O que realmente me chamou a atenção em minhas observações no estudo dominical foi a discrição das mulheres em oposição a indiscrição dos homens, estes me pareciam bem mais à vontade do que as primeiras. Enquanto um dos homens ensinava a lição em tom de voz muito alto em meio a algumas risadas nada discretas que surgiam entre uma fala e outra, a mulher que ensinava a mesma lição no outro lado da Igreja falava em voz baixa (parecia muito acanhada) e sem nenhuma expressão de “graça” ou confiança no que dizia. Os homens que ouviam a lição falavam algumas vezes entre a fala do professor, emitindo exemplos e opiniões sobre o assunto. Já as mulheres ouviam caladas a professora falar. Elas não interrompiam nem teciam qualquer comentário, simplesmente permaneciam quietas e encolhidas nas cadeiras. Elas se sentavam bem perto umas das outras e sem se mexer, parecendo que aquele pequeno espaço era o único que elas tinham o direito de ocupar, até porque elas não podiam chamar a atenção de ninguém. Como suas técnicas corporais deveriam ser discretas, todas as mulheres estavam

²⁹ Todos os domingos os fiéis da Igreja estudada se reúnem para fazer a leitura e o estudo das lições contidas em suas revistas de evangelização. A mesma lição é estudada pelos homens e pelas mulheres no mesmo dia. É o que eles chamam de Escola Dominical.

sentadas na mesma posição, com as pernas unidas lado a lado (volto a lembrar sobre o uso da saia) e os braços levemente encolhidos posicionando as mãos sobre os joelhos. Os homens, ao contrário, sentavam-se de maneiras diferentes entre eles, cada um ocupava seu lugar e escolhia uma posição para ficar (se mexiam muito durante a fala, o que não acontecia com as mulheres que pareciam “grudadas na cadeira”). Enquanto as mulheres ficavam perto umas das outras, os homens arrastavam as cadeiras para ficarem mais distantes e mais soltos no espaço.

Obviamente, eu me sentei junto às mulheres, mas discretamente tentei ouvir e prestar atenção nos homens também. Em meio ao discurso que ouvi no grupo das mulheres, concentrava-se um apanhado de ensinamentos sobre quais devem ser as atitudes femininas e como elas devem educar seus filhos e respeitar seus pais e maridos. Este grupo a que me refiro, era o já citado anteriormente, liderado por Sofia, sobre a qual também já comentei, quando citei o caso da “surra do marido”.

Além deste, outros hábitos muito diferentes entre os homens e as mulheres evangélicas ficam evidentes na Igreja estudada. Mais um exemplo são os papéis do homem e da mulher no casamento. Cito um exemplo a seguir.

Após a minha participação em diversos cultos, as pessoas já estavam mais “soltas” e me tratando com mais simpatia. Fernanda, uma das professoras das crianças nos estudos dominicais, demonstrava afeição por mim. Eu percebia isso porque todas as vezes que eu chegava à Igreja, ela era a primeira que ia a meu encontro. Por ser jovem ainda e, a meu ver, muito “descolada”, pensei que talvez ela fosse uma das mulheres que não se comportasse de forma tradicional tão rigidamente. Num certo dia, antes de iniciar o culto, Fernanda me convidou para a cerimônia de casamento dela com Pedro que também era membro da Igreja e que seria realizada dali a duas semanas³⁰. No culto de domingo da semana seguinte seria o “ritual preparatório” de Fernanda, que é um ritual que antecede todos os casamentos evangélicos naquela Igreja.

Este rito, segundo ela, prepara a noiva para receber seu marido de “corpo e alma”. A noiva canta e clama por uma bênção do Senhor para que seu casamento seja abençoado e feliz. Observei que este rito só é realizado com as mulheres, pois, como comenta o Pastor, os noivos já foram abençoados por Deus por terem condições morais e financeiras de receberem uma esposa, esta é quem deve agradecer por ter sido escolhida por um bom homem.

³⁰ Já comentei anteriormente sobre este casal de estudantes da Unicamp que se tornaram mais próximo de mim.

Isto reflete o papel submisso ao qual a mulher, ao decidir ser evangélica, terá que entrar em conformidade. Não há como saber o que ocorrerá com esses usos e costumes nas próximas gerações das mulheres da Assembléia de Deus. A tendência é que, ao longo do tempo, talvez a curto prazo, haja um relaxamento e uma acomodação dos costumes conservadores ainda perpetuados na Igreja estudada, visto que as meninas adolescentes que freqüentam a Igreja hoje já assistem suas mães trabalhando fora de casa, divorciando-se de seus pais, permitindo às suas filhas pequenas que utilizem outros tipos de vestimenta, etc. Isto tudo era impensável há um tempo quando as mulheres eram somente “donas” de casa, permaneciam casadas mesmo que isso não fizesse nenhum sentido e, principalmente, quando “ser evangélica” representava aderir a um estereótipo particular que diferenciava e identificava as mulheres da igreja, mesmo na infância e na adolescência. É preciso ressaltar que isto permanece assim em cidades pequenas, como é o caso da cidade no interior do Paraná onde iniciei minha experiência como professora.

3.3.1 Os usos e costumes direcionados às mulheres da Assembléia de Deus

A gente não usa saia porque é obrigado, a Igreja optou pela saia porque é um costume que a nossa sociedade sempre teve para marcar uma diferença (Entrevista, Márcia).

Na Igreja Evangélica Assembléia de Deus o uso da saia pelas mulheres faz parte dos “usos e costumes” implicitamente obrigatórios para todas elas. No entanto, há algo de interessante nestes costumes “obrigatórios”. Numa entrevista com a Márcia (professora da educação dominical juvenil) ao tentar explicar sobre o porquê do uso de saias, ela utilizou a justificativa citada acima para falar que o uso da saia estava desvinculado das normas da Igreja e que, portanto, não era obrigatório, era apenas um costume.

Quando ela disse que o uso da saia servia “para marcar uma diferença”, ela quis se referir à diferença de gênero, alegando que a saia é um diferencial feminino. No entanto, este não é o único diferencial que vejo nesta tradição, há um diferencial muito mais poderoso e com objetivos ainda mais específicos por trás disto, que é justamente o objetivo da Igreja em marcar simbolicamente, perante toda a sociedade, quais são as mulheres evangélicas e quais não são. Neste sentido, o uso de saias, o corte dos cabelos, a simplicidade quanto a aparência, evitando o

uso de maquiagem e adornos marca o corpo da mulher evangélica de maneira extremamente visível aos olhos da sociedade.

Márcia disse que optou por esta condição porque esta já era uma tradição da própria sociedade. Ou seja, apesar dos membros da Igreja alegarem que o uso da saia não é obrigatório, percebo que simbolicamente ele é. O significado que a vestimenta tem para uma mulher da “ala” tradicional da Igreja é muito mais uma questão social e simbólica do que uma questão de fé nos desígnios divinos. E é isto que torna este costume algo tão “fundamental” de ser seguido. A obrigatoriedade é simbólica, portanto, real. Tão real ela é que se uma mulher resolve ir à Igreja se vestindo de outra forma que não a estabelecida, ela causa espanto em todos os fiéis que seguem os costumes rigidamente.

Voltei a questionar Márcia perguntando se o uso da saia não tinha a ver com pudores relativos à sexualidade e ela disse que sim: *É, serve também para preservar a mulher, para que a mulher saiba se comportar com decência.*

Na fala de Márcia estava implícito um “conservadorismo” com relação aos papéis do homem e da mulher. O mais interessante é que neste momento, o seu marido, que fazia algumas coisas perto de onde estávamos, ouviu e perguntou se podia ajudar Márcia a responder. Eu disse a ele que podia desde que ela não se importasse. Então ele começou a falar sobre o que eu tinha perguntado:

É tradição na nossa Igreja o uso da saia, mas se você pensar bem, vai lembrar que esta era uma tradição católica também. Se você for ver as mulheres mais velhas de hoje, todas andam de saia. Isso acontece porque a Bíblia manda a mulher se comportar com pudor e decência. Ela não pode ser alvo de atenção, ela tem que se vestir com simplicidade (Lúcio, marido de Márcia, na entrevista direcionada a ela).

Neste momento indaguei sobre o que a saia tem a ver com “se vestir com simplicidade”. Perguntei a ele se uma mulher não poderia se vestir com simplicidade usando calça, então ele disse que podia, mas não era o costume deles.

Como esta não era a primeira mulher a quem eu havia perguntado sobre o porquê do uso de saia e como quase todas as que foram questionadas responderam a mesma coisa (é a tradição), percebi que este aspecto da vestimenta feminina é, para as mulheres desta crença, “realmente” um costume. O uso “obrigatório” da saia é um hábito o qual elas cumprem, aderem e se adaptam sem se questionarem sobre a origem e os “verdadeiros” motivos desta tradição. Como

diria Durkheim (1996) - a respeito da facilidade do ser humano em propagar comportamentos e, assim, transformá-los em tradições -, o costume adormece facilmente a curiosidade e sequer pensamos em nos interrogar. Simplesmente propagamos atos e técnicas corporais que já nos vêm postas pela sociedade e, neste caso, pela religião.

Bom, isto já é uma questão de muito tempo, né? Do início da Igreja. Acho que um pouco também é pela questão da diferença, para você se mostrar de certa forma diferente (o homem, a mulher). Um pouco disso é o que a gente fala também que é a questão da “santidade”, de você se portar de forma decente, como se fosse para a mulher se guardar de certa forma (Entrevista, Márcia).

Márcia disse que o uso da saia tem um pouco a ver com a sexualidade, afirmando que ela ajuda a manter a mulher numa postura mais comedida. No momento em que ela fala isso, seu marido a interrompe novamente e começa a me explicar que *esta questão de roupa, a única coisa é que a Bíblia exige que a mulher tem que se vestir com honra, ela tem que se vestir com modéstia e pudor. Ela não pode usar o corpo dela para ser um objeto de sedução dos homens* (Lúcio). Afinal, como nos lembra Tomita (2006), sempre se pensou que as mulheres são portadoras dos perigos eróticos que ameaçam ou desestabilizam a razão. Neste sentido temos, segundo a autora, uma história que sempre relacionou o homem com a alma (razão) e a mulher com o corpo (pecador).

Se dermos seqüência a este raciocínio veremos que, se a mulher está mais relacionada com o corpo (com a carne) do que o homem, para a Igreja será sempre ela quem estará mais propícia a pecar. Portanto, deve-se guardar e vigiar mais as mulheres e uma das maneiras que se encontrou para isso é delimitar a sua vestimenta, o que é justificado, segundo o Pastor, pelo que diz a Bíblia sobre o fato de a mulher não dever se travestir de homem. O mesmo exemplo é utilizado pelo Pastor para falar sobre os travestis.

*A Bíblia diz o seguinte: não deve haver roupa do homem na mulher e nem o inverso, porque isto é abominação ao Senhor. Quando a mulher quer se travestir de homem isto é abominação. Você mesmo ou **qualquer pessoa de caráter** repudia uma pessoa que é transviada, um travesti, por exemplo, ele quer ser aquilo que ele não é, ele não foi criado daquele jeito, não existe prova nem genética para isso (Entrevista, Pastor Roberto. Grifos meus).*

Quando o Pastor julga a atitude de um travesti ou de um homossexual (o que ele fez em outras falas), ele não entende isto como uma forma de preconceito e, sim, como algo

prescritivo do caráter humano. É como se ele admitisse que se houvesse uma explicação genética para isso talvez os travestis e homossexuais fossem perdoados por Deus. Mas ele afirma que na cultura da Igreja isto é pecado: *nós temos esta cultura, não é só a Igreja, é a sociedade como um todo. Toda cultura existe por causa de um condicionamento. Imagine uma pessoa que conviva sempre numa casa onde só tenham homossexuais, o que ele vai ser? Com certeza, homossexual.*

Apesar de o Pastor vincular a explicação sobre o homossexualismo aos fatores culturais, a justificativa que ele esperava ter para tal fenômeno para que isto fosse aceito como “correto” ou “não pecaminoso” é biológica (genética). Neste sentido, para ele a cultura não é suficiente para legitimar uma escolha como esta (sexual), mas a genética seria. Ou seja, mais uma vez é a “criação biológica de Deus” que importa. Para o Pastor são os órgãos sexuais do corpo humano que regem os papéis de gênero. Deus criou o homem e a mulher, mas não o travesti e o homossexual. E, se por acaso a “cultura” transformar um homem num homossexual, seria um pecado, pois o que vale é a cultura da Igreja. O que o Pastor não leva em conta é que a Igreja não é o único local freqüentado pelas crianças e que, portanto, sua educação vai ser influenciada por “outras culturas” que não exclusivamente a religiosa.

Enfim, o fato é que as pessoas que optaram por levar uma vida de outra forma que não aquela aceita pelos membros da Igreja, são considerados profanos, pecadores e destruidores da ordem divina.

Tudo aquilo que abomina a Deus, como por exemplo um homem ter relação sexual com um animal, e Deus diz através da Bíblia que isto é abominável, porque ele não foi criado para isso. Quando um homem tem relação com outro homem, Deus também diz que isto é abominável, Deus não fez dois Adãos, Deus fez um Adão e uma Eva, Deus não fez duas Evas, entendeu? Então se a gente observar, desde o princípio nós vamos entender o que Deus chamou de abominável e o que o homem profanou. Então, a profanação é a abominação do que é sagrado, toda a vez que você abomina o que é sagrado, você está profanando (Entrevista, Pastor Roberto).

Isto não acontece de forma diferente com as mulheres que não aceitam esta concepção de mundo oferecida pela Igreja. Elas são consideradas profanas e, para isto, não é nem necessário que elas cometam “grandes pecados”, basta uma roupa inadequada.

O mais curioso é que, enquanto as mulheres devem ser discretas e simples, os homens deste grupo religioso vão ao culto vestidos de terno, gravata, sapato e calça sociais (não com a mesma obrigatoriedade das mulheres), pois, como Lúcio havia me dito anteriormente, esta

roupa inspira respeito aos homens. Isto muitas vezes faz da vestimenta masculina um aspecto tão caracterizador dos evangélicos quanto a vestimenta feminina. No entanto, na igreja pesquisada, a meu ver, os homens têm mais liberdade quanto à escolha das roupas para participar dos cultos. Pois, apesar da maioria dos homens irem aos cultos de terno e gravata, este tipo de vestimenta não tem o caráter obrigatório e rígido como o direcionado às mulheres quanto à vestimenta.

Interessante é o fato de que os homens que vão à Igreja vestidos com roupas não “sociais”, ou seja, com roupas diferentes das do Pastor e de alguns fiéis, não chamam a atenção e nem provocam estranhamento nos outros membros presentes. No entanto, se uma mulher entra na Igreja sem as roupas “adequadas”, ela causa uma espécie de espanto nos outros fiéis presentes. Isto me leva novamente a perceber que as normas direcionadas às mulheres e, que atingem de alguma forma o uso do corpo, são mais rígidas do que as direcionadas aos homens.

Estes aspectos ficam ainda mais evidentes quando tratamos de meninas e meninos ou, ainda, de adolescentes de ambos os sexos. Até porque, nas aulas de Educação Física por mim lecionadas, nunca distingi um menino evangélico de um menino que pertencesse a outra religião, como acontecia no caso das meninas evangélicas, as quais eu distinguia facilmente de meninas que tinham outra crença religiosa.

Enfim, a vestimenta tradicional da Igreja pode se caracterizar como um sacrifício corporal ainda mais intenso no corpo das meninas em fase escolar (pois muitas delas freqüentam a escola com as mesmas roupas que freqüentam o culto), do que no corpo dos meninos (que não vão a escola usando calça social, terno e gravata). A saia é, de certa forma, um limitador de movimentos que, conseqüentemente, prescreve os gestos da mulher, pois o simples fato de poder afastar ou não as pernas é muito mais do que um movimento, é um gesto e, portanto, rico em significados. Para ilustrar esta idéia, comentarei no capítulo a seguir a visão das meninas sobre estas questões.

4 AS MENINAS EVANGÉLICAS E OS USOS DO CORPO

A religião é, antes de tudo, uma construção sócio-cultural. Portanto, discutir religião é discutir transformações sociais, relações de poder, de classe, de gênero, de raça/etnia; é adentrar num complexo sistema de trocas simbólicas, de jogos de interesse, na dinâmica da oferta e da procura; é deparar-se com um sistema sócio-cultural permanentemente redesenhado que permanentemente redesenha as sociedades (SOUZA, 2006, p.8).

Os grupos de evangelização na Igreja estudada são divididos em turmas de nível infantil, adolescente, mocidade e adulto. Selecionei para o estudo o grupo de adolescentes³¹, o qual era composto inicialmente por 6 meninas de 11 a 16 anos, dentre as quais, ao longo da pesquisa, uma delas deixou de frequentar a Igreja. Com exceção dos adultos, que são divididos em dois grupos: o de homens e o de mulheres, as outras turmas são todas mistas. Constatei que no grupo infantil e no grupo da mocidade participavam tanto meninos quanto meninas, mas o que eu havia selecionado era formado apenas por meninas. A partir do mês de agosto de 2006 até dezembro de 2007, além de me dedicar exclusivamente ao convívio com as meninas escolhidas, dei início à segunda fase de entrevistas semi-estruturadas que foram direcionadas especificamente a elas. Ao elaborar as entrevistas o fiz de forma que pudesse direcionar as questões no sentido de três categorias principais: a aparência corporal das meninas, suas gestualidades e técnicas corporais e suas visões sobre a aula de Educação Física. Achei pertinente estabelecer contato e receber informações também dos pais das meninas selecionadas, até porque o modo de ser, principalmente das mães, poderia influenciar o modo de ser das filhas. Por isso, durante os cultos, sempre que tive a oportunidade me aproximei e conversei com as mães das meninas as quais me forneceram informações importantes. O mesmo não pude fazer com os pais, pois destes, dois não são evangélicos e dois praticamente não apareciam na Igreja. Por isso consegui conversar apenas com um deles, o Diácono local.

³¹ Selecionei o grupo de adolescentes pois meu interesse inicial estava em observar a educação do corpo das meninas que se encontravam nos anos finais do Ensino Fundamental (5ª a 8ª séries). Pressupunha que poderia verificar mais características corporais ainda em processo de educação nas crianças desta idade e, principalmente, nas meninas.

A partir destes procedimentos, busquei compreender os significados atribuídos às questões do estudo pelas próprias meninas. Busquei respostas no sentido de entender o que elas pensam e sentem com relação à educação que recebem e que se propaga no corpo de cada uma delas de forma diferenciada. Quando digo que a educação, apesar desta ter como base os mesmos princípios para todas as pessoas da Igreja, ocorre de forma diferente no corpo de cada uma das meninas, é porque não só a Igreja como outros grupos e pessoas também influenciam na construção do corpo do indivíduo. Neste estudo percebi que as meninas selecionadas encontraram formas distintas de dar significado à religião e, para facilitar o entendimento, elaborei uma divisão na qual se encontram basicamente três categorias, as quais utilizei como parâmetro para escrever este capítulo.

Interpretando o modo como as cinco meninas dão sentido às suas práticas na Igreja, principalmente com relação aos usos e costumes postulados, percebi que a primeira categoria, na qual se encaixa uma das meninas, demarca a relação de não aceitação destes costumes, uma segunda categoria, em que duas das meninas se enquadram, diz respeito à aceitação parcial das condições impostas, e por fim, numa terceira categoria, na qual enquadram-se as outras duas meninas estudadas, ocorre a submissão total ao cumprimento dos usos e costumes veiculados pela Igreja.

Quanto à Escola Dominical, esta acontece todos os domingos no período da manhã, das 9 às 10 horas. Ao chegarem, os membros ficam reunidos na Igreja para a oração e para o louvor inicial. Em seguida o Pastor anuncia qual será a lição do dia, fala rapidamente sobre ela e cada turma se dirige para o seu local de estudo. As professoras do grupo que frequentei iniciam a aula sempre com uma oração. As lições trabalhadas com as meninas normalmente enfatizam questões sobre a família, a importância da fé e, algumas vezes, sobre os papéis do indivíduo evangélico, destacando, é claro, o papel da mulher para a Igreja. Em uma das aulas a que assisti, uma das professoras falou especificamente sobre o corpo, fato que menciono posteriormente. Comentários sobre a importância dos usos e costumes são levantados entre algumas lições e se tornam motivo de debate entre algumas meninas.

Logo no primeiro dia em que participei da Educação Dominical, com a turma de adolescentes escolhida, fiquei surpresa por não encontrar nela nenhum menino. Pensei que talvez fosse uma coincidência, que naquele dia específico os meninos tivessem faltado, mas não era isso que tinha acontecido. O fato era que aquele grupo, por mim selecionado, era composto apenas

por meninas e por isso mesmo percebi que ele era voltado a uma educação tipicamente feminina. As professoras que trabalham na Educação Dominical enfatizavam a cada aula o comportamento “correto” que uma mulher deve ter.

O grupo das meninas escolhidas conta com o trabalho de duas professoras que se revezam a cada domingo, são elas: Márcia e Vanessa. Em minha participação direta nas aulas da Escola Dominical, percebi que Márcia (já citada no capítulo anterior) parecia não gostar muito da minha presença. A outra professora, Vanessa, era muito simpática e não se importava com a minha participação nas aulas de evangelização. Pelo contrário, ela até me incluía na aula, dizendo que era para eu também falar se quisesse. Vanessa fazia doutorado na Unicamp e, assim como vários membros da Igreja, ela também não era de Campinas, veio da região norte do Brasil somente para estudar. Márcia também fazia doutorado na Unicamp e era do Paraná. Márcia parecia se sentir incomodada com a minha presença na aula, tanto que, várias vezes, ela sugeriu que eu não esperasse a aula terminar para iniciar minhas entrevistas. Ela sugeria que eu fosse para outra sala com uma das meninas que seriam entrevistadas, numa tentativa de continuar a aula sem mim. No entanto, quando eu perguntava se estava incomodando, ela, sempre muito educada, dizia que não. As duas professoras eram muito diferentes. Márcia era conservadora e tinha o semblante “fechado”, já Vanessa era “mais moderna”, apesar de usar as roupas comuns a Igreja, estas eram diferentes e mais alegres. Mas, em geral, fui bem tratada pelas duas.

No início do ano de 2006, em fevereiro, o grupo era composto por seis meninas, Taís, Telma, Bruna, Letícia, Paula e Talita. No entanto, Talita não era uma freqüentadora assídua da Igreja como as outras meninas. Quando ela ia num domingo, faltava no próximo, às vezes, faltava até dois domingos seguidos. Já no início do segundo semestre, Talita parou definitivamente de freqüentar a Igreja. Suas colegas achavam que era porque a mãe dela não insistia para que ela fosse para a Escola Dominical. Afirmando isto, Letícia comentou: *Nem a mãe dela vem muito na Igreja, imagina se ela vai vir.* Alguns dias depois, eu encontrei Talita no supermercado e perguntei para ela o porquê de sua desistência. Indaguei se ela tinha desistido de ser evangélica ou se tinha acontecido alguma coisa na casa dela, pois nem sua mãe freqüentava mais a Igreja. Ela me respondeu que sentia muita preguiça de ter que acordar cedo no domingo e como a sua mãe também andava meio deprimida e com preguiça de acordar, elas tinham temporariamente se afastado da Igreja. Talita disse que não gosta que “cobrem” nada dela e, na Igreja, exigem que as coisas sejam feitas como eles querem. *Eles não aceitam que eu vá do meu*

jeito, querem que seja todo o domingo, eu estudo a manhã e a tarde inteira todo dia, e daí tenho que acordar cedo todo o domingo. Aí eu não tenho vontade. Eu prefiro rezar em casa mesmo e fazer as coisas do meu jeito (Talita). Fiquei sabendo por Ângela, uma fiel da Igreja e amiga da mãe de Talita, que a família de Talita era muito complicada, eles eram pobres e o pai de Talita não era presente, a mãe, por sua vez, parecia estar em depressão e por isso abandonou tudo. Ângela comentou: *A Talita, coitada, fica largadinha. O pior é eles terem abandonado a Igreja, que era a única coisa que podia ajudar eles a sair dos problemas.* A visão de Ângela é de que a Igreja serve como “pronto socorro espiritual” e, quando as coisas estão ruins, o melhor caminho é encontrar Jesus. Talita, por sua vez, sentia que não precisava ir à Igreja para provar que acreditava em Deus. Neste caso, após a desistência de Talita só me restavam cinco meninas no grupo que eu havia selecionado. Apresento a seguir quem foram as personagens principais deste estudo.

Taís e Telma são duas irmãs que possuem quase a mesma idade. Taís tem 14 anos e está na Igreja desde um ano de idade. Telma tem 16 anos e está na Igreja desde os 3 anos de idade, que foi a época em que seus pais se converteram e passaram a freqüentar a Assembléia de Deus. As duas são meninas brancas, sendo que Taís tem o cabelo mais escuro e curto e Telma é (ou está) loira e tem os cabelos compridos. Taís está sempre bonita e arrumada. Já Telma parece não gostar de se enfeitar como a irmã mais nova. Elas são filhas de pais economicamente favorecidos. O pai trabalha com missões pela Igreja, mas tem outro meio de subsistência além deste que é como sócio de uma empresa em Campinas. A mãe freqüenta a Igreja somente aos domingos e está sempre muito bem arrumada, com roupas feitas em tecidos finos e coloridos. Ela é a única das mulheres mais velhas da Igreja que usa jóias, bijuterias e maquiagem. Juntos, formam uma das famílias mais ricas e bem sucedidas da Igreja. As duas irmãs raramente vão à Igreja de saia e disseram que só fazem uso dela em ocasiões especiais, porque entendem que nestas horas é preciso. Telma pareceu-me mais rebelde e sua mãe confirmou minha hipótese, dizendo que era mais difícil lidar com ela do que com a caçula. Taís é mais “doce” e delicada. Telma admite ser mais “geniosa” do que a irmã. *Minha irmã até que agora me ajuda, fica mais do meu lado. Mas antes ela era toda comportada, obedecia ao pai e à mãe em tudo. Não que eu não obedeça, mas é que tem coisas que não dá para fazer, senão é pior, a gente faz se sentindo mal.* Telma é, de longe, a menina mais autônoma e espirituosa dentre as cinco meninas que fazem parte do grupo. Ela afirma que tem costume de falar tudo aquilo que pensa e por isso as pessoas

da Igreja implicam um pouco com ela. Percebi que por mais que Telma diga que é “rebelde” e que não gosta de conservadorismo, ela se mostra tão conservadora quanto os membros da Igreja em algumas questões. Na verdade, o seu jeito de ser faz com que ela pareça mais rebelde do que a irmã, mas tirando as questões de vestimenta, cabelos e adornos, Telma tem opiniões ainda mais conservadoras, em alguns casos, do que a própria irmã. Um bom exemplo é o fato de que Taís adora dançar e diz que não abre mão disso. Telma já diz que concorda com as normas da Igreja e pensa que dançar é uma coisa que desagradava a Deus.

Letícia, nossa terceira personagem, tem 13 anos, é branca, de classe média baixa. Seus cabelos são escuros e longos e sua estatura, bem alta. Ela aparenta ser mais velha do que realmente é, devido ao corpo bem torneado como o de uma mulher adulta. Seus pais são muito jovens, visto que sua mãe engravidou dela aos 17 anos, quando ainda moravam no interior da Bahia. Foi nesta época que a mãe se tornou evangélica, na Igreja Assembléia de Deus, pois afirma que viu sua vida mudar muito rápido. Desde então ela carrega a filha consigo para a Igreja. O pai de Letícia *nunca gostou destas coisas de religião*, diz a mãe da menina, que se mantém assídua em seus compromissos com a Igreja mesmo não tendo a companhia do marido. *Ele não quer vir à Igreja de jeito nenhum, mas isto só seria um problema se ele não me tratasse bem, mas, pelo contrário, mesmo sem ter aceitado Jesus, ele faz as coisas de acordo com Seus ensinamentos* (mãe de Letícia). *Meu pai não é evangélico, mas ele é super carinhoso com a minha mãe e comigo, ajuda nas coisas da casa e tem dois empregos*, respondeu Letícia quando lhe perguntei se ela ficava triste por seu pai não ir à Igreja. Ficou claro que, para ela, o fato do pai não ser evangélico não tinha importância, desde que ele fosse uma boa pessoa com ela e com a mãe. Até porque, o fato de ter sido educada na Igreja, mas também pelo pai que não é religioso, fez com que Letícia não dê tanta importância à religião quanto as outras meninas. Letícia é filha única e a partir de seus depoimentos percebe-se que o tratamento que recebe do pai e dos avós é o oposto do recebido pela mãe que a trata de forma rígida e conservadora. Ela disse que a única coisa que a chateia é o fato de a mãe e o pai discutirem, algumas vezes, para decidir aonde a filha vai, se passear com o pai ou se vai à Igreja com a mãe. Letícia afirma que se ela pudesse decidir, na maioria das vezes, ela daria preferência a sair com o pai, mas conta que foram poucas as vezes em que ela realmente fez isso pois, na maioria, sua mãe convenceu o marido da necessidade da filha ter contato com Deus, mesmo que para ele isso não tenha importância. A mãe de Letícia é conservadora, apesar da pouca idade, e preserva os costumes da Igreja da mesma forma que as

peessoas mais velhas. Talvez isso ocorra pelo fato de ela ter se sentido acolhida por estas pessoas quando precisou (em sua gravidez precoce). Ela não corta os cabelos, usa somente saias e blusas discretas, não usa brincos, anéis, pulseiras nem usa maquiagem. O contraste entre ela e o marido são grandes, pois além do pai de Letícia não ser evangélico, ele gosta muito de sair, de beber (moderadamente), de se divertir com os amigos e, principalmente, de dançar forró. Percebi que, apesar de Letícia gostar das aulas da Igreja, ela sente dúvidas sobre os costumes veiculados por ela. Dúvidas que são comuns se levarmos em consideração o fato de que o pai dela implica com a Igreja e pode fazer coisas muito mais divertidas. Letícia enfatiza o fato de crer em Deus mas não estar contente com as cobranças que os membros da Igreja fazem a ela. *Meu pai é “forrozeiro”³² e eu acho isso o máximo*, diz Letícia, deixando transparecer um pouco de sua insatisfação com o conservadorismo de sua mãe. Letícia sabe que estas coisas não são bem vistas pelos membros da Igreja, que as consideram práticas do demônio. Talvez, por ela viver em meio a esta contradição, pode ainda não ter muita convicção de sua “fé”, como as outras meninas. Letícia diz que, às vezes, sente vontade de não ir mais à Igreja, mas quando conversa com a mãe percebe que “é melhor” continuar, pois a mãe faz com que sintam um certo medo quando indaga à filha sobre o que vai ser dela depois da morte. Sua mãe, apesar de conservadora, não a obriga a seguir todos os costumes “a ferro e fogo”.

Bruna tem 11 anos, é negra e de família humilde. Tem a estatura baixa, seus cabelos são longos e enrolados. Sua aparência é de uma menina extremamente tímida. Seu pai é funcionário da Unicamp e sua mãe trabalha em casa e na Igreja. Seu pai não é evangélico, mas Bruna diz que reza todas as noites para que um dia ele aceite Jesus. A relação de Bruna com os pais e com a Igreja é de submissão. Percebi que em momento algum ela teceu qualquer comentário sobre teimosias e brigas com os pais por contrariá-los. Bruna teve uma criação muito rígida. Sua mãe é extremamente conservadora em seus comportamentos, mas aceita o fato de o marido não ser evangélico. Bruna demorou para “se soltar” e falar comigo tranqüilamente. Em nenhum momento ela demonstrou a espontaneidade das colegas já apresentadas.

Paula, nossa última personagem, tem 12 anos, é branca e de classe social desfavorecida. Ela é magra e de estatura mediana. Seus cabelos são longos e castanhos. Seus pais são evangélicos e vieram do Pará para Campinas há alguns anos. O pai é evangélico desde pequeno e a mãe se converteu alguns anos antes da filha nascer. Paula era a única filha do casal

³² Letícia utiliza esta expressão para se referir ao fato de o pai gostar muito de dançar forró.

antes de virem para Campinas, aqui ela ganhou mais dois irmãos gêmeos, um menino e uma menina, dos quais Paula toma conta enquanto seus pais trabalham. Seu pai é Diácono da Igreja e durante anos residiram numa pequena construção nos fundos do terreno da Igreja, que foi cedida a ele pelo Pastor quando assumiu o cargo de Diácono. Mas, há pouco tempo, cerca de oito meses, novamente com a ajuda da Igreja, conseguiram se mudar para uma casa simples e pequena localizada a apenas três quadras da mesma. A mudança ocorreu devido a intenção do Pastor de reformar a Igreja e aumentar o espaço para as aulas de evangelização. Para isto foi necessário ocupar o espaço que servia de residência para a família de Paula. Paula foi educada nos moldes da Igreja, de forma rígida. Entre as cinco meninas do grupo, Paula é a que mais tem impressa em seu corpo as marcas da religião. Veste-se somente com roupas discretas, nunca coloridas, usa saia todos os dias, tanto dentro quanto fora da Igreja. É preciso comentar que Paula é tão tímida que precisei utilizar com ela a estratégia de entrevista em dupla, pois achei que junto com uma das meninas mais extrovertidas ela poderia se soltar e falar um pouco mais. A estratégia deu resultados e quando Paula percebeu que Taís falava sem ter vergonha, ela também se soltou e me contou muitas coisas interessantes.

Durante este período de participação na Escola Dominical, tive oportunidades de estreitar minha intimidade com as meninas em diversas ocasiões. Diversas vezes fui caminhando junto com algumas delas até suas casas, pois elas moravam na mesma direção em que eu morava. Com outras tive alguns encontros no supermercado e na rua, enfim, alguns momentos fora da Igreja também foram importantes para conhecer melhor as meninas em relação ao tema que abordei e também seus modos de se comportar e de se vestir fora da Igreja.

Inúmeras condições são impostas às meninas evangélicas. Condições estas que exigem do corpo e dos comportamentos a vigilância absoluta dos líderes religiosos e, principalmente, dos membros mais velhos da Igreja. Assim, desde a aparência física (roupas, cabelos, adornos e maquiagem) até as gestualidades, são educadas para um determinado tipo de comportamento que diferencia, principalmente, as meninas e mulheres evangélicas das outras mulheres. Algumas das meninas estudadas são mais rebeldes, enquanto outras são mais submissas, mas para todas elas certos conflitos acontecem. Percebi que a educação religiosa entra em conflito com a vida cotidiana e, em diversas ocasiões, o corpo é o cenário deste debate. São estas questões que irei tratar ao longo do capítulo, ou seja, as formas como são impressas no

corpo das meninas estudadas as marcas da Igreja e como isso pode ter relação com as aulas de Educação Física.

4.1 – OS USOS DO CORPO PELA MULHER EVANGÉLICA: UMA OPINIÃO DAS MENINAS

Primeiro a gente tem que fazer “posição de fé” lá na frente, pagar o maior mico. Aí tem que fazer o discipulado, ver mesmo o que é, e tal, tal tal. Aí que eu acho muita responsabilidade. E tem mais, tem alguns irmãos aqui da Igreja que vão me obrigar a vir de saia que eu tô sabendo já. Tô sabendo sim (falando de forma brava). Aí acho que não. Sabe, e isso é coisa daqui da Igreja e não da denominação. Eu não sei porque que aqui o povo ainda está com a cabecinha deste tamanho. Até porque na sede (ela se refere a sede principal da Assembléia de Deus na cidade de Campinas), as pessoas vão do jeito que querem, uns diferentes dos outros, cada um com uma roupa pior que a outra e ninguém fala nada. Então não sei por que o povo vem falar aqui, entendeu? Lá é cheio de gente e eles usam maquiagem mesmo, maquiagem forte, esmalte vermelho e muito mais. Porque lá o pessoal é muito vaidoso e ninguém se incomoda com ninguém (Entrevista, Telma).

A fala de Telma, em tom irritado, citada na epígrafe acima, demonstra a rigidez dos costumes da Igreja estudada. Telma contava nesta fala sobre as pessoas da Igreja, inclusive os seus pais, estarem pressionando-a para se batizar. Como já expliquei anteriormente, uma pessoa só é realmente considerada membro da Igreja após o batismo. O fato é que Telma tem dúvidas sobre isso e fica brava com a insistência das pessoas, pois ela sabe que o batismo significa se adequar aos moldes da Igreja. A partir do momento em que uma pessoa decide se batizar, ela está assumindo uma posição de obediência às normas da Igreja. Telma entende que a partir do momento em que ela aceitar o batismo, ela terá que aceitar todo o resto. Seria incoerente da parte dela se batizar e depois brigar para, por exemplo, não ter que ir de saia para a Igreja.

Agora, a bola da vez é a questão do batismo. Já faz um tempo que tão me cobrando e me enchendo o saco para eu me batizar. Eu tô enrolando. Na verdade acho que a partir dos doze anos, normalmente as crianças se batizam, porque é uma escolha que antes dos doze eles acham que a gente não tem condição de tomar. Mas eu já passei dos doze anos faz tempo...(risos)...e mesmo assim acho que ainda não tenho condições de tomar um decisão destas. Esse negócio da saia é um dos motivos, não é o mais forte mas é um dos

motivos. Vou te falar a verdade, o que é: na verdade eu acho que isso é uma coisa muito séria sabe? Não que eu pense em sair da Igreja mas eu prefiro esperar mais um pouco para decidir (Entrevista Telma).

O fato de ela não se adequar aos usos e costumes é justamente o que a faz pensar melhor antes de tomar esta decisão. Ela está consciente de que após o batismo as pessoas terão o direito de cobrá-la com relação aos costumes da Igreja, afinal, foi uma decisão dela.

Telma me contou que seus pais não pressionam tanto, mas que comentam sobre algumas indiretas ouvidas dos outros “irmãos” da Igreja sobre ela. Muitos vêm comentar com os pais dela sobre o fato dela já estar grande demais. *O meu pai me falou: é filha, já é o terceiro Pastor que passa pela nossa Igreja e você nada de se batizar.* Telma acredita que a irmã mais nova, Taís, vai acabar se batizando antes dela. Pois há alguns meses Taís falou para Telma que só assim ela poderia provar que era um membro convicto da Igreja e receberia a carteirinha de membro. Apesar de Telma ter dúvidas sobre o batismo, ela confessou que entende a necessidade dele, pois a professora Márcia, da Educação Dominical, já mostrou na Bíblia a parte que fala sobre isso. Talvez esta tenha sido mais uma forma utilizada por Márcia como estratégia de convencimento das meninas sobre os costumes da Igreja. Márcia, ao contrário de Vanessa, a outra professora das meninas, é mais dedicada em suas aulas ao tentar convencer as meninas sobre certos assuntos.

Telma também cita o fato de na sede das Assembléias de Deus da cidade de Campinas as coisas serem diferentes. Talvez para conseguir conquistar um bom número de fiéis para o templo, os líderes da sede não acharam viável cobrar rigidamente o cumprimento dos velhos usos e costumes da Assembléia. A tendência, segundo Mariano (1999), é de que as igrejas pentecostais clássicas percam seu caráter sectário e conservador para que, através da flexibilidade dos costumes, consigam continuar sendo alvos de adesão e conversão de fiéis. Mas, como estas mudanças ainda são relativamente lentas quando se trata da Assembléia de Deus, os membros mais antigos insistem em educar as crianças e os jovens à “moda antiga”. Eles fazem isso porque foram educados nos mesmos moldes e, também, porque acreditam na existência de princípios necessários à educação religiosa que diz o que é “certo” e o que é “errado”. Um exemplo dentre as coisas consideradas “certas” para a Igreja está no uso exclusivo de saia pelas mulheres.

Numa das aulas que assisti ao longo do ano, Márcia fez a seguinte questão para as meninas: *Será que o corpo não é mais importante do que as roupas? Só os pagãos se*

preocupam com isso (Márcia). Esta questão (que já veio acompanhada da resposta) feita às alunas adolescentes parece muito pertinente aos olhos da professora que, possivelmente, vê nelas um “alvo mais difícil de acertar”. Estas meninas estão numa idade, na qual as suas outras colegas de escola (que não pertencem à crença evangélica) começam a se interessar pelos meninos, gostam de se vestir “na moda”, têm vontade de se sentir bonitas para atrair a atenção dos meninos, etc., e elas não podem fazer nada disso porque, perante à Igreja, é pecado. Neste caso, a aparência destas meninas e suas práticas corporais podem ser reflexos de um padrão religioso. A começar pela busca da beleza, considerada um pecado para os fiéis da Igreja Evangélica Assembléia de Deus. Para eles, tentar ficar bonita serve unicamente para despertar a tentação dos homens. Uma “boa” mulher não deve chamar a atenção para o seu corpo, somente para suas qualidades espirituais.

Não só as práticas corporais, mas a construção do corpo, de modo geral, podem ser influenciadas pela religião. A influência tende a ser maior quanto maior é o controle que a Igreja exerce sobre seus fiéis. Um estudo que pretenda compreender os fenômenos religiosos torna-se relevante principalmente numa “sociedade de consumo de corpos”, sociedade esta em que o corpo do indivíduo está cada vez mais evidente e onde há um estímulo constante sugerindo que devemos ter corpos que se encaixam no padrão de beleza vigente. Torna-se importante o estudo que permite compreender como algumas pessoas (religiosas) se mantêm distantes deste “padrão exigido” para viverem de outra forma. Nesta outra forma de viver, os “modelos” de corpos também são, de certa forma, padronizados. Mas não pela sociedade da beleza e, sim, pela sociedade da “pureza da alma”. Além disso, como já disse anteriormente, esta sociedade que zela pela “pureza da alma” tem aumentado a cada dia, sendo necessária uma reflexão que permita nos fazer entender os símbolos que estão por trás dos dogmas religiosos. É preciso entender também o que está por trás das atitudes de algumas pessoas que, mesmo fazendo parte desta sociedade que zela pela alma, utilizam seus corpos de forma diferente do padrão exigido, como é o caso de Telma, Taís e algumas outras pessoas que freqüentam a Igreja estudada. Desta forma, iremos não apenas respeitar a cultura de um grupo mas aprender como lidar com ela.

É fácil compreender o desejo das meninas adolescentes da Assembléia de Deus de serem iguais às outras, pois a fase em que se encontram se configura, a meu ver, como uma etapa de dúvidas e incertezas sofridas. De um lado, elas têm a escola e as amigas que “as convidam” para vivenciar diversas experiências; de outro lado, têm a família religiosa que insiste

para que elas se adaptem às regras da Igreja rejeitando esta gama de experiências sugeridas no ambiente escolar.

A exemplo disto surgiram depoimentos de todas as meninas estudadas. Todas elas, sem exceção, reclamaram de não poder sair com as amigas e de não poder fazer as mesmas coisas que as amigas fazem. Telma e Taís, talvez pela própria “liberdade” que receberam na criação, reclamam menos que Letícia, Bruna e Paula. As irmãs, até mesmo pela classe social de que desfrutam, apesar de não freqüentarem festinhas noturnas e “baladas”, vão com as amigas para o *shopping*, vão em festinhas de aniversário e a outros programas diurnos que as outras meninas não podem ir. É claro que quando elas fazem estes programas, elas desejam se vestir da mesma forma que suas amigas se vestem, usar maquiagem como as outras, etc. A aparência é algo fundamental para elas neste momento.

Taís está sempre com enfeites nos cabelos, o olho maquiado e esmalte nas unhas, mas disse que não se sente bem usando adornos como anéis, pulseiras e colares por achar que isso desagrade a Deus e, principalmente, porque desagrade ao pai. Telma diz que não gosta de usar estas coisas, mas que não tem nada a ver com a Igreja, é simplesmente porque ela não gosta mesmo. Telma tenta demonstrar a todo o momento que suas atitudes são decorrentes de decisões pessoais. É claro que é preciso levar em conta o gosto de cada indivíduo, que o leva a ter determinados comportamentos, como uma questão cultural. Telma cresceu e foi educada até alguns anos de sua vida (antes dos seus pais terem ascendido economicamente) distante destas “ vaidades”. Nada mais comum que ela tenha interiorizado um sentimento de aversão a estas coisas, acreditando que isso é uma decisão pessoal e que ela nunca se deixou dominar pela Igreja.

Taís diz não se incomodar muito com as proibições, que são pequenas perto das sofridas por Bruna e Paula, mas mesmo assim ela diz que às vezes sente vontade de fazer algumas coisas que suas amigas fazem. *Eu sei que não posso, eu fico meio chateada, né. Por que eu não posso? O que é que tem? Mas depois a gente entende que é para o nosso bem, que a gente tem que ser diferente porque se a gente for igual a todo mundo a gente vai por outro caminho mesmo* (Entrevista Taís). Nesta fala, Taís se referia ao fato de não poder usar maquiagem para sair com suas amigas. É preciso deixar claro que, neste mesmo dia em que ela me concedeu a entrevista, ela havia passado lápis nos olhos e utilizava um brilho nos lábios. Quando perguntei se ela não estava usando maquiagem a resposta foi que desta forma a mãe dela deixava usar, mas se maquiagem “de verdade”, como as amigas dela faziam, isso era proibido.

Ao questionar Taís sobre o uso de adornos, esmalte e enfeites no cabelo, ela respondeu: *eu uso, mas não é aquela coisa extravagante porque eu tenho que manter aquilo que eu sou, e eu sou evangélica. Mas aquela coisa de que você não pode usar maquiagem, não pode cortar o cabelo porque se não você não vai para o céu, nisso eu não acredito, acho uma bobagem.* Taís demonstra em sua fala que os pais não são extremamente rígidos e só advertem as filhas quando estas “exageram”. *Quando eu uso muita maquiagem muito forte ou esmalte escuro eles ficam um pouco bravos porque eu tenho que manter, além do ar de criança, o comportamento evangélico.* A partir deste exemplo sobre a forma com que os pais de Telma e Taís lidam com elas, é fácil perceber que as proibições advindas dos usos e costumes não fazem parte de sua vida fora da Igreja.

Letícia, por ter sido criada em meio a uma “disputa” entre a mãe e o pai por causa das “coisas da Igreja” e das “coisas do mundo”, vê este aspecto de forma bem separada. Para ela, a hora de ir à Igreja é o momento de simplicidade, no qual ela não deve utilizar coisas que chamem a atenção dos membros da Igreja. Por isso ela afirma que só utiliza maquiagem nos momentos em que sai com o pai para algum lugar onde, segundo ela, é oportuno.

A educação que Bruna e Paula receberam é tão diferente das outras que as suas relações com a maquiagem, por exemplo, são completamente diferentes. Enquanto as três meninas anteriores demonstram uma vontade comedida de usar maquiagem e certa revolta por não poderem usar “demais”, os olhos de Bruna e de Paula brilham ao falar sobre isso. Para elas, o uso da maquiagem é algo tão inusitado que elas nem contam com a possibilidade disto se concretizar, pelo menos não enquanto dependerem de seus pais. Bruna e Paula parecem nunca ter experimentado utilizar qualquer tipo de maquiagem e o desejo que elas sentem parece ter um “sabor” especial.

A simplicidade das duas meninas é tão superior às outras que, coisas que já se tornaram comuns para Telma, Taís e Letícia, são novidades impraticáveis para Bruna e Paula. Fazer cortes “transados” ou pintar os cabelos, usar calças modernas em diversas ocasiões, usar adornos como bijuterias, presilhas coloridas nos cabelos ou até mesmo pintar as unhas, coisas comuns para as mulheres de hoje e até mesmo para as três meninas evangélicas citadas, são exemplos de usos do corpo que Bruna e Paula não têm intimidade.

O jeito comportado e quieto das duas meninas faz delas o oposto das outras. Bruna e Paula não usam qualquer tipo de enfeite no cabelo, maquiagem ou adornos. Elas têm

uma vida simples e talvez, por isso, estejam mais acostumadas a conviver distante de algumas vaidades, o que faz delas meninas bem diferentes das outras. É fácil perceber que Bruna e Paula são evangélicas e pertencem a uma denominação conservadora, pois seus estereótipos confirmam isso.

Por outro lado, Bruna tenta justificar, talvez para ela mesma, o fato de não aderir a estas “vaidades” simplesmente por não gostar delas. Ela diz: *Eu não gosto mesmo de usar anel, colar, estas coisas. Passar lápis no olho é esquisito. Esmalte, se for só de cor clarinha, às vezes eu até passo, mas no dia de vir para a Igreja eu tiro, porque teve um dia que eu quis testar e passei esmalte vermelho e minha mãe brigou porque disse que esta cor não convém.* Já Paula assumiu que sente vontade de fazer “estas coisas que as amigas fazem”, mas que em hipótese alguma teria a permissão dos pais. *Eu e minha irmã, a gente não usa. Ela nem gosta, acho que porque ela é muito nova, mas eu gosto. Mas também, não adianta gostar, porque eu não posso mesmo,* diz Paula com certo descontentamento.

Paula é, dentre todas as meninas que fazem parte do grupo na Educação Dominical, aquela que mais carrega em seu corpo as marcas do conservadorismo e dos costumes da Igreja. Basta olharmos para ela para percebermos de imediato o vínculo com a igreja evangélica. Ela é reconhecida, de antemão, por seus aspectos físicos. Tem todas as características de uma mulher que a sociedade tradicionalmente reconhece como “crente”. As saias e blusas que Paula veste seguem o modelo das roupas utilizadas pelas mulheres mais antigas, ou seja, são roupas de feitiço simples, tecidos sem cor e o corte da costura em estilo reto. Seus cabelos são compridos mas, como o das mulheres mais velhas que acreditam que a vaidade é coisa do diabo, ela evita cortá-los assim como fazer uso de qualquer tipo de cosmético. Diferente de Letícia, de Tais e de Telma, ela não utiliza nenhum tipo de adorno, maquiagem ou esmalte. Como já disse antes, de todas elas, a mais parecida com Paula é Bruna e, mesmo assim, as características corporais que demarcam uma mulher evangélica são um pouco menos acentuadas do que as de Paula. Suponho que Paula seja mais cobrada pelos pais do que as outras meninas. Tudo indica que o fato de o pai de Paula ser o Diácono da Igreja faz com que as regras recaiam com mais peso sobre ela. Isto faz com que eles se sintam no dever de servir de exemplo para os outros membros da Igreja, sendo um bom exemplo, principalmente na criação dos filhos.

Talvez uma das grandes contradições vivenciadas pelas meninas evangélicas seja justamente com relação às roupas. Por este motivo que talvez a Igreja tenha mudado de um

tempo para cá. Ao contrário das alunas evangélicas que eu tinha na escola em que trabalhava (e que me levaram a esta pesquisa), as meninas da Igreja estudada agora não precisam ir para a escola de saia. Apesar de Bruna e Paula só utilizarem saias, até mesmo na escola, esta é uma decisão que cabe mais à família do que à Igreja. Talvez o fato de a minha primeira experiência ter se dado numa escola de cidade pequena, onde as normas da Igreja Evangélica Assembléia de Deus são mais rígidas do que as observadas atualmente e os membros mais conservadores e tradicionais, minhas alunas tinham as características evangélicas mais marcantes. Na Igreja pesquisada são poucas as famílias que obrigam as filhas a irem à escola de saia. Isto se deve a série de mudanças que a Assembléia de Deus vem sofrendo com relação a seus costumes, nos últimos anos.

Apesar de a saia não ser mais o limitante principal do corpo destas meninas na aula de Educação Física, a própria construção cultural que a Igreja exerce nas meninas evangélicas ainda influencia no uso que cada uma delas faz do próprio corpo. As meninas estudadas admitem certa adequação a algumas restrições mas, em geral, não concordam com a necessidade de serem “aparentemente” diferentes do “povo do mundo”. Para elas, a diferença não está no corpo. Para elas, alguns cuidados devem ser tomados para evitar que o corpo cometa pecados, mas isso não significa não cuidar dele em seus aspectos estéticos.

Eu tenho alguns cuidados com o meu corpo sim, tipo: cuidado com o que eu vou vestir para sair, não usar maquiagem, essas coisas assim. Eu também tenho um pouco de medo de um dia engordar, sei que isso não é o que importa, mas eu não quero engordar, prefiro ficar magrela assim para sempre. Sabe, a Igreja fala sobre essa coisa de não ter vaidade, mas eu não concordo, eu acho que toda mulher tem que se sentir bonita, tem que ter um pouco de vaidade. Claro que tem umas coisas que as mulheres fazem que eu acho que é exagero. Tipo essas coisas de bronzamento artificial, isso é exagero (Entrevista, Telma).

Não pretendo aqui demonstrar nenhuma postura de defesa quanto às novas tecnologias utilizadas para embelezar o corpo. Mas Telma, neste momento, mostra alguns resquícios de conservadorismo que limitam seu modo de olhar para os usos do corpo e isto está presente da mesma forma na educação das cinco meninas.

São estes “princípios” e regras morais pré-estabelecidos pelos dogmas da Igreja que fazem com que os gestos se tornem componentes diferenciadores do comportamento entre meninos e meninas. Isto acontece porque estas regras impõem usos distintos do corpo, tanto com

relação à vestimenta, aos adornos, ao uso do cabelo, quanto ao corpo em si, com seus gestos e técnicas. Neste sentido, é simples entender porque fica mais fácil perceber estas diferenças no corpo feminino do que no corpo masculino. Pois as mulheres precisam aderir e também abdicar de mais hábitos do que os homens ao se converterem à religião evangélica, principalmente numa denominação tradicional como a Assembléia de Deus. Se antes elas usavam brincos, anéis e pulseiras, agora não podem usar mais. Se antes elas se maquiavam, agora isto é pecado. Se antes elas usavam calças, agora só podem usar saias e estas devem seguir modelos específicos. E, finalmente, se antes elas usavam roupas coloridas, agora só utilizam roupas com cores discretas. No caso dos homens, estas mudanças na aparência corporal mediante a conversão para a doutrina evangélica parecem ser muito menores.

Qualquer mulher, evangélica ou não, pode usar saia. Mas com as mudanças ocorridas na sociedade e o fato de as mulheres aderirem majoritariamente ao uso da calça - e quando optam pelas saias, estas são modernas e cheia de estilos (mini-saia, saia *hippie*, etc.) -, faz com que as saias tipicamente evangélicas (que já possuem grife inclusive) se tornem demarcadores de uma cultura específica. Independente de usarem saias ou calças, a maioria das mulheres aprende desde criança que não deve sentar com as pernas abertas. Esta é uma espécie de regra moral da nossa sociedade que supõe que as mulheres devem ter comportamentos diferenciados dos homens e, principalmente, que elas devem ter “pudor”. Todas as mulheres sabem disto ou, pelo menos, já ouviram de suas mães ou de outras pessoas quando ainda eram crianças a famosa frase: “feche estas pernas, menina”, ou então, “menina não pode sentar de perna aberta, é feio”. As pessoas foram educadas para crer que existem gestos femininos e gestos masculinos. As coisas se modificam ao longo do tempo e, hoje, a maioria das meninas já se sente mais à vontade para fazer as mesmas coisas que os meninos. Mas isto não é assim em todos os lugares. Especialmente em algumas denominações evangélicas, as mais tradicionais, as mulheres agem e se comportam como tradicionalmente eram (e neste caso ainda são) educadas. Mas, apesar de a Igreja estudada ser tradicional e conservadora, surpreendi-me ao ver que, das cinco meninas do grupo, apenas duas iam constantemente de saia aos cultos. A professora Márcia disse que elas ainda não precisavam usar a saia todos os dias, que elas tinham a “liberdade” de usar a saia somente em alguns dias e casos especiais, até que se acostumassem com a idéia. Apesar disto, Márcia afirmou que na sua época não era assim, *não interessava se era criança, tinha que usar saia do mesmo jeito*, diz Márcia, parecendo não concordar com a flexibilização dos

costumes. De qualquer forma percebi que, cedo ou tarde, as meninas teriam que aderir a este costume, pois apesar do Pastor Roberto afirmar que o uso da saia não era uma obrigação e, sim, uma preferência, estava claro para mim que a escolha quanto a isto, se não obrigatória, era no mínimo coercitiva.

Então, você (se referindo a mim) foi na Igreja e viu algumas pessoas de calça, mas as pessoas vão mudando isso e aderindo a saia porque é uma questão cultural. Veja só, se você observar, quando é que entrou a calça comprida no Brasil? Ela entrou aqui na década de sessenta. A nossa Igreja é de 1911 aqui no Brasil, nós começamos numa época em que as mulheres só usavam saia. Então, sem dúvida isto foi um costume que adquirimos devido aos costumes sociais (Entrevista, Pastor Roberto).

Ou seja, ele justifica os costumes da Igreja afirmando que são frutos do que a sociedade nos deixou. Mas, ao mesmo tempo, fala que as pessoas já acostumadas a usar calças, justamente devido às mudanças dos costumes atuais desta mesma sociedade por ele citada, acabam por se acostumar com o uso da saia quando começam a freqüentar a Igreja. Percebo, desta forma, que as pessoas que freqüentam outros grupos sociais, além da Igreja, acabam aderindo ao uso da saia porque entre os grupos que freqüentam talvez a Igreja seja o que prega costumes de forma mais rígida e exige um determinado padrão de comportamento do indivíduo. É papel das mulheres da Assembléia de Deus se adequar aos costumes e fazer com que as crianças também se acostumem a eles. É claro que deve ser levado em conta o fato de que a Igreja vem mudando ao longo do tempo, e que, cada vez mais as denominações, mesmo as mais tradicionais, vêm abdicando de certos costumes e tradições em favor de comportamentos mais soltos e que exigem menos sacrifícios de seus membros. Creio que numa sociedade que prega diariamente a “necessidade” de termos corpos livres e belos, manipulando o desejo das pessoas pela conquista de um padrão de beleza, mesmo que para isso façam uso de meios como a intervenção cirúrgica, a religião precisa entrar em conformidade com estas vontades individuais (que são provocadas coletivamente pela sociedade) de se ter um corpo dentro dos “padrões exigidos”. E, neste padrão de beleza, não está incluído o estilo “crente” de ser, de se vestir, etc.

Quanto às nossas personagens, Telma e Taís não usam saia em nenhuma ocasião fora da Igreja. Taís, às vezes, veste saia para ir a determinados cultos pois afirma que sabe da importância de se vestir de acordo com os costumes, em algumas ocasiões. Já Telma diz que não gosta de usar saia e nem em ocasiões especiais ela o faz. São raras as vezes em que ela cede aos

apelos dos pais e coloca saia para ir à Igreja e afirma que faz isto a contragosto. As duas têm liberdade de escolha e por isso são mais extrovertidas e “modernas”. Não há como julgar se as duas são ou não crentes apenas pelas suas aparências físicas. Taís me contou que não quer brigar com os pais e por isso obedece e coloca saia nos dias de festividades e eventos da Igreja. Ela disse que não acha tão ruim e há algum tempo só usava saias. Mas quando ela foi estudar no colégio em que está atualmente, a diretora disse que só podiam se matricular alunos que usassem o uniforme e este não poderia ser composto por saia. A partir daí ela começou a gostar mais de usar calça. Taís tem um jeito “moleque” de ser e diz que a saia não é legal e atrapalha os seus movimentos. Ao conversar comigo naquele momento, sentava-se espontaneamente, com as pernas afastadas e o corpo meio “largado” na cadeira.

Letícia usa saia, na maioria das vezes, para ir à Igreja. Ela tem ajudado a cuidar da turma de Educação Dominical das crianças, em alguns domingos. E nessa hora, o hábito do qual ela afirma não gostar se transforma em algo que a faz se sentir importante. Nestes dias ela vai para a Igreja de saia sem reclamar deste costume que antes a incomodava. Ela diz: *eu tenho que dar o exemplo para as crianças mais novas, né?* Esta pode ter sido a forma encontrada pela professora Márcia que foi quem a convidou, de envolvê-la e adequá-la aos costumes de uma forma mais sutil. Percebi que não passou pela cabeça de Letícia o fato de ela não achar certo a obrigatoriedade da saia e que por isso ela poderia dar às crianças justamente o exemplo contrário. Ao se sentir valorizada por ter sido convidada para ajudar nas aulas, Letícia ia à Igreja vestida de acordo com os costumes da Igreja sem demonstrar descontentamento, pelo contrário, parecia orgulhosa de si mesma. Além disso, Letícia me disse que faz questão de ir a pelo menos alguns cultos vestindo saia, porque uma vez um dos fiéis, o professor de violino das crianças da Igreja, chamou a sua atenção por ela estar de calça. Isto fez com que ela buscasse evitar outros constrangimentos que poderiam ocorrer, aumentando a frequência com que ela vai de saia aos cultos.

Perguntei a Letícia como era na Igreja que ela frequentava antes de vir para Campinas e ela disse: *Lá onde eu morava na Bahia, antes de vir para cá era muita proibição. Deus me livre ir na Igreja de calça, tipo assim, tinha um monte de coisa, um monte de coisa mesmo que não podia. Blusa tinha que ser com manga, só podia usar saia, e mesmo fora da Igreja te controlavam. Imagina, dizer que Deus reservou a calça só para o homem.* Letícia contou sobre a Igreja na Bahia com desaprovação, afirmou que se surpreendeu ao chegar aqui e

ver algumas meninas (Telma e Taís) virem à Igreja de calça. Mas quem se surpreendeu mesmo e, de forma negativa, foi a avó de Letícia quando veio visitar a família aqui em Campinas.

A minha avó veio aqui e ficou meio assim sabe? Porque ela achou muito estranho, achou muito solto, ela disse: Letícia, a gente tem que praticar as coisas de Deus, e não é desse jeito aqui. Eu uso brinco, sabe? Não para vir na Igreja, é claro, mas minha avó disse que isto está muito errado, eu não estar de saia também deixou ela meio assim, ela disse: nossa Letícia, você não se preocupa com a salvação (Entrevista, Letícia).

Letícia complementou como se fosse necessário justificar para mim o porquê de seu comportamento:

Ah, eu uso saia também, mas não tão grande, e nem sempre, porque quando eu usava saia eu nem podia sentar direito, aí quando você se acostuma a usar calça, é melhor. Que nem, quando eu cheguei aqui, tava muito frio, e lá na Bahia não é frio, quando a gente chegou aqui, a minha mãe comprou calça para mim, e nossa!!! Parecia que eu tava pelada de calça, eu me sentia muito esquisita. Agora que eu me acostumei com a calça, me sinto quase pelada de saia (Idem).

Um dos fatores que colaborou para a mudança de Letícia foi o fato de ela e os pais se mudarem para Campinas. Não somente pela diferença das Igrejas, mas porque quando isso aconteceu o pai dela se afastou da própria mãe que também é evangélica³³. Com isso, o seu papel na educação da filha aumentou. A frase abaixo demonstra o relaxamento na forma de educação que o pai de Letícia começou a exercer após a mudança.

Agora, o meu pai, que não é da Igreja, e ainda por cima é “farrózeiro” aproveita mais. Minha família por parte de pai, menos a minha avó, é claro, adora sair para dançar farró. E aí minhas tias me dão roupas assim, sabe? Do jeito que a minha mãe não gosta, mas meu pai até me apóia. Minha mãe não reclama tanto, porque acho que ela não quer que dê briga entre ela e o meu pai (Idem).

Bruna e Paula, educadas rigidamente desde o nascimento, são as únicas meninas do grupo que utilizam saia em todos os momentos, dentro e fora da Igreja. Parecem ser submissas aos pais, mas em nossas conversas demonstraram certa insatisfação ao terem que obedecer sem contestamentos aos costumes da Igreja e às imposições dos pais. Paula disse: *Eu uso mais saia do*

³³ É sobre esta avó que Letícia se refere nas falas acima.

que calça, é muito difícil eu usar calça, só na aula de Educação Física mesmo. Eu já me acostumei com a saia, até sentar bem com ela eu já aprendi. Paula quis se referir ao gesto de sentar no chão, o qual mesmo não sendo confortável para ela no início, agora ela havia se adaptado.

Perguntei a Paula se mesmo assim seus pais faziam cobranças quanto aos seus modos de se comportar e ela respondeu: *Tem umas saias que eu usava que agora que eu cresci estão muito curtinhas e o meu pai, por causa do cargo dele na Igreja, não gosta que eu use, e ele me corrige e fala para eu usar saia mais comprida, ele fala para minha mãe que ela tem que providenciar umas saias maiores para mim* (Entrevista, Paula). É claro que não basta estar de saia, ela precisa estar dentro dos padrões da Igreja, ou seja, deve ser comprida, solta e discreta. Em conversa com Letícia e Paula numa confraternização da Igreja, após presenciarmos uma cena na qual um dos membros da Igreja - o professor de violino das crianças e adolescentes – chamou a atenção de Taís porque ela não estava de saia num dia de apresentação³⁴, elas se empolgaram e começaram a me contar algumas coisas que ilustram a importância do uso da “saia apropriada”. Letícia falou em tom irônico: *Outro dia esse metido* (referindo-se ao mesmo homem da cena presenciada) *ficou de “nhenhêhém” comigo por causa da minha calça, disse que eu já era grandinha o suficiente para começar a usar saia. Se nem minha mãe, nem o Pastor vem me falar isso, ele acha que pode, hahá.* Complementando a crítica feita por Letícia, Paula comentou: *Para mim também ele já veio falar, só que veio falar do comprimento da saia. Um dia, no ensaio da orquestra ele disse para mim: da próxima vez, você vem com uma saia mais longa. E olha que a minha saia estava batendo aqui ó?* (ela colocou a mão no joelho para demonstrar o comprimento em que a saia estava).

Bruna, Paula, e - apesar de utilizar com menos frequência - até Letícia já estão adaptadas ao uso da saia. No entanto, sabendo que Telma e Taís não estão, perguntei a elas se estão conscientes de que mais tarde exigirão isso delas e o que irão fazer. Taís me respondeu que sua mãe avisa que ela terá que se acostumar. Taís contou que quando era pequena gostava de usar saia. Na verdade, ela afirmou que teve um tempo em que ela só usava saia e até gostava disso. Enfatizou também o fato de a irmã mais velha nunca ter gostado e que por isso a mãe delas já não

³⁴ As apresentações de violino e principalmente as reuniões de confraternização se caracterizam como dias especiais, nos quais todos devem comparecer vestidos “apropriadamente”.

liga tanto para isso. Taís afirmou que agora ela entende que este tipo de coisa nada tem a ver com a fé que ela sente.

Porque não tem nada a ver. Você pode, por exemplo, usar saia até o pé, blusa que cubra bem o teu corpo e você peca mais do não sei o quê. E se ao mesmo tempo, eu uso saia mais curta, blusa sem manga, mas eu estou na minha e acredito em Deus, então não tem nada a ver. Porque eu sei que sendo do jeito que eu sou, eu vou pelo caminho melhor e outros não vão (Entrevista, Taís).

Taís tem a consciência e isto é fruto da influência da irmã e talvez até da mãe sobre ela, de que o importante para Deus é o que ela sente e faz e não as roupas que ela usa. É provável que este tipo de opinião tenha sido a causadora da desistência de alguns jovens da Igreja, fato que me foi contado por Telma. A opinião de Taís deve ser sempre reforçada por Telma, que ao ser questionada sobre o que ela achava do uso “obrigatório” da saia disse:

Ridículo, eu acho ridículo. Porque, eu acho assim, todo mundo fala de você, né? Mas eu acho que o que importa é o que está por dentro. Sabe, às vezes o pessoal fala que tem algumas calças que são horríveis porque ficam sensuais, etc. Bom, aí eu digo, e a saia? Depende da saia, ela é muito pior do que qualquer outra calça. Tem vezes que você pensa, nossa, era muito melhor que fulana tivesse vindo com uma calça. Mas é ridículo, não é a roupa que faz você. Se você está se sentindo bem com uma calça, venha com uma calça. Que nem eu. Eu não gosto de usar saia. E ontem eu tive que vir de saia porque era uma Santa Ceia e eu ia cantar no coral, aí minha mãe insistiu e eu também não tava com saco para agüentar os outros me falando para vim de saia, mas eu estava me sentindo muito mal. A verdade é que tem gente muito falsa, que vem com saia, mas com outras coisas mais importantes não se preocupa. Eu venho de calça, mas venho com o coração aberto para ouvir a palavra de Deus. Para mim, religião só é boa se for assim. Se for para me fazer mal então eu não quero (Entrevista, Telma).

Perguntei a ela se seus pais não cobravam outra postura dela e ela contou que quando era criança havia muita cobrança. Houve uma época em que sua mãe trabalhava com as crianças na Educação Dominical, e tudo de que ela não gostava ela era obrigada a fazer para servir de exemplo. Nesta época, nas suas palavras, ela só vestia saias porque era obrigada. *Mas depois eu resolvi que iria usar calça, minha mãe não queria de jeito nenhum no começo, mas eu tive que brigar, sabe? Mas eu briguei mesmo, puxa, eu tenho minha opinião,* diz Telma num tom um pouco nervoso por lembrar desta época. Telma disse que não estava se sentindo bem daquele jeito e se fosse assim ela preferia parar de ir à Igreja. No início sua mãe implicou muito

com suas novas roupas, não queria ir junto com ela para comprar e insistia em fazer a filha repensar sobre os costumes. Mas quando percebeu que era inútil se deu por contente em conseguir manter a filha na Igreja, mesmo que fosse do jeito dela.

Desde então, usar saias virou sinônimo de raridade para Telma. Ela mesma ironiza ao contar que quando ela vai para a Igreja de saia as pessoas acham “o máximo”.

Esses dias, quando teve o encontro da mocidade e que eu vim de saia, nossa, foi o acontecimento do dia. Mas eu não uso mesmo, só muito de vez em quando e quando eu quero. Até porque eu não sou mais criança, e o meu pai já se ligou disso. Ele achou que se me cobrasse muito eu podia até sair da Igreja. Mas quando ele viu que nem o Pastor me falava nada ele resolveu relaxar (risos) (Entrevista, Telma).

Telma continua justificando seu modo de pensar falando de outras atitudes que ela mesma tem e que são mais conservadoras. Ela afirma nunca ter ido à Igreja com uma blusa escandalosa porque sabe que tem muita gente na Igreja que pensa do modo antigo. Telma disse que dependendo da roupa que a pessoa chega ao culto, todos os membros ficam olhando.

Quando perguntei a Telma porque ela achava que as pessoas da Igreja davam tanta atenção ao corpo e a sua aparência, ela respondeu de forma inconformada que não entendia o que se passava na cabeça destas mulheres.

Não sei nem se elas pensam sobre isso. Uma vez meu pai já me disse que eu penso demais, e que é por isso que eu fico contestando tudo. Então, é por isso que eu acho que essas irmãzinhas mais velhas aqui da igreja nem pensam, só acostumaram a seguir os costumes e pronto. Sabe o que mais que eu acho. Acho que eles pensam assim, bom, o povo do mundo usa calça então nós da Igreja não podemos usar, temos que ser diferentes. O povo do mundo corta o cabelo, então a gente não pode. Só pode ser isso que ainda faz com que elas continuem assim. Mas tem umas que exageram, tem mulher aqui que a gente não sabe nem que cor que é o braço dela. Então acho que é mais pudor mesmo (Entrevista, Telma).

Telma tem a noção de que estas cobranças dos membros mais antigos e conservadores têm a tendência de se modificarem com o tempo. Ela conta sobre o fato de muitas pessoas, principalmente os jovens, terem saído da Igreja por causa da obrigatoriedade dos usos e costumes. Telma ainda complementa dizendo que talvez a flexibilização de alguns costumes

tenha ocorrido devido a esta desistência em massa. Para ela, as pequenas mudanças que ocorreram já significam muita coisa. Pois, segundo ela, a situação já foi muito pior.

Mesmo com certa flexibilização dos costumes, Telma diz que ainda existem pessoas dentro da Igreja que se escandalizam ao ver a maneira como ela e mais algumas jovens se comportam. Para ela, ninguém precisa falar nada para demonstrar que está condenando. Somente a maneira com que alguns membros olham para ela já é suficiente para atestar a reprovação de seus atos. É como se o olhar destas pessoas estivesse perguntando: *você não tem vergonha menina?* No entanto, apesar dos olhares, Telma disse que ninguém tem coragem de falar nada para ela pois sabe que isto geraria um atrito entre eles. Curiosa, perguntei se esses olhares de desaprovação vinham mais das mulheres ou dos homens. Telma respondeu que os olhares vinham mais das mulheres, mas que ficava claro para ela o *tamanho do machismo* que havia na Igreja. Para me explicar sobre isso ela lembrou de uma ocasião em que tanto as meninas quanto a professora da turma de Educação Dominical haviam faltado ao culto. Em decorrência disso, Telma teve que participar da aula junto com a turma de adolescentes que, naquele dia, estava composta apenas por homens.

Eu era a única menina da sala, aí eles começaram a discutir coisas sobre o tipo de roupa etc. Aí sim eles mostraram que são machistas mesmo. Se você perguntar para qualquer homem da Igreja, todos vão ter esta mesma opinião machista quanto a estas coisas de roupa da mulher. Naquele dia eles me disseram: está certo mesmo, mulher tem que vir de saia mesmo, e maquiagem é coisa do demônio, etc. Eles acham isso. Neste dia teve uma briga na turma, porque eu já defendi na mesma hora dizendo que não concordava com ele (Entrevista, Telma).

Telma achou totalmente injusto o fato de ela própria defender a opinião daqueles jovens quando eles disseram que deveria ser liberado ao homem o uso de bermuda na Igreja³⁵ e eles se mostrarem contrários à liberação da vestimenta feminina. *E assim, eu falei minha opinião, quer dizer então que vocês acham ruim o homem não poder usar bermuda, mas acham certo que a mulher tenha que viver cheia de regras. Nossa, foi a maior encrenca,* completou Telma em risos.

Percebi, ao longo de minhas participações, que as questões relacionadas à aparência destas meninas determinam também seus modos de utilizar o corpo ou vice-versa.

³⁵ Na Igreja estudada o homem não pode freqüentar os cultos vestindo bermuda.

Detalhes na maneira de caminhar, de se sentar, de repousar os braços sobre a mesa diferem de uma para outra e de certa forma obedecem a um padrão. Obviamente os gestos de Telma, Taís e Letícia são mais espontâneos e relaxados. Diversas vezes pude ver a Taís e a Letícia correrem pelo pátio da Igreja, sentarem no chão ao lado da porta, sentarem nas cadeiras parecendo se sentirem mais à vontade e, inclusive, praticando o ritual de chegada na Igreja sem preocupações com a maneira como iriam se ajoelhar no chão. Bruna e Paula executam gestos sempre comedidos e cautelosos. Não circulam muito pelos espaços da Igreja e raramente correm de um lugar para o outro. Sentam-se “adequadamente” e mantêm o semblante mais sério. Elas dão risadas discretas, enquanto as outras três dão gargalhadas. Ou seja, é todo um jeito de ser que está em jogo e que é, senão determinado, influenciado pela forma de educação que recebem. Estas meninas evangélicas sabem que serão privadas de diversas coisas que têm vontade. Para finalizar este item, cito um último exemplo desta nossa personagem.

A gente sabe que o nosso corpo é o templo do Espírito Santo, esse é o motivo pelo qual a gente não pode ter piercing, nem tatuagem, nem isso e nem aquilo, entendeu? Então, só aí já acabou tudo aquilo que você tinha pensado em fazer um dia. Mas acho que o mais forte do que nós aprendemos com relação ao cuidado com o corpo mesmo é por causa dos homens estarem sempre olhando para as mulheres de um jeito diferente. Porque agora que você está vindo é uma época que não tem muito jovem, homem, na Igreja, mas há um tempo atrás tinha muito mais (Entrevista, Telma).

Ou seja, as preocupações com a alma representam apenas uma espécie de pano de fundo de uma repressão que objetiva conter o corpo feminino do pecado na terra. É preciso reprimir o corpo da mulher para que ela não caia e, principalmente, não provoque a tentação no homem. Para que isso seja viabilizado é preciso atuar sobre o corpo da mulher de alguma forma. A forma encontrada pela Igreja Evangélica Assembléia de Deus foi estabelecer regras quanto ao uso do corpo. Regras estas que se refletem na aparência da maioria das mulheres que são “crentes”.

Estas inúmeras regras de vestimenta e adereços citadas ao longo do texto geram outras regras relacionadas à gestualidade das meninas e mulheres da Assembléia de Deus. Isto é o que comento no próximo item.

4.2- AS TÉCNICAS CORPORAIS DAS MENINAS DA IGREJA

Minhas amigas têm costume de dar beijinho para cumprimentar os outros. Eu me acostumei aqui na Igreja a cumprimentar dando a mão, aí eu não consigo dar beijinho em ninguém fora da Igreja, só dou a mão (Entrevista, Paula).

Volto a lembrar que quando falo de “técnicas do corpo” estou me referindo ao sentido dado por Mauss a este termo. Ou seja, refiro-me a todos os gestos e formas de comportamento que possuem sentidos específicos, de acordo com a sociedade de que cada indivíduo faz parte e do tipo de educação que recebe. Cada costume que adquirimos em nossa vida cotidiana reflete-se no corpo de alguma forma. Os usos que fazemos de nosso corpo dependem de nossas escolhas no dia a dia. Mas nem sempre estas escolhas são conscientes e refletidas. Muitas vezes adquirimos hábitos, como o exemplificado acima, sem nos darmos conta do que ele foi fruto. No caso citado, Paula tem a compreensão de que o modo como cumprimenta as pessoas é um reflexo dos costumes que adquiriu na Igreja. Porém, talvez nem todos os seus gestos sejam refletidos como este.

Ao pensar sobre como as técnicas corporais das meninas estudadas são simbolicamente construídas e modeladas a partir de uma crença religiosa, fui tomada por algumas questões. Será que a religião se constitui como algo significativo na construção de uma determinada cultura de movimento? Creio que, ao longo do texto, exemplifiquei algumas características que confirmam a relação da educação religiosa com a educação do corpo. Sendo assim, tento demonstrar, a partir de agora, algumas situações em que os gestos das meninas estudadas demonstram possíveis resultados de uma educação religiosa. Entendo que há uma construção ou reconstrução simbólica do corpo a partir da religião, e isto se torna observável nos gestos das meninas, em algumas mais e em outras menos, devido aos diversos fatores que perpassaram sua forma de educação.

Tendo como pano de fundo algumas idéias desenvolvidas por estudiosas do corpo em seus aspectos históricos e culturais, como Carmen L. Soares e Denise Sant’Anna, faço alguns apontamentos sobre o uso do corpo pelas meninas evangélicas.

Compreender que é um mistério desvendar os significados revelados pelos corpos e gestos das meninas evangélicas e que, mais difícil ainda é desvendarmos justamente o

que estes corpos aprenderam a encobrir e ocultar, é o mesmo que compreender, como nos mostra Sant'Anna (2006), que o corpo de qualquer indivíduo pode revelar diversos traços da subjetividade humana, mas ao mesmo tempo pode escondê-los.

O que tem por trás dos gestos destas meninas é uma infinidade de traços subjetivos que foram adquiridos ou renegados por meio da educação que receberam. Quando falo de educação, não me refiro somente à educação religiosa, mas esta, sem dúvida, mostra-se mais propícia a conter do que a revelar nos indivíduos os gestos e os traços de humanidade, criados e recriados na sociedade e, que de alguma forma - para os indivíduos religiosos -, estão ligados ao pecado. Desta forma, a Igreja evita o risco de testemunhar contra suas próprias crenças e mitos, pois se esta admitisse nossos “traços pecaminosos de humanidade” como legítimos para o homem, teria conseqüentemente que admitir o poder talvez inquestionável do corpo matéria (carne) sobre o corpo espiritual (alma). Neste sentido, a religião tenta conter alguns desejos íntimos – e considerado pelos religiosos, do ponto de vista espiritual, mais inferiores - do corpo humano, para não expô-los em gestos e traços “impuros”. Por outro lado, a religião dá voz a outros conjuntos de gestos que passam a fazer parte da vida dos fiéis, ou seja, estes gestos ganham a forma cultural. Mas para educar este corpo é preciso conhecê-lo, saber do que ele é capaz para impedi-lo de fazer. Por isso a igreja investe no corpo, por isso existe uma gestualidade tipicamente religiosa. A gestualidade das meninas da Assembléia de Deus precisa estar em sintonia com os princípios da Igreja, ou seja, seus corpos precisam atestar a cada dia a submissão às normas da doutrina.

Enfim, é através dos pequenos gestos que fazem parte do cotidiano de cada pessoa e que, muitas vezes, são repetidos automaticamente, como nos exemplos citados acima, que podemos perceber e entender a cultura de cada indivíduo e do grupo social em que ele está inserido. Por isso, foram justamente nos gestos mais simples e rotineiros, presentes no dia-a-dia das meninas estudadas, que direcionei meu olhar. Como afirma Soares (2006, p.112):

É preciso ressaltar que há preceitos a serem seguidos para alcançar uma educação plena dos corpos. Assim, o simples bocejar, assoar o nariz, caminhar ou participar de jogos são atos que irão sujeitar-se a uma intervenção dirigida, materializada por diferentes pedagogias cuja finalidade é o corpo educado”

Ou seja, nas meninas evangélicas há uma forma de educação específica que intervém e educa os gestos mais simples e cotidianos. Isto, muitas vezes, faz com que as meninas evangélicas se diferenciem corporalmente das outras meninas da sua idade.

O corpo do indivíduo fiel pode ser forte para se manter no caminho “certo” e neste sentido este corpo simbolizará o poder, ou seja, a capacidade de levar uma vida na qual o indivíduo se mantenha longe do pecado e, desta forma, tenha seu fim ao lado de Deus. Da mesma forma que o corpo simboliza o poder, ele pode simbolizar o lugar de resistência. É o corpo que deve resistir aos pecados da carne e às tentações do demônio. Pois é através dele que se “chega a Deus” ou se recebe interferência do mal. Ao mesmo tempo em que o corpo pode simbolizar o lugar de poder e de resistência, podemos encontrar algumas pessoas religiosas que sofrem um sentimento de falta de poder, de falta de autonomia sobre o próprio corpo, frente às exigências e costumes veiculados pela Igreja.

Na sala onde as crianças aprendem as lições da Bíblia todos os domingos não há cadeiras para se sentar e, por isso, todas as crianças sentam-se no chão. Isto é fácil e simples para os meninos que podem se sentar da maneira como é de costume para a maioria de nós³⁶. Já para as meninas de ambas as turmas (infantil e adolescente), sentar no chão me pareceu muito mais difícil. Elas tinham que ficar ajoelhadas e não sentadas no chão. Muitas delas permaneciam assim por causa da saia que não permitia o gesto de cruzar as pernas para sentar. No entanto, mesmo as meninas que não usavam saia naquele dia se ajoelhavam da mesma forma que as outras. Não existia uma saia que limitava os movimentos, mas havia uma “educação corporal” que desempenhava o mesmo papel. Talvez elas ficassem ajoelhadas daquele jeito pelo costume (adquirido pelas vezes que freqüentam a Igreja de saia) ou pelas correções da professora, que na única vez em que uma das meninas, cansada de ficar ajoelhada, tentou sentar com as pernas bem afastadas, chamou a sua atenção para que se sentasse “direito”. A menina advertida rapidamente mudou de posição, mas vi que ela fez isto um pouco contrariada, como se ela não entendesse porque não podia se sentar daquele jeito. Percebi que todas as meninas da turma estavam impacientes e pareciam incomodadas com a posição em que tinham que permanecer, pois era por um longo tempo e elas se sentiam cansadas.

³⁶ Lembrando que só existem meninos no grupo de estudos que é denominado de “nível infantil”, o grupo de adolescentes é composto somente por meninas.

Assim como no caso destas meninas pequenas que, mesmo sem estarem vestindo saia naquele dia, sentavam-se (ou melhor, ajoelhavam-se) como se estivessem, foi também o caso das meninas que deram início a minhas inquietações. São os pequenos gestos do dia-a-dia que representam a educação destas meninas, pois num gesto simples há muitos símbolos e significados capazes de nos esclarecer sobre os modos de vida do grupo. Este exemplo vem ao encontro de um outro, dado no início desta pesquisa, sobre minhas alunas no interior do Paraná. Elas, da mesma forma que as crianças citadas acima, mesmo participando da minha aula vestindo calças, continuavam a realizar os movimentos como se estivessem de saia.

Se nas crianças pequenas, que nem sofrem ainda tanta cobrança por parte dos adultos quanto aos usos e costumes da Igreja, algumas características já podem ser observadas, nas meninas adolescentes o número de gestos que demarcam uma postura religiosa tenderia a aumentar. No entanto, isto não acontece com todas as meninas, pois com o aumento da idade, algumas mulheres aderem aos costumes e outras abandonam a Igreja.

Enfim, nas meninas que estudei, mais especificamente nas mais conservadoras, pude observar exemplos como o modo de sentar, os cuidados para se ajoelhar, as formas de cumprimentar, as maneiras comedidas de utilizarem o corpo, os gestos cautelosos sempre aparentando a necessidade de um cuidado excessivo com o corpo e outros. O uso da saia, por si só, é um limitador. Bruna e Paula tinham que tomar cuidado até para fazer um ritual de rotina, como o de se ajoelhar no chão. Dependendo do gesto que fizessem para se levantar, suas pernas apareciam “demais”. Ou seja, a mulher deve se comportar de forma digna e, mostrar o corpo demonstra o apelo à sexualidade, algo a ser evitado para não causar tentação ao homem.

Outros exemplos relacionados ao corpo também foram observados. Os membros da Igreja estudada, ao rezarem durante os cultos, fechavam seus olhos num gesto que contraía toda a musculatura facial, transmitindo uma expressão de dor e sofrimento. Ao mesmo tempo em que pronunciavam palavras em tom de choro, apertavam os punhos com os dedos bem fechados como se este gesto simbolizasse a força que desejavam receber de Deus a fim de suportar aquela dor que estavam sentindo. Há uma série de gestos que devem ser praticados numa cerimônia que envolve detalhes minuciosos. As mãos devem estar posicionadas corretamente, deve-se ficar de joelhos na hora certa, levantar na hora certa, permanecer numa certa posição pelo tempo necessário, enfim, são vários os exemplos de ritos corporais que compõem os mecanismos religiosos. São os símbolos contidos nestes movimentos que fazem deles o que chamamos de

gestos. Afinal, todas as técnicas corporais são dotadas de significados culturais. O ato de orar, que poderia ser feito apenas verbalmente ou mentalmente, não tem sentido para eles se não expressar, através do corpo, os sentimentos necessários. Afinal, para os evangélicos estudados, o corpo deve atestar a crença de cada indivíduo.

Todos os membros utilizam, quase o tempo todo, durante os cultos, o gesto de elevar a mão direita acima da altura da cabeça, com os dedos abertos e a palma da mão para frente quando querem agradecer algo a Deus. Podemos observar estes gestos neles fora da Igreja também. Aliás, alguns gestos educados pela religião se propagam nos diversos ambientes freqüentados pelas meninas, inclusive na escola. É claro que devemos levar em consideração que alguns gestos são propositadamente evitados pelas meninas e meninos adolescentes na escola, pois poderiam ser motivo de vergonha, já que os caracterizariam como “crentes”.

Taís demonstrou ter uma relação de autonomia com o próprio corpo sem, no entanto, desconsiderar sua crença na religião.

Eu acho assim, que tem que ser uma relação você, o seu espírito e Deus. Se esta relação estiver boa, então está bom. Não tem que se preocupar. É você que tem que saber os limites do que você faz com o teu corpo, é você que sabe se isso te fez se sentir mal na tua relação com Deus (Entrevista, Taís).

O modo de pensar e que, de certa forma, já está interiorizado nas mulheres mais antigas da Igreja, é aquele no qual o corpo está sempre propenso a pecar em todos os instantes do dia. Mas este entendimento não está presente nos conceitos de nenhuma das meninas estudadas, nem mesmo das mais conservadoras. Elas têm uma leitura diferente dos significados destes princípios, a maioria delas chegou a comentar que acham um exagero a rigidez com a qual as mulheres mais velhas conduzem as coisas. *Tem irmãs na Igreja que não concordam com nada que você faça no teu corpo. Se eu corto o cabelo curtinho, elas já ficam me olhando. Elas acham inadmissível fazer uma cirurgia plástica, se o brinco já é proibido, um piercing então é motivo para um barraco dentro da Igreja (Entrevista Taís).* A visibilidade que o corpo feminino possui para os membros da Assembléia de Deus indica o quanto ele é passível de controle e vigilância. De certa forma esta sempre foi a história do corpo. Falando sobre isto, Sant’Anna (2006, p.13) diz que “é através da alma, e não do corpo, que o homem pode ver deus. Por conseguinte, na medida em que o corpo dificulta esta visão, ele tende a ser execrado, considerado um obstáculo à descoberta da verdade e à salvação”. Assim, enquanto a alma é pensada como algo bom e

superior, vê-se o corpo como aquilo que impede o homem de alcançar o divino, pois ele está submetido aos desejos e à corrupção. Portanto, conter e controlar o uso que se faz do corpo (suas gestualidades) é proteger aquilo que realmente importa, a alma. Pois é ela quem pode nos levar a Deus.

No entanto, na opinião das meninas, o controle excessivo que a Igreja tenta impor sobre seus corpos deve chegar até um certo limite, no qual a linha divisória é justamente a “vontade própria” de cada indivíduo e sua liberdade de escolha. A fala de Telma ilustra bem a opinião das cinco meninas que, mesmo cumprindo as regras, não concordam com elas. Telma diz:

A Igreja tem que cuidar de uma parte da minha vida, me ensinar a ter fé, a não fazer coisas erradas, enfim, mas ela não pode querer ditar tudo que eu devo fazer. Teve uma época que nem andar de bicicleta a mulher evangélica podia. Tal será que isso é uma coisa que a Igreja decida por você, deixa que eu mesma cuida de mim (Entrevista, Telma).

Quando Telma diz “deixa que eu mesma cuida de mim”, ela está esboçando uma idéia que demonstra sua opinião sobre a Igreja. Para ela, a Igreja deve cuidar da parte espiritual mas não intervir na maneira como ela se comporta. Suas atitudes são escolhas pessoais. Um gesto como andar de bicicleta tem significados muito mais profundos e particulares para ela do que a Igreja pode supor. Portanto, esta técnica corporal não é digna de interferência por parte da sua vida religiosa. Para Telma, andar de bicicleta não significa ofender a Deus, esta foi uma técnica corporal que ela adquiriu em outro grupo social, sob outros signos e outros valores. *Eles me disserem que ser virgem é importante é uma coisa, agora eles quererem dizer que eu não posso jogar futebol, por exemplo, é outra coisa*, diz Telma um pouco indignada com as proibições feitas pela Igreja. A indignação, tanto de Telma como das outras meninas, é o fato de que muitas destas pessoas que se incomodam com a vida dos outros membros da Igreja, quando estão longe da vista deles, portam-se de maneira inadequada. Letícia comenta: *tem uns irmãos aí que eu acho complicado, que aqui na Igreja são uma coisa e lá fora são de outro jeito. Parece que eles preferem aqueles que fingem que são santinhos* (Entrevista Letícia).

Telma me disse que há algum tempo diversas amigas dela saíram da Igreja. O motivo foi justamente a não aceitação de regras que perpassavam, principalmente, o uso do corpo e as técnicas corporais das meninas. Segundo Telma, elas não admitiam não poder jogar bola, dançar e, principalmente, não poder namorar meninos que não fossem da Igreja. Como estas

meninas tiveram coragem de demonstrar o que pensam, isto se tornou um escândalo na Igreja, o que as levou a se afastarem, optando pelo modo de ser e de usar o corpo da forma que consideravam melhor ao invés de se adaptarem às restritas técnicas corporais impostas pela Igreja.

Imagino que não seja fácil para estas meninas se sentirem diferentes de suas amigas, no entanto, é justamente assim que elas aprendem que deve ser. Isso pode ser demonstrado na fala de uma das professoras das meninas, enquanto trabalhava com elas uma lição da Educação Dominical:

Como a gente é a imagem e a semelhança de Deus, nós temos que gostar do nosso corpo. Xingar o espelho não adianta nada. Se de repente eu não estou satisfeita com o meu corpo, então eu posso até me cuidar, mas não interferir naquilo que Deus criou. Estar no mundo serve para agradar a Deus e não para agradar os nossos impulsos (Professora Vanessa, durante sua fala na Educação Dominical).

Quando Vanessa fala sobre agradar a Deus e não aos nossos impulsos, ela está falando sobre o que fazemos com o nosso corpo. Afinal, é ele quem realiza ou não nossos impulsos. O corpo é a expressão material dos nossos desejos e, por isso, ele sempre foi visto como a nossa parte mais fraca. *Ninguém é santo aqui na Terra, porque nós somos carne e carne peca* (Márcia, professora da Educação Dominical, numa aula a que assisti). Isso explica porque as meninas da Igreja estudada devem ser rigidamente educadas e seus desejos reprimidos. O fato é que isto implica diretamente no uso do corpo e das técnicas corporais cotidianas. São as gestualidades e comportamentos de cada indivíduo que poderão salvá-lo no momento do juízo final. Portanto, não só é possível compreender a existência de uma clara educação corporal repassada às meninas evangélicas, que tem como objetivo diferenciá-las das meninas “do mundo”, como é possível entender a importância dada ao corpo por esta religião. “Cada religião procura imprimir seus símbolos e marcas distintas nos fiéis para que sejam identificados e reconhecidos por pertencerem a ela” (MARIANO, 1999, p.116). Ou seja, os pentecostais (principalmente os das denominações tradicionais) são reconhecidos e, até pouco tempo, estigmatizados pela veiculação pública de sua identidade. A conversão sempre implicou numa mudança de comportamento, no modo de ver as coisas e até na escolha das companhias que passam a ser, preferencialmente, os membros da comunidade religiosa.

Todos estes tabus que fazem parte do manual dos fiéis da Assembléia de Deus ajudam a destacar, publicamente, o crente do resto da população. É como se eles criassem e vivessem num lugar à parte, diferente, e que este lugar (Igreja) possuísse uma barreira de restrições que separa os crentes das pessoas do mundo. Pois eles têm o costume de separar radicalmente a Igreja do mundanismo. Mas para atender as novas e distintas demandas de indivíduos que procuram a salvação, mas que não querem seguir à risca os velhos costumes, os líderes têm sido mais permissivos. Um exemplo desta permissividade pode ser visto nos casos de Telma, Taís e Letícia, as quais não se destacam do resto da população pois não aderiram às vestes e costumes da Igreja.

Mesmo se comportando de forma diferenciada quanto a algumas exigências da Igreja, todas as meninas defendem a importância de se casar virgem e, inclusive, da obrigação de dar satisfação de seus atos ao marido. Paula, com sua timidez excessiva e, apesar de ser a mais adequada aos padrões de vestimenta e aos costumes da Igreja, foi a única que tomou uma postura diferenciada com relação ao casamento. Ela disse: *Eu não acho que toda mulher deveria ser obrigada a casar, eu não quero casar, sabe? Para quê? Para o meu marido querer mandar em mim?*

Já as outras meninas concordam, pelo menos parcialmente, com a passagem da Bíblia que fala sobre a submissão da mulher diante do homem.

Olha, na Educação Dominical a gente já aprendeu sobre estas coisas do papel do homem e o nosso papel. A gente não foi criada para ser capacho, mas eu entendo que tem que ter esse respeito pelo pai e pelo marido sim. Eu acho que hoje está muito moderno o mundo, a mulher tem a sua área, tem seu espaço, mas eu ainda acho que o homem é que cuida de uma certa parte da casa, da família, então acho que a mulher deve uma certa explicação para ele, não pelo fato dele ser homem, mas pelo fato dele ser teu marido (Entrevista, Taís).

Outro exemplo a respeito disso veio de Bruna, dizendo que: *Aqui na Igreja eles são contra o divórcio. Eu também concordo. Tem um irmão aqui que se separou e agora ele não pode casar com mais ninguém. Tem gente que acha que é só arranjar outro. Eu não concordo, então pense antes de casar, né?* Bruna parecia responder as minhas perguntas como se eu estivesse testando a sua fé nos princípios da Igreja. Suas respostas eram sempre aquelas que as pessoas conservadoras da Igreja certamente gostariam de ouvir. Senti certo pudor por parte dela. Era como se ela tivesse que me convencer de que era realmente como os membros da Igreja

gostariam que ela fosse. Em vários momentos ela dizia coisas que pareciam legitimar sua fé nos princípios religiosos. Um exemplo disto é a fala que cito a seguir.

Eu tenho três amigas que falam muita besteira, e parece que elas ficam falando besteira só para os meninos ouvirem, sabe? E a Emili, ela também é da Assembléia de Deus, e eu não me sinto bem assim, eu falo para ela parar, mas ela não pára. Ela fala que é da Assembléia, mas nem parece, porque ela fala tanta besteira que nunca vi (Entrevista, Bruna).

Paula, ao contrário, parecia não se importar em atestar a sua fé e reclamava de algumas coisas que dizem respeito ao corpo e que a incomodavam:

É muito ruim ter que usar saia para ir para a escola, sem contar que não dá nem para sentar direito, tem que ficar se cuidando, é um saco, porque parece que sempre tão olhando para você. Eu nunca posso sentar no chão junto com as minhas amigas, às vezes eu fico de joelho mas cansa, por isso eu prefiro ficar em pé (Entrevista, Paula).

É significativa a compreensão que Paula tem a respeito das diferenças existentes entre elas e os amigos, principalmente porque ela entende que as diferenças são recorrentes de sua educação religiosa. A percepção que ela tem sobre a própria gestualidade, quando comparada a de seus amigos, é no mínimo interessante. Isto lembrou-me de Mauss (2003), quando este comenta sobre como era possível reconhecer o caminhar de uma moça inglesa e de uma moça francesa, pois suas técnicas corporais eram tradicionalmente distintas. Apesar de Paula se incomodar com estas coisas, isso ainda não é o que ela vê como o pior. Sua indignação é não poder fazer as mesmas coisas que suas amigas fazem. Quando Paula diz que suas amigas podem fazer muitas coisas, isto tem um significado corporal. Pois, para ela, o que importa são as proibições que restringem o uso que ela faz de seu corpo. No entanto, para a Igreja, é o corpo que deve ser contido. Neste sentido, o corpo de Paula não pode fazer as mesmas coisas que o corpo “livre” de suas amigas.

A gente aprende que tem que ser diferente, como eu estou na Igreja, eu vou me manter longe das coisas que fazem mal para mim, eu não vou usar droga e estragar o meu corpo, porque Deus não ia gostar. O jeito que a gente se comporta é diferente, até o jeito de andar é. Eu não falo palavrão, não sento no chão junto com os outros (Entrevista, Paula).

Paula nunca colocou um biquíni e foi à praia, por exemplo, como é de costume para Telma e Taís. É obvio que a situação financeira de sua família tem a ver com isso. A família de Telma e Taís, por viver financeiramente melhor, está habituada a ir à praia e, como é de se esperar, Telma e Taís estão acostumadas a usar biquínis como as outras meninas usam. As duas irmãs sabem que isso vai contra os princípios da Igreja pois o corpo não deve ser exibido. Além disso, na opinião dos membros mais conservadores da Igreja, os gestos realizados quando se está vestindo um biquíni são muito sensuais para uma mulher evangélica. Como para elas não é isso que importa, e aos olhos de Deus elas acreditam não estar pecando, esta prática se tornou comum nas suas vidas, mesmo que alguns membros da Igreja se incomodem com isso. Telma me contou sobre um episódio no qual ela foi cobrada pelos membros da Igreja.

Tem muita gente aqui na Igreja que não aceita, entendeu, o fato de você usar biquíni. Uma vez eu coloquei uma foto minha com as minhas amigas no orkut e a gente tava na praia de biquíni. Você acredita que eu tive que tirar a foto do orkut! Agora me diz uma coisa, porque esta pessoa foi xeretar onde não devia? Para mim ela pecou mais do que eu quando foi xeretar na minha vida (Entrevista, Telma).

Se levarmos em conta estes costumes da Igreja, podemos perceber que os gestos destas meninas são vigiados a todo o momento. A educação destes corpos aos moldes da Igreja deve-se à aceitação ou não de tudo que lhes é imposto. Os gestos que compõem a cultura de movimento de Telma, Taís e até de Letícia são diferentes dos de Bruna e de Paula, isto ocorre devido a diferença no trato de seus corpos no decorrer do processo de educação a que foram submetidas. Como a própria Taís disse: *tudo é uma consequência, a gente se acostuma a fazer umas coisas diferente dos outros*. Aos risos ela me contou sobre um episódio ocorrido:

Do jeito que eu rezo na Igreja eu também rezo em casa. Eu tenho costume de sempre abaixar minha cabeça antes de começar a comer, e eu ponho minha mão nos olhos e rezo, é um gesto que eu faço todos os dias. Eu fui dormir na minha amiga um dia, e eles não são crentes, aliás eles não são de nenhuma religião, e aí na hora da janta, antes de comer eu abaixei a cabeça e comeci a orar, e fiquei orando, e quando eu ergui a cabeça, todo mundo na mesa tava olhando para mim (risos). Aí eu expliquei que estava agradecendo a comida para que nunca falte. Nossa, todo mundo ficou admirado. Mas sei lá, eu até esqueço as vezes que estou na casa dos outros, já é automático, antes de comer eu já vou fazendo assim e rezando (Entrevista, Taís).

O que Taís quis dizer é que propagamos alguns gestos automaticamente. Nossas gestualidades mais simples e comuns são dotadas de significados culturais. O simples ato de se sentar de uma maneira específica, por exemplo, possui significados mais profundos do que o gesto em si pode demonstrar. Afinal, as coisas não são somente aquilo que vemos mas também aquilo que não vemos, ou seja, aquilo que está por trás de um gesto ou de um comportamento. O modo como você corre, por exemplo, é fruto de uma história de vida que foi construída em sua participação nos diversos grupos sociais e nos diversos contatos com as pessoas. Um bom exemplo desta construção social do corpo pode ser observado em Letícia.

O fato de Letícia sentir vontade de ir ao “forró” com o seu pai possivelmente tem um significado diferente do dado por Telma ao ato de dançar. O ato de dançar para Telma tem um significado pejorativo. Telma afirma não dançar porque não gosta. Ela não teve em seu processo de educação nenhum contato com a dança, inclusive ela concorda com a Igreja ao considerar a dança como algo do demônio. Já Letícia, que cresceu com seu pai dançando forró e admira-o por isso, confere à dança um sentido especial. *Não adianta minha mãe dizer que isso é pecado, eu gosto de dançar, não estou fazendo mal para ninguém. Quer dizer então que Deus acha pecado as pessoas se divertirem?* (Entrevista, Letícia) Letícia não admite ter que deixar de lado algo que a faça se sentir tão bem.

Telma, por sua vez, acha um absurdo sua irmã Taís também gostar de dançar. Indignada, ela me disse: *Minha irmã vive dançando, o pior é que ela gosta de funk. Minha mãe fica bem louca quando ela liga um CD destas coisas.* Ou seja, por mais que a mãe reclame da música, ela é permissiva com a filha, o que faz com que Taís tenha uma intimidade com a dança que aparentemente as outras meninas estudadas não têm, com exceção de Letícia que também dança.

A dança é considerada como algo que desagrada a Deus pelo fato de chamar a atenção das outras pessoas para o corpo da pessoa que está dançando. Segundo o Pastor, isto implica na atenção masculina ao corpo da mulher e vice-versa, o tipo de coisa que a Igreja procura evitar, pois a atenção direcionada ao corpo provoca o aumento nos desejos pecaminosos. A partir do momento em que a mulher se vê sendo admirada e desejada pelo homem, ela pode cair em tentação e, tendo em vista que, na opinião do Pastor, a mulher é mais propensa ao pecado do que o homem, isto deve ser evitado. Minha dúvida é: qual é realmente a maior preocupação dos líderes da Igreja? Será o medo que a mulher caia em tentação ou que ela provoque a tentação

no homem? Afinal, o homem é a “obra prima” da criação de Deus, portanto, sua preservação é necessária. Mas para que o homem seja protegido é necessário, antes de tudo, preservar a mulher, pois é ela quem provoca a sua queda. De qualquer forma, a desculpa da “carne é fraca” é levada em conta com muita seriedade pela Igreja.

As meninas estudadas parecem já ter interiorizadas estas questões. Um exemplo disto é a fala de Paula: *Eu acho que a gente aprende as coisas diferentes sim, porque o menino pode namorar, a gente não. É que as meninas, elas caem mais facilmente na tentação dos meninos.* Esta fala, talvez nem reflita uma visão incorporada por Paula sobre a mulher, mas uma reprodução do discurso feito por seus pais em todo o processo de educação que recebeu. O maior problema deste discurso reproduzido pela Igreja não é nem o fato de as pessoas acharem que os homens pecam menos, mas acharem que o pecado do homem não causa tanto espanto e escândalo nos colegas quanto o pecado da mulher. Este é um tipo de visão preconceituosa que deixa transparecer uma preocupação maior em vigiar o corpo feminino. Letícia ilustra esta idéia quando diz: *Se por acaso o menino cai na tentação da menina, não tem problema. Isto não é pecado porque ele é homem. Lógico que ele tem que assumir a menina, e tal. Mas se a gente cair em tentação, mesmo que o menino assuma a gente é pecado.* Complementar a esta idéia, Paula reclama que o menino pode usar a roupa que quiser em qualquer lugar. *Os meninos não têm que ficar se cuidando até para se mexer. Deles ninguém fica falando, já a gente, nossa, todo mundo comenta tudo o que você fizer.* Ao passo que minha intimidade com as meninas se estreitava foi possível perceber, por exemplo, que Paula, apesar de ter sido educada de forma mais rígida e demonstrar comportamentos mais conservadores, possui certa percepção sobre o fato de o corpo feminino ser mais tolhido e vigiado.

Os exemplos citados são bons demonstradores da forma como as técnicas corporais vão se propagando ao longo do tempo. Isto acontece até que um grupo de pessoas comece a modificá-las e transmiti-las aos outros de formas diferentes. E assim, como acredita Mauss (2003), a tradição se responsabiliza pela transmissão dos gestos e dos símbolos que os diversos corpos reservam para a sociedade. No entanto, compreender o porquê de algumas técnicas corporais perdurarem por longos períodos de tempo na sociedade é um empreendimento difícil e sem uma resposta pronta e fechada. Após minhas participações na Igreja, tenho algumas percepções a cerca da permanência de alguns comportamentos e regras na Igreja e também sobre a transformação e o abandono de outras.

4.2.1 A diversidade das técnicas corporais entre as meninas de um mesmo grupo

Se todas as meninas da Igreja estudada recebem a mesma educação no ambiente religioso, então por que elas se comportam de formas tão distintas? A resposta “verdadeira” sobre esta questão não é possível, mas podemos inferir algumas respostas que nos elucidem quanto ao que faz com que a educação das meninas estudadas ocorra da forma como ocorre. As diferenças existentes entre as cinco meninas provavelmente são frutos de diversas situações. Uma delas, a qual suponho que talvez seja a mais coerente, é o exemplo que cada uma delas tem do papel da mãe, refiro-me não somente ao modo como a mãe de cada uma delas cobra os comportamentos, mas também o modo como a própria mãe se comporta diante delas. É possível perceber que a mãe das irmãs Telma e Taís já abandonou alguns costumes antigos e os poucos que ainda conserva não são devido à crença absoluta que mantém neles. Aliás, muitas pessoas seguem os costumes com o intuito de não causar espanto em outros membros da Igreja. Ou, às vezes, por puro comodismo à situação em que se encontram. Aqueles que interrogam a si mesmos sobre o porquê de certos costumes, muitas vezes os abandonam ou acabam por cumpri-los apenas para satisfazer os olhos dos outros. Como é o caso da mãe de Telma e Taís.

Minha mãe já me disse que segue os costumes, e nem segue tanto assim, porque ela corta o cabelo e usa jóias. Mas ela vem de saia, só para não provocar escândalo e encrenca, mas ela mesma já me confessou que acha que isso não tem nada a ver. Ela usava saia em todo lugar, era uma crentinha mesmo, mas daí ela mudou sabe, agora ela põe calça de vez em quando. Então acho que tem que ser assim mesmo, sabe tá na hora de se desprender dessas manias ridículas, tem que fazer o que se sente bem fazendo (Entrevista, Telma).

É muito provável que este comportamento da mãe de Telma e Taís tenha levado as meninas a serem educadas com mais liberdade. O que faz com que elas tenham mais coragem até para falar e brigar pelo que pensam. Isto pode ser definido com o que Mauss (2003) chamou de “imitação prestigiosa”. Ou seja, as filhas imitam o comportamento da mãe pois a consideram um exemplo a ser seguido. O mesmo não acontece com as outras três meninas, que vêem em suas mães o símbolo do conservadorismo que, no fundo, não desejavam para elas mesmas. Letícia se pauta mais no comportamento do pai do que no da mãe. As outras duas meninas, Bruna e Paula, talvez não imitem os gestos e comportamentos de suas mães porque admiram isso nela mas, possivelmente, porque são cobradas a se comportarem da mesma forma que elas. A não

submissão de Telma e Taís faz com que seus pais as cobrem de forma mais sutil, pois uma “guerra” travada com as filhas poderia, ao invés de fazê-las obedecer, afastá-las da Igreja. Isto está claro na fala de Telma:

Sabe, a minha mãe não pega muito no meu pé, tinha uma época que eu nem queria vir para a Igreja, então acho que por isso ela não me cobra muito. Só que aí eu comecei a passar por uns problemas e aí eu falei, bom, já que estou aqui vou me apegar então. Aí, beleza! Agora eu venho porque gosto e porque quero. Mas quando eu não quero vir eu não venho (Entrevista, Telma).

Letícia se aproxima um pouco mais das duas irmãs acima, no sentido de ter mais liberdade, mas isto acontece porque ela tem o aval do pai e, mesmo assim, não tem o costume de discutir com a mãe. Ao contrário das outras meninas, Bruna e Paula são rigidamente cobradas e vigiadas pelos pais. Pelo que Bruna conta, mesmo seu pai não sendo evangélico, ele adere às opiniões da esposa e exige isso da filha. Bruna e Paula afirmam nunca terem brigado com os pais. Elas não são geniosas e se submetem tranqüilamente às exigências impostas. Ambas contaram que os pais são muito severos com relação aos costumes da Igreja. Bruna acha que não adianta se revoltar, porque ela acredita que se abandonar Jesus ele também irá abandoná-la.

Paula reclama ao falar que outras religiões não são deste jeito, diz ela: *As minhas amigas vão para a Igreja também. Só que para outras Igrejas, elas vão na católica. Daí as mães delas são mais liberais com elas, entendeu? A minha mãe não é.*

Letícia vive o “meio termo” desta situação. Sua mãe é conservadora como a mãe de Bruna e de Paula, mas a maneira como isto repercute na educação da filha é diferente. Deve ser levado em conta o fato de seu marido não ser evangélico e por isso não concordar com as mesmas coisas que ela. A oposição entre o casal é evidente e, segundo a própria Letícia, isso causa certa confusão em sua educação. *Minha mãe diz que uma coisa é pecado, meu pai diz que não é. Eu já senti várias vezes vontade de largar a Igreja. Porque todo mundo dança, todo mundo pode sair e eu não, tenho que estar sempre na Igreja, sabe, aí eu enjôo. Às vezes você pára e pensa, sabe?(Entrevista, Letícia).*

Apesar das dúvidas que perpassam a cabeça de Letícia, ela acredita nas coisas que sua mãe fala sobre a necessidade da Igreja:

A minha mãe, ela me incentiva muito a não sair. Ela fala do ensino que Deus deixou para a gente, ela fala assim, no dia que você for “arrebatada”³⁷, você vai para onde, Letícia? Daí eu paro e penso, sabe? Minha mãe me incentiva bastante. Ela fala assim, seu pai te diz isso porque ele não conhece Deus, mas a hora que ele conhecer você acha que ele vai ser assim? (Entrevista, Letícia).

A mãe de Letícia convence a filha quando a deixa com medo do que pode acontecer. Isto funciona mais como uma espécie de coação do que propriamente um incentivo, como afirma Letícia. Neste sentido, entendo que estes podem ser alguns motivos para que, mais tarde, quando elas forem adultas, as meninas abandonem os hábitos de hoje e talvez até a Igreja. Mas, por enquanto, elas demonstram estar convencidas, talvez pelo medo, de que o melhor caminho é se adequar à Igreja de alguma forma, mesmo que na forma “rebelde” de Telma. Ela e sua irmã Taís, mesmo não concordando com diversas coisas, estão certas de que a religião é necessária.

Tudo bem que pode até ser mais fácil quando a gente tá andando, pegar outro caminho. Mas este caminho não vai chegar no lugar certo. A minha mãe fala que ela nunca obrigou a gente a ser evangélica. Ela fazia isto quando a gente era pequena, porque ela tinha que educar a gente. Ela fala assim, que se os pais não fizerem isso, enquanto os filhos são pequenos, depois eles não conseguem mais trazer a gente para o caminho certo, aí o mundo já levou a gente. Antes, a minha mãe ia acordar eu e minha irmã e a gente não gostava de levantar. Ela obrigava do mesmo jeito a vir na Escola Dominical. Hoje a gente já vem por livre e espontânea vontade (Entrevista, Taís).

A partir destas colocações das meninas a respeito da Igreja e de suas relações com a questão da obediência aos pais, como esta exemplificada acima, compreendi que o modo de ser das meninas reflete um pouco o modo de ser de suas mães. O fato é que o próprio modo de ser de suas mães está relacionado com outra questão que não somente a crença nos princípios da Igreja. Estou me referindo à condição financeira da família de cada menina estudada. Os pais de Telma e Taís são mais liberais e são também mais favorecidos economicamente. A mãe de Letícia é relativamente liberal, no entanto tem uma situação econômica um pouco inferior, além de receber interferências do marido na hora de educar a filha. Os pais de Bruna e Paula, por sua vez, levam uma vida extremamente modesta, pois ambas as famílias são economicamente desfavorecidas.

³⁷ Termo utilizado pelos membros da Igreja para se referir à hora da morte.

O que quero dizer com isso é justamente que a posse do dinheiro influencia o modo de vida das pessoas e suas relações com o corpo. Suponho que seja difícil convencer a família de Telma e Taís de que eles não devem ter luxos ou vaidades, ou de que eles devem se privar dos bens materiais porque isso é pecado. Isto porque eles estão muito próximos destas ostentações forjadas pela sociedade as quais estimulam as pessoas que têm dinheiro a viver dentro de certos padrões. Já a vida modesta da família de Bruna e Paula, a única possibilitada pela condição financeira de que desfrutam, levam-nas a aceitar a situação de abdicar de certas coisas e, inclusive, a acreditar que “as coisas são como são” porque Deus quis assim. Como afirma Mariano (1999), é mais fácil convencer uma pessoa que não tem condição financeira para usufruir de certas coisas a abdicar delas do que pedir para que pessoas que levam uma vida cheia de “prazeres” que o dinheiro proporciona a abdicarem destas coisas. Dito de outra forma, é muito mais fácil se contentar com uma vida simples quando já não se tem nada de supérfluo.

Difícil parece ser para a Igreja estudada se decidir sobre qual público vai abarcar, se os da classe econômica alta ou da classe econômica baixa. No momento, a Igreja estudada ainda possui uma maioria de indivíduos desfavorecidos, mas os poucos que têm mais dinheiro já não se contentam em seguir os costumes de forma tão rígida. Acredito que com todas as mudanças ocorridas ao longo do tempo, com a facilidade que algumas igrejas (neopentecostais) têm oferecido aos fiéis, relaxando o cumprimento de regras e costumes “antigos” e, ainda, com o aumento do número de pessoas economicamente favorecidas que estão freqüentando a Igreja estudada, a situação tenderá a se inverter. Penso que esta liberdade, possível apenas aos bem sucedidos, o conservadorismo e, principalmente, a simplicidade, da qual os menos favorecidos são reféns não há de persistir por muito tempo. Ou a Igreja abdica dos usos e costumes facilitando a freqüência dos mais abastados, ou, aos poucos, estes se afastarão da Igreja procurando outras mais liberais.

A exemplo destas mudanças no interior da Igreja, cito justamente a família de Telma e de Taís. Ao longo de minhas participações na Educação Dominical, descobri que a família delas nem sempre foi rica e que passaram por uma transição financeira na época em que Telma tinha mais ou menos nove anos. A partir das entrevistas com as duas irmãs entendi que a família toda cumpria as normas da Igreja sem contestá-las enquanto sofria dificuldades financeiras. Mas a partir da época em que eles conseguiram ascender social e economicamente, eles foram se modificando e deixando de lado os velhos usos e costumes tradicionais da

Assembléia de Deus. A mãe, como já disse anteriormente, ainda utiliza saias longas mas não deixa de usar vários adornos. As filhas adolescentes não usam saias, usam muitos adornos, esmalte e maquiagem. Em meio aos outros fiéis da igreja, que são em sua maioria conservadores dos costumes, sem dúvida esta família se destaca.

Considerando o que observei até agora e a constatação de que a experiência religiosa influencia na educação corporal, percebo que no corpo feminino das meninas da Assembléia de Deus as características são facilmente perceptíveis. Utilizar o corpo somente para as coisas que agradam a Deus é o mesmo que avançar em direção ao “paraíso”. Isto demonstra que o corpo se configura como o principal objeto de representação nas religiões atuais.

Se a proximidade com a religião afasta o homem do pecado - e é justamente este o seu objetivo -, podemos entender que quanto mais ele permanecer na Igreja e no convívio das pessoas que a freqüentam, cada vez mais ele será levado para longe dos comportamentos que desagradam a Deus e que são comuns aos indivíduos não religiosos de nossa sociedade. Nesta gama de comportamentos pecaminosos que os fiéis acreditam estar distantes, existem inúmeros deles que dizem respeito às práticas corporais. A Educação Física é um bom exemplo disto. Inserida na vida das alunas que pertencem à crença religiosa estudada pois é uma disciplina que compõe o currículo escolar obrigatório, ela está presente em seus cotidianos mesmo que algumas de suas atividades sejam consideradas profanas. Não que a aula de Educação Física em si seja considerada profana. Mas algumas atividades trabalhadas em aula não são “bem vistas” pelo grupo religioso, o que pode afastar as meninas evangélicas desta prática.

É assim que o corpo do homem religioso abandona certos comportamentos para viver de forma diferente. As técnicas corporais se modificam, acompanhando as mudanças em sua crença e em seu modo de ver o mundo. Um homem que se sacrifica para se manter perto do sagrado começa a ver na sociedade comportamentos inaceitáveis para o seu deus. Isto pode fazer, ocasionalmente, com que ele se distancie de alguns grupos para se agrupar a outros que pensam e agem de forma mais parecida com a dele. É por isso que em algumas crenças mais radicais é possível perceber certa padronização de comportamentos e de técnicas corporais. Ou seja, os gestos dos indivíduos se tornam comuns aos gestos de todos os indivíduos que compõem aquela sociedade. A partir daí podemos observar diversos casos (muitos já citados no corpo do texto) nos quais a crença numa determinada religião influencia e, por vezes, determina os gestos do fiel.

Apesar de, num primeiro momento, ver a saia como principal limitante dos gestos das meninas evangélicas, pude perceber que não só ela, mas a educação em geral que a Igreja estudada oferece às crianças e jovens quanto aos usos do corpo influencia as técnicas corporais (principalmente das meninas) também nas aulas de Educação Física.

4.3- A EDUCAÇÃO RELIGIOSA E SUAS IMPLICAÇÕES PARA A ESCOLA E PARA A AULA DE EDUCAÇÃO FÍSICA

“Da religião à ciência, passando por diferentes disciplinas e pedagogias, a vontade de manter o próprio corpo sob controle, se possível desvendando-o exaustivamente, caracteriza a história de numerosas culturas” (SANT’ANNA, 2006, p.4). Segundo a autora, são diversas as ambições de governar o corpo conforme interesses pessoais ou coletivos, como é o caso de um grupo religioso, por exemplo, o grupo estudado que, seguindo tendências de uma inspiração cristã, “expressam uma vontade de manter o corpo submetido às regras morais ou à ordem considerada natural e cosmológica” (Idem, p.5). Este tipo de pensamento, que tem como base a subordinação dos corpos às regras estabelecidas, enquadra-se numa das duas tendências citadas pela autora ao falar sobre a maneira de se tratar os corpos ao longo da história.

A segunda tendência apresentada por Sant’Anna, relativa à contemporaneidade, é aquela que pretende controlar os corpos liberando-os cada vez mais de suas origens culturais, morais, religiosas e genéticas. A Educação Física, ao longo da história, aproxima-se desta segunda tendência, enfatizando a necessidade de transformar e educar os corpos para que estes se tornem fortes e saudáveis. O objetivo da Educação Física, ao longo da história, esteve sempre ligado ao objetivo de transformar os corpos, de modelá-los e de torná-los, de certa forma, utilitários. Úteis de acordo com o objetivo que a área tinha em cada época, perpassando pelos modelos tecnicista, higienista e militarista que estão presentes na história da disciplina. Mas, independente da vertente, os modelos que marcam a história da Educação Física sempre expressaram o desejo de transformação dos corpos para algo considerado como melhor pelos profissionais da área. Objetivo este, oposto ao da tendência cristã, que sempre foi o de manter o corpo submetido à ordem natural.

Já vimos que o corpo do indivíduo evangélico é responsável por sua interconexão com Deus, ou seja, o corpo é a matéria utilizada pelo fiel para se ligar ao mundo religioso. Acontece que o mesmo corpo responsável por esta “conexão divina” é também o responsável por outras diversas conexões, entre elas, a conexão com a cultura escolar e, principalmente, com a cultura de movimento³⁸ que tematiza a aula de Educação Física. Esta multiplicidade de ligações ou interconexões do sujeito-corpo com as diversas culturas faz com que as gestualidades sejam o resultado da combinação e, conseqüentemente, da materialização de todas elas. Neste sentido, temos um corpo que simboliza, através de sua materialidade, os diversos símbolos que a vida legou a cada um de nós. “Sua materialidade concentra e expõe códigos, práticas, instrumentos, repressões e liberdades” (SOARES, 2006, p.109). Diante de todos estes valores que o corpo é capaz de demonstrar em sua materialidade, estão incorporadas técnicas corporais norteadas e, muitas vezes, delimitadas por uma forma de educação rígida, a qual impõe normas e regras de comportamento aos indivíduos.

Soares (2006, p.110) diz que o corpo é sempre submetido a normas que o transformam. Sendo assim, “os corpos são educados por toda a realidade que os circunda, por todas as coisas com as quais convivem, pelas relações que estabelecem em espaços definidos e delimitados por atos de conhecimento”. Citando Vigarrello, Soares (2006, p.111) nos aponta que o corpo circunscreve um retrato da sociedade e revela, assim, todos os limites sociais e psicológicos que são impostos a sua conduta. O corpo permite a compreensão da dinâmica de elaboração dos códigos e pedagogias que servem justamente para submetê-lo à ordem.

Sendo assim, compreendendo a dinâmica que rege a educação religiosa das meninas estudadas, podemos compreender o tipo de ordem a que foram submetidas e de que forma internalizaram isto em suas condutas e técnicas corporais do dia-a-dia. Mais do que isso, podemos compreender como e porque isto se torna observável numa aula de Educação Física.

4.3.1- A convivência com o grupo escolar

Na verdade acho que a minha escola é muito conservadora. Porque lá também tem um monte de coisa que não pode, um monte de proibição, tipo assim, não pode usar brinco, esmalte, cabelo pintado sabe, não pode. Depende da roupa

³⁸ Os termos “cultura de movimento”, “cultura corporal” e ainda “cultura corporal do movimento” são utilizados por diversos autores da área da Educação Física para se reportar aos conteúdos e ao objetivo da disciplina. Neste texto utilizo o termo “cultura de movimento”.

também não pode, mas é mais pelo respeito mesmo, pela religião e tal. Mas assim, proibições básicas, nada que seja tão chato que vá fazer você dizer: nossa, não quero ficar nesta escola (Entrevista, Telma).

Telma estuda numa escola confessional³⁹, no município de Paulínia, que abriga alunos que receberão uma educação religiosa paralela à Educação Básica. São famílias evangélicas das diversas denominações e, inclusive, famílias católicas que desejam que seus filhos sejam educados conhecendo os princípios morais e os valores religiosos. Telma, que está na 1ª série do Ensino Médio, diz gostar da escola, mas acha que existem muitas regras a serem cumpridas que nas outras escolas não têm. Telma conta que quando sua mãe foi matriculá-la neste colégio ela disse indignada: *Nossa, agora até em escola de igreja eu tenho que ir? O que mais vão inventar?* Telma não queria ir para aquela escola, pois suas amigas não iriam para lá. Mas sua mãe, para tentar convencê-la, respondeu que aquela escola tinha sido formada por alguns pais que receberam a intuição de Deus para não permitirem que seus filhos estudassem junto com crianças que não eram religiosas. Telma diz que, apesar de no início não querer estudar lá, agora ela acha muito bom, pois, segundo ela, a escola oferece apoio aos alunos em diversos sentidos, diz ela:

Além da parte intelectual tem a parte espiritual. Porque todo dia tem oração, você faz pedidos, agradecimentos, é muito legal. E cuida da saúde também, isso a minha mãe acha bom, mas eu acho essa parte um saco, porque não tem refrigerante, sabe, não tem hambúrguer, nem fritura, sabe? (Entrevista, Telma).

Taís, a irmã de Telma, estuda num colégio particular no Município de Valinhos e está na 7ª série do Ensino Fundamental. Taís diz gostar bastante da escola, mas possivelmente quando for cursar o Ensino Médio irá para o mesmo colégio que a irmã. Percebi que Taís, por conta da criação e da classe social a qual pertence, tem a possibilidade de estudar numa escola particular moderna e com muitos recursos pedagógicos, humanos, físicos e tecnológicos. A escola de Taís é bem diferente das escolas de Letícia, Bruna e Paula, que são escolas da rede pública de ensino. O estilo de vida que suas colegas levam deve tornar ainda mais difícil a possibilidade de Taís se vestir e se caracterizar como uma “típica crente”. Taís comentou que a

³⁹ As escolas confessionais foram reconhecidas e garantidas desde a promulgação da primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, de 1961. São escolas que oferecem, além do currículo convencional, a formação religiosa, possibilitando aos pais optarem pela escola que atenda aos valores religiosos escolhidos, em contrapartida ao ensino das escolas laicas (EDUCAÇÃO, 2007)

diferença entre a sua escola e a da irmã é que, na dela, aceitam crianças independente da religião. Mas ela afirma que todos os colegas se respeitam pois sabem que para Deus o que importa não é *placa de Igreja*⁴⁰ e, sim, o modo como cada um se comporta.

Letícia está na 7ª série do Ensino Fundamental de uma Escola Estadual localizada perto da Igreja, que funciona em tempo integral, ou seja, ela passa a manhã e a tarde toda na escola. *Eu passo a semana inteira só na escola, e aí, no fim de semana, quando quero sair para outros lugares eu tenho que vir na Igreja*, diz Letícia insatisfeita.

Paula estuda na 6ª série do Ensino Fundamental, na mesma escola de Letícia e, assim como ela, passa o dia inteiro lá. Ela diz que chega cansada da escola e, mesmo assim, tem que ficar cuidando dos irmãos enquanto a mãe vai para a escola na qual trabalha como secretária no período da noite.

Bruna está na 4ª série do Ensino Fundamental de outra Escola Estadual do Município de Campinas. Ela diz que não gosta da escola por causa das professoras e também por causa de alguns meninos que estudam em sua sala.

As diferenças entre as escolas das meninas são marcantes. Uma das diferenças está na divisão das turmas por sexo para a prática da Educação Física. As únicas escolas que dividem os meninos das meninas para a aula de Educação Física são as escolas das duas irmãs: Telma e Taís. Além desta diferença, há aquelas referentes ao poder econômico que a escola detém e, conseqüentemente, o poder econômico dos alunos. Não é de se estranhar a desigualdade entre as escolas quando comparamos a pública com a particular. Tudo indica que a própria condição em que ocorre a aula de Educação Física está relacionada com a situação financeira da escola. Numa escola como a de Taís, por exemplo, onde as crianças têm piscina, quadras poliesportivas, campo de futebol e pista de atletismo, sem contar o número de materiais didático-pedagógicos, a qualidade de uma aula de Educação Física poderia ser maior, vista por alguns aspectos. Mas, como sabemos que somente os recursos materiais não garantem uma boa aula se não forem unidos à boa vontade dos alunos e à dedicação do professor, percebemos que as duas escolas particulares, mesmo desfrutando de tantos recursos físicos, deixam a desejar em diversos aspectos como, por exemplo, na divisão das turmas por sexo.

⁴⁰ O termo foi utilizado por Taís para dizer que não importa se uma pessoa pertence à Assembléia de Deus, a uma outra denominação qualquer ou até mesmo a Igreja Católica, pois não é isso que Deus vai ver no momento de decidir quem vai para o “céu”.

4.3.2 - A aula de Educação Física

Eu gosto bastante da Educação Física. Na minha escola tem temporada, tipo assim, temporada de natação, temporada de atletismo. Eu sempre faço aula extra de atletismo, para treinar para competir (Entrevista, Taís).

Taís afirma adorar as aulas de Educação Física. Ela é atleta de salto em altura e diz que se sente bem em ser “boa” nesta modalidade⁴¹. Seu colégio é privilegiado com relação às instalações de Educação Física⁴², possuindo mais do que uma quadra esportiva, piscina, quadra de tênis, pista de atletismo, além de muitos materiais como bolas, colchonetes, raquetes, redes, halteres, etc.. Taís contou que tem dois professores de Educação Física, um professor e uma professora, disse que eles se revezam dependendo do conteúdo da aula. As aulas são montadas em circuitos, que são compostos de 6 aulas para cada modalidade ou conteúdo. A cada circuito muda-se o professor. Pelo depoimento de Taís, a escola, além das aulas que compõem o currículo básico, oferece também o treinamento esportivo para os alunos que se destacam em certas atividades e competem pelo colégio. A partir da modalidade em que cada um se destaca, iniciam-se os treinamentos e os alunos se preparam para participar de jogos e campeonatos em nível nacional. Naquele momento Taís se preparava para competir na modalidade salto em altura, a competição aconteceria na cidade de São Paulo e reuniria alunos de todo o país. Ficou claro que ela não sente qualquer constrangimento em se movimentar nas aulas de Educação Física até porque a educação corporal que prevaleceu na vida de Taís não foi a da Igreja. Desde pequena ela não carrega consigo os usos e costumes que me chamaram a atenção em meninas evangélicas.

Assim como Taís, Letícia também adora as aulas de Educação Física. Letícia afirma gostar, principalmente, das aulas que têm como conteúdo a ginástica, não a ginástica artística e rítmica, mas um modelo de ginástica trabalhado nas academias. *Eu adoro a Educação Física, porque o corpo da gente cansa nas outras aulas e a Educação Física relaxa a gente (Entrevista Letícia).* Na escola de Letícia existem duas professoras de Educação Física, das quais

⁴¹ Gostaria de lembrar o leitor que foi justamente numa aula na qual eu trabalhava o salto em altura que me surgiram as primeiras inquietações quanto ao tema desta pesquisa, isto mostra que Taís está distante de ser uma menina seguidora dos costumes da Igreja, de forma rígida, como eram minhas alunas no Paraná.

⁴² Quando digo privilegiado estou me referindo às questões físicas e materiais. Desta forma, gostaria de deixar claro que não faz parte desta pesquisa observar e interpretar a maneira como os professores trabalham nas aulas de Educação Física das meninas.

ela gosta somente de uma, argumentando que a outra só fica olhando os alunos fazerem o que querem.

Telma, por mais que esteja distante dos usos e dos costumes, afirma não gostar muito das aulas de Educação Física. O motivo para isso talvez seja o fato de ela, no início de sua vida escolar, quando teve os primeiros contatos com a área, passar por constrangimentos devido aos costumes evangélicos. *Tinha uma época que a professora de Educação Física de onde eu estudava era avisada que eu não podia fazer algumas coisas, então eu ficava sentada assistindo a aula* (Entrevista, Telma). Telma diz que esta situação mudou rapidamente, mas que talvez isto tenha feito com que ela não sinta vontade e nem prazer em participar das aulas atualmente. Às vezes ela até participa, mas diz que faz isso para brincar e não para competir seriamente como as colegas. *Não que eu não leve a sério, eu gosto de brincar, sabe? Quando eu entro, eu entro para brincar. Não entro para levar a sério e ficar brava porque não sei quem errou, ou porque perdi. Eu levo muito na esportiva. Mas até que eu participo* (Entrevista Telma).

Bruna demonstra uma posição de insatisfação com a escola, principalmente com as aulas e com a professora de Educação Física. Segundo Bruna, sua professora não a respeita e nem respeita sua colega que também é evangélica. Ela me contou que em sua sala tem um menino que também é da Igreja Assembléia de Deus, mas que a professora não o trata da mesma maneira que trata as duas meninas. Bruna disse que: *a professora não pega no pé dele porque ele é menino e também, nem parece que ele é da Assembléia*". Na escola de Bruna, a Educação Física é, na maioria das vezes, "solta", ela contou que os alunos normalmente fazem o que querem e a professora só fica olhando e cuidando para que não ocorram brigas. Nas poucas vezes em que a professora resolve fazer alguma coisa diferente, *ela fica mais chata ainda*, completa Bruna num tom de voz meio frustrado. Apesar da rígida educação que Bruna recebeu, tendo em vista as inúmeras proibições feitas às mulheres, ela gosta de jogar futebol. Ela sabe que "não pode", pois isto é um jogo "de homens", aliás, para os membros da Assembléia estudada o futebol é vedado até aos homens. Sua mãe não aprova, diz que não gosta, mas também não a proíbe.

Paula, que estuda na mesma escola de Letícia e com as mesmas professoras de Educação Física, diz que acha legal algumas atividades da aula, mas não se sente bem fazendo algumas coisas que chamam muito a atenção para o corpo. Ela disse que os meninos da sala ficam provocando as meninas, a todo o momento. Paula diz gostar justamente da professora que

Letícia não gosta. Isto pode ser devido ao fato de que Letícia gosta mais de participar das diversas atividades propostas pela professora e Paula gosta mais de ficar à vontade. A professora que Paula prefere deixa as meninas fazerem o que quiserem e, normalmente, elas optam por jogar vôlei enquanto os meninos jogam futebol. Tudo indica que o fato de Paula ser mais tímida e retraída do que Letícia a faz preferir esta professora, pois a outra trabalha com conteúdos que atraem mais a atenção para o corpo e as meninas fazem os exercícios junto com os meninos.

O que quero dizer com tudo isto é que assim como a religião, já tão comentada ao longo do texto, a Educação Física também influencia na educação dos corpos de seus alunos. Isto significa que as meninas estudadas, além de chegarem à escola carregadas de símbolos religiosos, ainda têm que se adaptar aos ensinamentos escolares. Minha dúvida era como esta adaptação ocorre e se realmente a educação religiosa impressa nos corpos das meninas acarreta dificuldades nesta adaptação escolar. Uma outra possibilidade ainda é a de que não haja esta adaptação de forma satisfatória por conta da rigidez excessiva com que estas meninas foram educadas ou, ainda, por conta da forma de trabalhar do professor de Educação Física.

É preciso dizer que neste momento do estudo, aquela categorização das meninas em três grupos, que exemplifiquei no início do capítulo, não determina em si o gosto delas pela Educação Física, porém está diretamente relacionada a ele. Para lembrar o leitor, volto a mencionar as três categorias citadas anteriormente. Temos, numa primeira categoria, que se referia à relação de não aceitação dos costumes da Igreja, Telma, que é a menina mais “rebelde” do grupo estudado. Numa segunda categoria se encontram Taís e Letícia, que têm uma relação de aceitação parcial dos usos e costumes e, numa terceira e última categoria, temos Bruna e Paula, que são totalmente submissas às “normas” e costumes da Igreja.

Apesar de Telma ter sido criada com mais liberdade, sem tantas normas recaindo sobre o seu corpo, ela não gosta muito de se envolver em diversas atividades relacionadas às práticas corporais. Talvez pelo fato já citado anteriormente, pois durante sua infância Telma frequentou a escola somente de saia e submetida a inúmeras proibições corporais, ela não consiga, mesmo hoje não sendo tão controlada, ter um bom relacionamento com as práticas corporais. Já Taís e Letícia não são “rebeldes” como Telma quanto a alguns usos e costumes, mas se sentem “à vontade” com relação às práticas corporais, afinal, seus corpos não se encontram dentro do padrão “crente” de ser, talvez por isso adorem participar das aulas. Bruna e Paula, por sua vez, até gostam de algumas atividades, mas sentem dificuldades com relação às práticas

corporais. Pode-se dizer que estabeleceram um sentimento, no mínimo incômodo, com relação ao uso de seus corpos. Com isso me dei conta do quanto Paula e Bruna eram parecidas com as minhas alunas do interior do Paraná. Percebi rapidamente como as suas relações com o corpo e com a Educação Física eram diferentes da relação que Taís, Telma e Letícia tinham com os mesmos. Bruna e Paula são meninas que freqüentam a escola vestindo saia e só a tiram no exato momento em que vão participar da aula de Educação Física. Penso que esta transição rápida, da saia para a calça, não dá tempo a elas de se adaptarem e se sentirem bem para a prática dos conteúdos da aula. É como se fosse uma “violência” contra o próprio corpo delas. Bruna reclama dizendo que: *Eu me sinto quase pelada quando coloco calça e saio do banheiro diferente* (Entrevista Bruna). Paula diz que, às vezes, esquece de levar uma calça ou uma bermuda para a escola no dia da Educação Física e por esse motivo não participa da aula naquele dia. Não que, por este motivo ela seja proibida de participar da aula pelas professoras, mas formaram-se códigos implícitos entre elas que asseguram a não participação das meninas nestes dias.

Muitas vezes, o “não gostar” ou o “não levar jeito” para fazer aula de Educação Física não tem relação com a educação religiosa que estas meninas tiveram. Há de se levar em conta o fato de que, muitas vezes, a própria forma como a aula de Educação Física é ministrada desagrade aos alunos, que, por sua vez, tentam encontrar desculpas para não participar da aula. Afinal, não são somente as meninas evangélicas que têm dificuldades ou não gostam das aulas.

A partir destas reflexões, percebo a importância que os gestos têm para os membros da Assembléia de Deus. Restando apenas a dúvida sobre como isto se reflete nas aulas de Educação Física. Coloco a partir daqui algumas falas e acontecimentos contados pelas meninas selecionadas, que dizem respeito à sua visão sobre a educação do corpo e às implicações disto para as aulas de Educação Física. Visto que esta disciplina vê nas técnicas corporais (sejam elas referentes aos jogos, às brincadeiras, às lutas ou às práticas esportivas) a essência de seus conteúdos.

4.3.3 As meninas: visão sobre a escola e a aula de Educação Física

Eu gosto mesmo é de saia, mas quando tem Educação Física aí eu sou obrigada mesmo a ir de calça (Entrevista, Bruna).

Bruna e Paula freqüentam a escola usando saias e afirmam achar estranho ter que colocar calça ou bermuda somente na hora de fazer Educação Física. Bruna não gosta da idéia porque diz preferir a saia. Já Paula acha que deveria ir de calça para a escola em todas as aulas. Paula me contou que, um dia, uma de suas amigas lhe perguntou o porquê de Letícia ir de calça e ela ir de saia para a escola se as duas eram da mesma Igreja. Paula respondeu à menina que a culpa era dos pais dela que a obrigavam a ir para a escola do mesmo jeito que ela ia para a Igreja. Uma mulher evangélica usar calça significa para os membros da Igreja o mesmo que desagradar a Deus, o que, para Paula, tem menos importância do que ela mesma se sentir desagradada por ter que ir à escola sempre de saia. *Não acredito que tenha que me sentir mal para agradar a Deus*, diz Paula insatisfeita.

Paula percebe que por ela estar constantemente usando saia, nos dias em que ela veste bermuda para fazer Educação Física as pessoas, e principalmente os meninos, reparam nela. Paula, que já foi educada para nunca ser o “centro das atenções”, sente-se incomodada com a situação de exposição de um corpo que normalmente está escondido.

Eles me acham diferente quando estou de saia. Por isso eu não gosto quando a professora dá uns exercícios que a gente tem que se abaixar muito ou fazer umas posições assim que os meninos ficam olhando e tirando sarro, sabe? Eu tenho vergonha de erguer muito as pernas, tudo que eu faço os meninos ficam falando besteira, sabe. Por isso que quando eu esqueço de levar o shorts eu nem faço Educação Física (Entrevista, Paula).

Percebo que socialmente alguns destes movimentos realizados nas aulas de Educação Física inspiram brincadeiras voltadas à sexualidade e denotam aquilo que as meninas evangélicas aprendem que deve ser evitado pelas mulheres. Movimentos que evidenciem a sensualidade e que possam provocar tentação ou falta de respeito dos meninos não são bem vistos. O fato de utilizar a “roupa adequada” neste caso não resolve o problema porquê, para Paula, o fato de trocar de roupa é ainda pior do que simplesmente fazer aula de Educação Física usando saia, pois é no momento em que ela troca de roupa e sai do vestiário diferente, chama a atenção dos colegas. Nas séries iniciais de Paula na escola, ela não colocava calça ou bermuda para participar das aulas de Educação Física, ela conta que nem nestas ocasiões seus pais a liberavam, no entanto, suas técnicas corporais já estavam tão habituadas ao uso da saia que isto não a incomodava. Ela conta que, quando não precisava trocar a saia pela bermuda, participava das atividades normalmente e realizava os exercícios da mesma forma que suas amigas.

Ah, eu já fiz Educação Física de saia algumas vezes, eu não achava tão ruim, só não dava para fazer tudo, mas eu sou acostumada a fazer tudo de saia mesmo. Só uma vez, há alguns dias atrás que eu fui pular corda de saia, me senti mal porque a saia ficava erguendo (Entrevista, Paula).

Ou seja, Paula se sentia incomodada por ter seus gestos limitados. A timidez e o medo de que, quando ela saltasse aparecesse sua calcinha, continham os movimentos. Neste sentido, o uso da saia exerce uma espécie de limitação das técnicas corporais destas meninas.

Bruna, por sua vez, culpa a professora por não gostar da aula de Educação Física. Em seu discurso não apareceu nenhuma reclamação sobre os colegas tirarem sarro dela por ser evangélica. O maior problema, segundo ela, é o fato de a professora não respeitar sua religião. Num semblante triste Bruna me contou sobre uma ocasião que a fez sentir raiva da professora.

Uma vez a professora queria que as meninas dançassem a música do Leonardo, e eu disse que não ia dançar porque sabia que aquilo não ia agradar a Deus. Tinha uma amiga minha que era da Congregação⁴³ e que também sabia que aquilo não era legal e que nossa mãe não ia gostar. Daí a nossa professora falou “nossa, mas que religião mais besta”. Aí eu fiquei muito triste, porque assim, ela, ela não é evangélica, ela não sabe as coisas que eu sei (Entrevista, Bruna).

Bruna viu sua cultura (religião) ser desrespeitada neste dia. A professora não se deu conta de que todos os colegas que estavam perto riram de Bruna e de sua amiga, naquele momento. Isto, possivelmente colaborou para que Bruna não se sinta bem em participar das aulas de Educação Física. A atitude do professor frente a estas questões pode, muitas vezes, determinar o gosto pela disciplina. Entendo que o fato de os fiéis das Igrejas Evangélicas possuírem características marcantes, muitas vezes, faz com que os professores se questionem sobre como trabalhar diante desta diferença, sendo por vezes motivo de chacota dos outros colegas, devido às roupas, cabelos e outras características presentes no corpo destas meninas. Por vezes, ainda, isto é motivo de preocupação do professor devido à dificuldade que este tem de trabalhar certos conteúdos nas aulas. Dificuldades estas decorrentes das inúmeras “proibições” que estas crianças

⁴³ A congregação que Bruna se refere é uma denominação evangélica, a qual junto com a Assembléia de Deus estão classificadas como Igrejas pentecostais clássicas. Ambas são as denominações mais conservadoras do Pentecostalismo. Ver cap. 1 deste texto.

recebem de uma educação paralela à escolar, a educação religiosa. Mas isto não justifica a falta de respeito com que a professora de Bruna agiu naquele dia.

Interessante é que Bruna gosta de algumas práticas corporais, só não gosta de praticá-las durante a aula, sob os olhos da professora. Um exemplo citado por ela é com relação ao futebol. Bruna afirma gostar de jogar futebol, mas diz que quase nunca tem a oportunidade. O problema é que durante a aula de Educação Física ela não joga porque a professora não permite que as meninas joguem futebol, a quadra sempre fica com os meninos. E nos outros dias, durante o recreio, por exemplo, ela não pode jogar porque está de saia.

Percebi que os usos e costumes relativos às vestimentas dos membros da Igreja só geram dificuldades e influências nas técnicas corporais de Bruna e Paula. O uso que Letícia faz das vestimentas próprias da Igreja é tão restrito que não chega a comprometer sua participação nas aulas de Educação Física. Taís e Telma sequer usam a saia para ir à Igreja, que dirá então para ir à escola. Aliás, o colégio das duas irmãs é adepto ao uso de uniforme. Mas houve uma época na vida de Telma, o que já comentei ligeiramente em momentos anteriores do texto, que ela era muito diferente do que é hoje. Há alguns anos, quando ela tinha mais ou menos nove ou dez anos, sua mãe era professora da Educação Dominical da turma das crianças, turma da qual Telma e Taís faziam parte. Nesta época, possivelmente por ter que servir de exemplo para os outros, sua mãe era extremamente conservadora e cobrava o cumprimento dos usos e costumes das filhas com a mesma rigidez a que era acostumada a cobrar das outras crianças da turma. Ou seja, até mesmo para ir à escola as duas meninas seguiam os costumes da Igreja. Possivelmente nesta época, suas técnicas corporais eram outras, mas com o passar do tempo e com o abandono dos rígidos costumes seus gestos foram se modificando.

Para Taís, talvez por ser ainda muito pequena na época, os significados que a manutenção da “postura evangélica” tinham não eram negativos como os que Telma atribuía às obrigações sofridas. Taís relembra com tranqüilidade daquele tempo:

Ah, na época eu não via problema, era todo mundo mais criança, tipo na 1ª série nem dá nada você estar de saia, porque a gente nem sabe direito o que o preconceito significa. Eu até me lembro de me tirarem sarro porque eu era “crente”, mas eu nem entendia direito que as pessoas me olhavam e me achavam estranha por causa da saia. Hoje eu sei que se eu fosse para a escola vestida igual às mulheres mais velhas aqui da Igreja se vestem, que é como eu me vestia, eu não iria agüentar, iam pegar muito no meu pé (Entrevista, Taís).

Mas Telma, que já era mais velha e vivendo numa época em que seus colegas entendiam bem o significado que as roupas e inclusive o cabelo dela tinha, faziam de Telma um alvo de brincadeiras de mau gosto. Telma, que já desejava ser igual aos outros, mas não podia, relembra e conta com certa amargura o que acontecia naquela época.

Eu não gostava de ir para a escola. Ficava sempre com uma amiga minha que também era crente e que ia para a escola igual a mim. Sorte nossa que a professora de Educação Física não obrigava a gente a fazer aqueles exercícios, sabe? O problema não era só ter que ir de saia, o problema era que as minhas saias eram muito bregas. Acho que se na época eu tivesse umas saias pelo menos ajeitadinhas, não iam rir tanto, mas nem isso eu tinha. Depois que meu pai e minha mãe começaram a ganhar mais e eu pude ter umas roupas melhores. Mas daí eu já não queria mais usar saia (Entrevista, Telma).

Telma completou dizendo que para ela *era um saco jogar bola de saia*. As amigas dela sempre jogavam melhor do que ela e, além disso, ela vivia com medo que vissem sua calcinha. Telma contou, em tom de brincadeira, que ela estava na época em que a maior diversão dos meninos era conseguir ver a calcinha das meninas. E é claro que eles achavam mais fácil conseguir ver a dela.

O que eu quis demonstrar com estas narrações foi que a roupa supõe e impõe determinados gestos à pessoa que a usa. Na verdade, não só as roupas em si, mas o discurso que acompanha as exigências de costumes e vestimentas e que vem repleto de tabus e proibições influenciam na gestualidade das meninas evangélicas. O discurso é sempre o de que a mulher deve ter pudor, ser modesta, não expor o corpo para não tentar o homem e não desagradar a Deus com as suas atitudes. Um exemplo disto é que a mulher que veste saia não se senta com as pernas afastadas e nem poderia porque a própria saia não permite tal gesto. Mas o significado desta proibição não está simplesmente no “não abrir as pernas” e, sim, no comportamento feminino que não aflore no homem o desejo por ela. Da mesma forma que determinadas roupas não permitem alguns gestos, elas também impedem várias outras técnicas corporais de serem executadas, ênfase aqui aquelas trabalhadas numa aula de Educação Física.

Para Soares (2006, p.111), o gesto contém forças reveladoras que põe em jogo os sentidos de quem o executa e também de quem o observa. Os gestos permitem o reconhecimento de uma pessoa no que diz respeito a suas dimensões morais e psicológicas pois os gestos são signos que revelam linguagens. Linguagens estas que, para a Igreja, quando reveladas expõem não somente o corpo de quem a revelou, mas o que está por trás dele, ou seja,

revela a alma de cada um. O corpo, sendo esta “moldura da alma”, torna-se alvo das diversas formas de educação e cuidados que tentam dar a forma “adequada” a ele. A questão principal a ser pensada é que, na maioria das vezes, a religião tenta moldar o corpo dos fiéis de um jeito, enquanto a escola e a Educação Física tentam moldar de outro jeito. Tanto a escola como a Igreja delimitam espaços, impõem ações, ensinam formas adequadas de se comportar, enfim, ambas têm o objetivo de “formar” os indivíduos que a freqüentam. A contradição está nos princípios utilizados por cada uma que, na maioria das vezes, são divergentes.

Falei até agora sobre como os usos e costumes relativos à vestimenta podem trazer implicações para a aula de Educação Física, mas como não é somente o uso da saia pelas meninas evangélicas que gera tais implicações, percebi que Telma, Taís e Letícia que não usam saia para ir a escola, sentem diferenças em outros aspectos. Aspectos estes que, é claro, também abrangem a relação de Bruna e Paula com a Educação Física.

Dentre estes outros aspectos, cito as proibições da Igreja com relação à música e à dança. Os membros da Igreja estudada não podem ouvir músicas a não ser que sejam as da própria Igreja, ou seja, os hinos contidos na “Harpa Cristã”. Eles também são proibidos de dançar qualquer estilo que seja. Acontece que alguns dos conteúdos da Educação Física são as atividades rítmicas, as brincadeiras de roda, as brincadeiras cantadas e a dança em si. Conteúdos estes, dos quais, supostamente as meninas da Igreja deveriam se manter afastadas. Mas, via de regra, não é o que acontece.

Telma é a única das meninas que afirma não dançar nunca, nem na escola e nem em qualquer outro lugar. O fato de sua escola ser adventista e, principalmente, do professor de Educação Física ser evangélico da Assembléia de Deus, evita que conteúdos com música e danças sejam trabalhados. Além disso, Telma afirma não gostar de dançar de jeito nenhum. No entanto, Telma, mesmo sabendo e concordando parcialmente com a proibição de ouvir música, diz gostar de alguns grupos musicais que escuta de vez em quando.

Quando se trata de música e de dança, não se pode deixar de lado a questão da aula de Educação Física ligar-se, mesmo que informalmente, à realização das Festas Juninas nas escolas, nas quais, normalmente, os professores da área são incumbidos de ensaiar a coreografia com os alunos. Perguntando para Telma se ela participa ou já participou de alguma destas festas, ela me respondeu que não. Disse que quando era pequena a mãe mandava avisar a escola de que ela não poderia participar e ela afirma ter sempre achado isso ótimo, pois sempre teve vergonha

de dançar. Os pais de Telma não só proibiam as filhas de dançar como não permitiam sequer que elas fossem para a festa. Mais tarde, quando sua mãe já não proibia mais as idas às festas juninas (e de que inclusive sua irmã Taís participava), Telma já dispunha de certa autonomia e sempre optava por não dançar. Apesar do olhar crítico com que Telma vê os usos e costumes da Igreja, ela diz concordar com o “perigo” das festas juninas pois sabe que este tipo de festa homenageia outros espíritos. Para completar o assunto sobre dança no dia em que entrevistei Telma, ela disse que *é dura igual uma porta*, que nunca gostou de dançar por que acha que: *isso sim desagrada a Deus, ficar rebolando e mostrando o corpo para todo mundo* (entrevista Telma). Percebo desta forma que Telma, apesar de ter passado por uma transformação e abandonado inúmeros costumes da Igreja com os quais não concordava, carrega em seu corpo as marcas de uma educação restrita e que não permite a ela vivenciar as sensações corporais que a dança e a música podem proporcionar. Telma “se fechou” para este tipo de prática, mas acredita que não foi por causa da religião e sim por não gostar mesmo da dança. No entanto, ao demonstrar sua opinião sobre isso, ela deixa claro, mesmo não percebendo, que os motivos pelos quais ela diz não gostar de dançar estão relacionados à educação moral e religiosa que recebeu na Igreja.

Eu acho errado dançar. Você já imaginou, estar aqui na Igreja dando glória a Deus e aí quando você sai você vai dançar funk, é complicado. É uma dança que não é nem um pouco comportada, sabe? Na verdade eu acho que a gente não deve nem ouvir essas músicas. Claro que tem música que até dá para ouvir, mas as que a minha irmã gosta são horríveis. Nossa, ela gosta bem do que não pode (Entrevista, Telma).

Telma contou que em sua casa um dos maiores problemas que se tem com relação à Igreja e aos seus pais é o fato de sua irmã insistir em ouvir e dançar músicas que não são permitidas. Taís, apesar de ser mais flexível que a irmã com relação a alguns costumes como, por exemplo, o uso de saia, não compartilha da idéia conservadora de sua irmã com relação à dança, portanto, ela não acredita que é pecado dançar e nem ouvir músicas. E para poder fazer o que gosta, segundo conta sua irmã, ela chega até ao ponto de brigar com os pais. Mas não exatamente desta forma que Taís me contou. Provavelmente sentindo vergonha de admitir que gosta de *funk*, apenas comentou, sem entrar em detalhes, que a Igreja proíbe porque esta é uma música/dança que estimula a sexualidade.

Falando diretamente para mim, Taís disse sentir vontade de dançar com as amigas. Insistindo um pouco para ela me contar, ela admitiu dançar e disse ainda que adora quando, na sua escola, a professora faz elas dançarem.

A gente tem pouca aula com a professora, é mais com o professor mesmo. Mas quando a professora dá aula e deixa a gente dançar, as meninas adoram. Mas a gente não dança para a sensualidade sabe? A gente dança mais para brincar, sabe? Mas se elas dançam funk, por exemplo, aí eu não danço (Entrevista, Taís).

Insistindo um pouco mais na conversa, Taís admitiu que não dança *funk* com suas amigas porque não quer que ninguém da Igreja saiba, mas que em casa ela dança pois ninguém vê e o risco de se chegar até os ouvidos do pessoal da Igreja é menor.

Letícia já afirmou dançar até mesmo na escola, pois sua “professora preferida” sempre trabalha com algumas atividades rítmicas e, uma vez por ano, ela reúne os alunos em diversos grupos e passa para cada um a tarefa de montar uma coreografia, ensaiar durante as aulas e, posteriormente, eles apresentam a coreografia ao grupo. Letícia disse que sua mãe não gosta e muitas vezes já brigaram por causa disso. Mas com a ajuda do pai que acha isso muito bom para a filha, ela nunca foi impedida de participar. *Minha mãe me pega no meu pé, não gosta que eu dance. Mas eu acho que isso não é pecado. Na verdade eu queria fazer jazz, nossa, jazz é muito da hora* (Entrevista Letícia). Quando perguntei a ela porque a sua mãe não a deixava fazer aulas de *Jazz*, ela respondeu que existem certas músicas e danças que invocam a presença do Demônio. Letícia complementou dizendo: *Deus deixou escrito isso: você é livre para fazer, mas saiba que é errado. Tudo você pode, mas nem tudo te convém*. Neste momento Letícia citou algumas músicas, que ela soube por algumas pessoas da Igreja, que eram demoníacas. Mesmo sabendo da inconveniência de certas músicas, Letícia disse que gosta do *funk*, ela começou a me contar uma história mas se arrependeu na metade e tentou consertar:

Nossa, quando eu vou para Campo Grande, na casa da minha tia, aí eu danço muito. (nesta hora ela respondeu com empolgação, mas rapidamente se arrependeu e foi logo “consertando” o que disse). Quer dizer, não sempre, mas é que lá na casa da minha tia ninguém é evangélico. Então todo mundo dança. Aí, estas músicas ficam o tempo inteiro na cabeça da gente. A gente acaba dançando. Minha mãe, tipo, eu percebo que ela não gosta, mas ela fala, ah, você que sabe Letícia (Entrevista, Letícia).

Um outro argumento utilizado por Letícia foi o de que “as coisas da Igreja” são diferentes das “coisas da escola”. Ela quis dizer que por mais que certas coisas não sejam bem vistas pela Igreja, na escola ela tem a obrigação de fazer.

Bruna diz que às vezes sente vontade de dançar, mas como ela não leva jeito para isso, ela nem faz questão de brigar com sua mãe por isso. Ela também afirmou não se sentir bem dançando: *na minha escola tem bastante dança, todo dia as minhas amigas dançam, mas assim, eu às vezes fico com vontade de dançar, mas quando eu danço, eu não me sinto bem, porque eu sei que isso não agrada a Deus, daí eu não danço* (Entrevista Bruna). Bruna tem um aspecto muito tímido e talvez por isso ela não se sinta à vontade dançando. Bruna me contou que um dia sua professora tentou obrigá-la a dançar na festa junina, ela contou para sua mãe que foi até a escola e disse para a professora que a filha dela não podia. A partir daquele dia a professora começou a pegar no pé de Bruna em quase todas as aulas por causa de suas restrições religiosas. Parece ter havido aqui uma espécie de incorporação por Bruna do discurso da Igreja sobre o que agrada ou desagrade a Deus, afinal, ela afirma que além de não saber dançar, não se “sente” bem fazendo. O fato dela não dançar bem pode ser devido à falta de “permissão” e de estímulo para isso, o que mostra o quanto um tipo de educação que atua rigidamente sobre o corpo das crianças pode ser repressora de gestos.

Paula afirma sentir muita vontade de dançar, mas nem pensa em fazer isto porque sabe que será castigada por seu pai. Disse que fica muito triste na escola porque suas amigas ficam dançando e ela fica sozinha, tendo apenas que olhar. Em sua casa, sequer existe aparelho de som e CDs. *Eu posso até não dançar, mas me impedir de ouvir as músicas que as minhas amigas ouvem eles não podem*, diz Paula referindo-se à cobrança dos pais. Paula me contou que um dia sua mãe disse a ela em segredo que também não achava errado ouvir alguns tipos de músicas, mas era preciso respeitar a opinião do pai para que não houvesse briga. Quando Paula cogitou a idéia de fazer aula de dança, seu pai, numa tentativa de substituir o desejo da filha por outra atividade, colocou-a nas aulas de violino realizadas na própria Igreja. *Pense que saco, eu queria fazer jazz e tenho que fazer violino porque meu pai acha que dançar é indecente*, diz Paula, indignada com a situação. Na escola, Paula diz que a professora não exige que ela participe das atividades de dança, mas sempre insiste para ver se ela muda de idéia. São conflitos como estes que podem levar alguns jovens a se afastarem da Igreja.

Estes foram alguns exemplos de como as meninas estudadas se relacionam com algumas atividades que estão presentes nos conteúdos da Educação Física e que não são bem vistas pela Igreja. Além destas características escutei muitas outras reclamações que têm relação direta com as técnicas corporais das meninas. Telma reclamou várias vezes de ser muito desengonçada para fazer qualquer prática corporal, alegando que suas amigas sempre se saíram melhor do que ela na prática de jogos e esportes. Bruna, como gosta de jogar futebol, reclamou que a saia atrapalha na hora de chutar a bola e inclusive para correr, dizendo que não conseguia correr na mesma velocidade que os colegas. Já Paula lembrou sua época de infância, de quando ficava no parquinho da escola com as amigas e todas elas brincavam em todos os brinquedos sem nenhuma vergonha, mas ela, como estava de saia, ficava apenas sentada na balança, olhando para as amigas se divertindo no “trepá-trepá”. Paula comentou que às vezes ousava subir, quando não havia meninos por perto. Realmente, o termo ousadia cabe a esta situação, pois estando de saia ela não poderia subir num brinquedo destes sem que os meninos enxergassem “o que não deviam”. Enfim, são várias as situações em que as meninas evangélicas podem se sentir diferentes das outras. Elas se encontram entre dois tipos de educação diferentes, em que os gestos ensinados são distintos. Um exemplo disto é que, independente da Igreja não permitir certas técnicas corporais como, por exemplo, a dança, no momento em que as meninas evangélicas chegam à escola, serão outros valores e outras regras que estarão estabelecidas naquele ambiente. Utilizando-se de outra forma de conhecimento, a escola também estabelecerá e ditará comportamentos a estas meninas. Se para a Igreja é pecado dançar, para a escola, às vezes, é necessário porque faz parte do conteúdo a ser trabalhado. Assim, a escola, utilizando-se de códigos e símbolos, da mesma forma que a religião, diz o que cada aluno deve ou não fazer. Dito de outra forma, tanto a igreja quanto a escola ditam comportamentos aos indivíduos que as frequentam.

Longe de ser somente a instituição religiosa quem organiza e conforma os corpos, a escola também se configura como tal. Como afirma Soares (2006, p.113), a escola, desde a arquitetura, as organizações de tempo e de espaço, é a expressão material da educação do corpo e de uma constituição de ordem. “No espaço escolar, gestos, sentidos também são incorporados. Tornam-se parte dos corpos”. Afinal, a escola é também o lugar onde se aprende a olhar, a ouvir, a falar e a escolher. “Ali, a Educação Física, como conteúdo escolar, conquista lugar privilegiado para ensinar modos de olhar e de preferir” (Idem).

Esta frase de Soares lembrou-me de um dia em que Márcia prevenia as meninas sobre o perigo de se deixar levar pelas paixões da mocidade, as quais, segundo a professora, eram imensamente estimuladas na escola. Márcia dizia para as meninas que elas, como boas seguidoras de Jesus, precisavam se manter longe destes estímulos que acendiam os desejos pecaminosos no corpo das jovens mulheres. Para exemplificar o que estava dizendo, Márcia leu a seguinte frase do livro de evangelização das meninas: *As más conversações corrompem os bons costumes, mas quando você ora, você está em contato com Deus* (O Atleta Cristão, p. 11, 2007). Complementando o ensinamento do livro, Márcia explicou às meninas que esta frase queria dizer que as más companhias nos levam para o mau caminho pois é justamente quando estamos num grupo de amigos que algumas provocações e conversas impróprias surgem. Para Márcia, é nesta hora que corremos o risco de cair em tentação. Neste sentido, percebi que assim como a escola educa modos de agir e de preferir, a Igreja tem a função de buscar educar seus fiéis de modo que estes conceitos sejam revistos e pensados sob outro ângulo, o qual a Igreja toma como correto. Assim, podem e provavelmente ocorrem discrepâncias entre o que estas meninas ouvem num lugar e no outro. Sem dúvida isto gera implicações para a aula de Educação Física, a qual terá que se adequar com a diversidade de corpos e gestos presentes numa aula.

“A Educação Física foi e é compreendida como um importante modelo de educação corporal que integra o discurso do poder” (SOARES, 2006, p.113). Acontece que, mesmo sendo lugar privilegiado para a educação corporal, a Educação Física sempre se debateu com corpos já educados por outros ambientes e instituições. O caso da educação religiosa e, principalmente, o que diz respeito aos evangélicos, talvez já tenha sido mais notável e problemático, visto que há alguns anos as religiões evangélicas eram mais tradicionais e conservadoras. Não só o tempo modifica as coisas, como também o lugar no qual as coisas são observadas. Há pouco tempo e talvez ainda seja assim, na minha cidade de origem, sobre a qual já comentei anteriormente, as alunas que pertenciam às religiões evangélicas iam para as aulas de Educação Física vestidas como tipicamente as “crentes” se vestem. Isso limitava suas práticas em algumas atividades propostas em aula. Aqui, em Campinas, esta tradição está mudando rapidamente e, talvez, daqui a algum tempo não haja meninas indo para a escola usando saias porque a religião as obriga. O fato é que ainda existem algumas e estas encontram dificuldades em participar das aulas de Educação Física.

4.3.4 A aula de Educação Física e as práticas corporais

Assim como a religião influencia na educação do corpo, a Educação Física também o faz. Mas enquanto a religião talvez faça isso de forma dissimulada, escondendo atrás de seus princípios formas de manipular e conduzir os corpos humanos, a Educação Física faz isso de forma sistematizada e “legitimada” pelo currículo escolar. Professores da área vêm, ao longo dos anos, propagando métodos de ensino pautados numa visão biológica de homem. Este tipo de visão sobre a área faz com que alguns professores entendam que o objetivo da Educação Física é atuar na formação de corpos, submetendo-os a um processo de treinamento no qual o objetivo é alcançar o “melhor” em termos de desempenho. Neste sentido, encontramos alguns professores que tentam educar o corpo de seus alunos desconsiderando os fatores sociais e culturais que já estão impressos nos corpos de cada um deles.

Se a Igreja toma o corpo apenas como “a bainha da alma” e acredita poder educá-lo para que este fique longe do pecado e das influências do demônio, a Educação Física, muitas vezes, considera este corpo apenas como um aparato biológico, passível de ser manipulado para alcançar níveis máximos de desenvolvimento. O que estou querendo dizer é que seja qual for o tipo de educação corporal a que uma pessoa esteja submetida (seja ela religiosa, escolar ou qualquer outra), se ela não levar em conta que o homem é um ser cultural e que, portanto, é fruto não somente de um tipo de “pedagogia” mas de várias, estaremos correndo o risco de cairmos numa desconsideração da questão da diversidade humana.

Acreditando que este não é o papel da Educação Física, alguns pesquisadores, que olham para a área pelo viés das Ciências Humanas, procuram pensar sobre a aula considerando a diversidade cultural e, conseqüentemente, a diversidade de significados atribuídos a ela pelos alunos. Neste sentido, o corpo e o uso que se faz dele é uma construção cultural dotada de sentidos e significados.

Penso que a Educação Física tradicional não dá conta de compreender esta diversidade social que gera também a diversidade das técnicas corporais presentes nos alunos. Partindo desta consideração, certos autores da Educação Física, vinculados às Ciências Humanas, iniciaram uma discussão praticamente ignorada pela área, que até então estava voltada somente para os conteúdos vindos da medicina e da educação militarista. Com isso, começa-se a pensar na aula de Educação Física como o lugar privilegiado do “se movimentar”, mas não o se

movimentar com objetivos de treinamento físico, *performance*, desenvolvimento e aprendizagem motora. Começa-se a pensar em “gestos”, ou seja, em movimentos dotados de significados e de sentidos que fazem parte da cultura de movimento de um determinado grupo social. Neste sentido, temos autores como Jocimar Daolio, Valter Bracht, Elenor Kunz, Mauro Betti e outros que entendem a aula de Educação Física a partir do viés das Ciências Humanas. Estudos pautados nestes conceitos dialogam melhor com as questões da diversidade cultural.

Daolio (1995, p.42) fala sobre a importância de todas as práticas institucionais que envolvem o corpo humano serem pensadas num contexto que considere o homem como sujeito da vida social. O autor (2004, p. 2) diz ainda que:

“cultura” é o principal conceito para a educação física, porque todas as manifestações corporais humanas são geradas na dinâmica cultural, desde os primórdios da evolução até hoje, expressando-se diversificadamente e com significados próprios no contexto de grupos culturais específicos”.

A partir destas idéias é possível pensar em “corpo” e em suas inúmeras possibilidades de gestos, partindo do conceito de “técnicas corporais” de Marcel Mauss (2003). Para Mauss, o corpo é o primeiro instrumento do homem, mas ao contrário da compreensão utilitarista que o termo “uso do corpo” possa remeter, o importante no conceito do autor é que estes diferentes usos podem (e devem) ser atribuídos a diferentes significados conforme as sociedades em que estão inseridos. Nesta mesma linha de pensamento podemos pensar sobre questões na própria Educação Física a qual deveria priorizar a tematização de gestos significativos para a cultura do grupo, ao mesmo tempo respeitando as técnicas corporais já presentes nos alunos, que foram aprendidas em outros grupos sociais, ou seja, fora da escola.

Partindo deste princípio é possível compreender as diferentes técnicas corporais presentes nas meninas estudadas. A Educação Física possui objetivos pedagógicos a serem trabalhados durante as aulas. Segundo Daolio (2004), ela é uma disciplina que trabalha com a cultura de movimento, de modo que o que importa não é o rendimento do aluno ou se ele faz melhor o movimento a cada aula e, sim, a participação do aluno, de maneira que ele possa conhecer e fazer uma reflexão crítica da cultura de movimento na contemporaneidade. Neste sentido, vale lembrar que o respeito às práticas corporais desejadas pelos alunos é muito importante. Inclusive aquelas relacionadas às suas crenças religiosas.

Para Bracht (2003, p.45), “o movimentar-se é entendido como forma de comunicação com o mundo que é constituinte e construtora de cultura, mas também possibilitada por ela”. Assim, devemos compreender que os gestos que oportunizam nossa comunicação com o mundo são diversos e advêm de outros tipos de conhecimento que não somente o científico. No caso deste trabalho, refiro-me ao conhecimento religioso. O que Bracht diz possibilita a compreensão de que não devemos pensar a religião como algo ilegítimo ou desprezível em suas relações com a escola, pois o aluno que considera a religião como um importante símbolo em sua vida, não vê nela um tipo de conhecimento menos legítimo que aquele conhecimento sistematizado que o professor detém e “enganosamente” acredita ser o melhor. Entendo que é um engano pensar na religião como algo pertencente simplesmente à esfera mítica e sem ligação com o mundo real. Apesar de algumas coisas e, entre elas as religiões, parecerem pertencer à esfera do imaginário, Mauss e Hubert (2005) já alertavam para o fato de não podermos olhar para o fenômeno com estes olhos pois isso poderia nos levar a pensar o sistema inteiro como apenas um jogo de imagens quando, na verdade, o que temos são realidades verídicas.

Quem não acredita vê nesses ritos nada mais que vãs e custosas ilusões e se espanta de que a humanidade tenha se obstinado em dissipar suas forças em favor de deuses fantasmagóricos. Mas talvez haja aí realidades verídicas às quais se pode associar a instituição em sua integralidade. As noções religiosas, por serem objeto de crença, existem; existem objetivamente, como fatos sociais (MAUSS, HUBERT, 2005, p.107).

Afinal, a religião exprime o real e, mais enganoso ainda, seria pensarmos que o papel do professor seja o de substituir este tipo de conhecimento, supervalorizando aquele que ele detém. O que quero dizer é que as coisas sagradas ou divinas que pertencem à religião são coisas sociais e isto basta para explicá-las. Assim, uma crença é verdadeira simplesmente porque acreditamos nela ou porque fazemos dela algo concreto em nossa vida social. A função social de qualquer religião está nos símbolos sociais que o crente exprime para si mesmo. Da mesma forma penso a Educação Física, pois ela só se torna uma prática social dotada de significados quando seus praticantes atribuem este *status* a ela. Neste sentido, vale levantar a necessidade do respeito às técnicas corporais de todos os alunos, principalmente daqueles alunos que foram educados nos moldes de uma crença religiosa, pois esta, além de muitas vezes simbolizar uma tradição familiar, possui significados reais que dão sentido ao modo que escolhemos de ver o mundo e de reger as nossas ações cotidianas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após escrever e refletir sobre os dados que registrei ao longo da pesquisa, chego na parte final deste texto com alguns pontos que marcaram minha trajetória e que cabem ser ditos para possibilitar a reflexão sobre o tema. Considero importante cada passo da pesquisa, pois um a um, possibilitaram-me formular pressupostos dos quais alguns foram contemplados e outros continuam como um “ponto de interrogação” em minhas reflexões. Se desde o princípio eu percebia que a religião exercia um papel significativo na educação das meninas evangélicas e que seus princípios poderiam atingir-me como professora de Educação Física, não me era claro o fato de que a própria Educação Física, do modo como é comumente trabalhada, poderia atingir meus alunos de forma não agradável. Se eu pensava que a religião poderia ter, em alguns momentos, um significado negativo em relação ao uso do corpo, o que eu não percebia ainda era que a Educação Física também o poderia, apesar deste não ser o seu objetivo.

Sendo assim, continuo a afirmar que a religião educa os corpos dos indivíduos que dela fazem parte, mas agora afirmo isto utilizando outra “lente” para olhar para o fenômeno. Não é a religião em si que educa seus membros, mas o que ela significa para cada um num processo de vida em que os próprios significados se alteram e tomam outros valores com o passar do tempo.

Se partirmos do pressuposto de que toda a convivência com as diversas culturas e os diversos grupos sociais educa os indivíduos, e que a Igreja é só um deles, então concluímos que há uma enorme diversidade de corpos e de gestos presentes na sociedade e, conseqüentemente, na escola. Ou seja, não é somente a religião ou a escola que educam um indivíduo, mas toda a realidade que o cerca.

A escola, por sua vez, exerce um controle extremamente rígido sobre os corpos que nela se fazem presentes. Relembrando Soares (2006), a escola é a expressão material da educação dos corpos. Se na Igreja o corpo deve ser contido, na escola isto não é diferente. É claro que, em meio a tanto tipo de educação a que estamos expostos, temos aqueles jovens que se submetem e temos aqueles que não aceitam as regras colocadas. A aceitação ou não das meninas

evangélicas, por exemplo, quanto ao cumprimento dos usos e costumes da Igreja, também influencia e define as técnicas corporais das mesmas.

Creio que as tentativas de educação e moralização dos corpos dos membros da Assembléia de Deus significam para seus líderes a possibilidade de controle sobre cada fiel. Se imposições não fossem direcionadas ao corpo, não haveria como se ter controle sobre o indivíduo, visto que o que se passa no íntimo (na alma) de cada um é algo que está fora do alcance e, principalmente, fora dos olhos do Pastor. Sendo assim, o controle do corpo do fiel é indissociável do controle geral que os líderes religiosos desejam exercer sobre cada membro de sua Igreja. O fato é que este controle exercido sobre o corpo dos fiéis se propaga além das paredes da Igreja, chegando, inclusive, até a escola, onde as crianças da Igreja, em muitos casos, deixarão evidentes uma educação corporal específica. Em certos casos, seus gestos serão diferenciados. Gostaria de deixar claro que não vejo problemas no fato de estas meninas as quais cito realizarem gestos de maneira diferente e nem participarem da aula de Educação Física de forma diferente. O que importa é que, mesmo de maneira diferenciada, elas participem das aulas. O que pude observar é que, na maioria dos casos, elas gostam das aulas de Educação Física e, principalmente, de estarem em contato com diversas práticas corporais. O fato de usarmos nossos corpos de forma diferente apenas reflete a real diversidade cultural presente em nossa sociedade. Afinal, não somente as meninas evangélicas, como todos nós temos modos diferentes de nos comportarmos e de agirmos. Nossas gestualidades são reflexos de diversos aprendizados no decorrer de nossas vidas. Portanto, o que levo em conta é que os movimentos e gestos destas meninas são significativos na medida em que expressam corporalmente a cultura em que estão inseridas e na qual foram educadas. Neste sentido, minha intenção não foi a de julgar e nem de apontar como certo ou errado o tipo de educação que estas meninas recebem. Minha intenção foi simplesmente a de compreender os significados que estes corpos e suas técnicas representam.

Ficou claro para mim que as meninas estudadas reconhecem a diferença entre o tipo de educação que elas recebem e o tipo de educação que as crianças não evangélicas recebem. Estas meninas, como era de se esperar (pelo menos eu esperava), apesar de respeitarem sua religião e obedecerem aos pais, passam por diversos conflitos relacionados à vida cotidiana e à própria Igreja.

No estudo realizado, percebi que quanto maiores as restrições dirigidas às meninas, menores são os conflitos encontrados⁴⁴. Ou seja, quanto mais as meninas da Igreja são cobradas e quanto maior é a rigidez com que são educadas, menos elas se “revoltam”, o que faz com que elas evitem conflitos com os pais ou com os outros membros da Igreja. Isto não quer dizer que elas aceitem tais costumes e restrições como bons ou corretos, significa apenas que elas foram criadas de maneira tão conservadora que, mesmo não concordando com alguns costumes, não estão dispostas ou sentem medo de entrar em conflito com os adultos.

No entanto, esta submissão “aparentemente” sem conflitos não impede que algumas meninas reflitam sobre os usos e costumes e, internamente, sintam-se descontentes com eles. Utilizo o termo “aparentemente” justamente para dar a entender que os conflitos existem mas, muitas vezes, não são externados pelas meninas. Por outro lado, percebi que as meninas educadas de forma mais “solta” e sem o conservadorismo extremo de alguns pais, sentem-se mais à vontade para opinar, questionar e inclusive “lutar” contra certas regras impostas a elas. Ou seja, a maneira como os pais agem na educação das filhas possibilita ou não que os conflitos sejam expostos e questionados por elas.

Em se tratando de como são as relações que as meninas têm com os pais, entendo que, principalmente as relações com as mães têm um papel fundamental em suas posturas. O modo como os pais encaram o compromisso com a Igreja influencia no modo como elas se comportam. Daí decorre uma divisão em categorias que estão intimamente ligadas aos usos do corpo pelas meninas. Retomando àquela primeira categorização em três níveis diferentes que descrevo no texto a respeito das meninas, podemos chegar aqui numa idéia final que representa três formas de conflito distintas. Embora estas categorizações se reportem a interpretações específicas de um grupo, elas podem servir para a compreensão de outros grupos que não somente o estudado. Temos um grupo de meninas que se enquadra na categoria de **não submissão** às regras da Igreja. Este grupo, além de não entender o porquê de tantas “obrigações”, não se submete a elas. Estas meninas questionam os pais e membros mais velhos da Igreja sobre as restrições e não se acomodam a elas como as outras meninas. Elas afirmam não ter certeza de suas crenças e põem em jogo a fidelidade à Igreja. As técnicas corporais deste grupo, de modo

⁴⁴ Os conflitos são menores no sentido de gerar ou não brigas e discussões entre elas e os pais, o que não exclui a existência de conflitos interiores, que gera certa revolta quanto aos costumes postulados. O fato é que por mais que elas não concordem com as normas impostas, elas não fazem disso uma “guerra”.

geral, não comportam diferenças marcantes em relação às meninas não evangélicas, afinal, elas sequer condizem com o jeito “crente” de ser.

Temos um segundo grupo que, apesar de questionador das regras e também de certo relaxamento na obrigação de cumpri-las, aparentam uma postura de **submissão com aceitação** (ou com compreensão) de alguns usos e costumes, aos quais obedecem com tranquilidade. Este grupo entende que certas regras são desnecessárias mas que algumas merecem ser cumpridas. Portanto, aquele costume que, seja por um sentimento de que ele é correto ou ainda pelo medo de não cumpri-lo, mas que foi julgado como necessário pelas próprias meninas, não gera conflitos em suas relações com a Igreja. Afinal, elas se submetem porque vêem sentido em tais costumes. As meninas deste grupo compreendem que certas coisas são necessárias mesmo que elas não tenham certeza se são verdadeiras. Ou seja, as relações com as regras da Igreja são mais baseadas no sentimento de religiosidade que elas adquiriram através do processo de educação a que foram submetidas do que na razão propriamente dita. Assim, é possível retomar o comentário de Geertz (1989) sobre a religião estar muito mais próxima da emoção e do sentimento do que do pensamento e da razão. As indagações que circulam nos pensamentos das meninas questionando a compreensão racional sobre a religião são minimizadas, na maioria das vezes, pelo sentimento de medo a que estão expostas. Mesmo assim, as suas relações com as normas da Igreja são relativamente tranquilas. Na medida em que elas aceitam parcialmente o cumprimento dos usos e costumes sem, no entanto, submeterem-se a tantas restrições corporais, a relação delas com a Educação Física tende a se tornar melhor do que a das outras meninas estudadas. A maioria delas afirma gostar da aula de Educação Física e da maioria das práticas corporais que se permitiram vivenciar.

Já um terceiro grupo de meninas se enquadra numa categoria de **submissão sem aceitação** (ou sem compreensão), pois, apesar de se submeterem ao cumprimento dos usos e costumes impostos pela Igreja e pelos pais não concordam com os significados dado a eles e, na maioria das vezes, consideram-nos desnecessários. Estas meninas não aceitam que estarão desagradando a Deus apenas por não concordarem com certas posições da Igreja, mas o medo de desobedecerem a seus pais e o conservadorismo de que foram reféns as impedem de se manifestarem contra as regras. Dentre os grupos citados, as meninas que fazem parte deste último são as que apresentam maior dificuldade em manter uma boa relação com a escola e com a aula de Educação Física. Possivelmente o fato de sempre serem submetidas aos comportamentos

repressivos e a uniformização dos corpos pela Igreja fez delas meninas retraídas e com dificuldades de vivenciar as práticas corporais trabalhadas nas aulas de Educação Física.

A reflexão que os indivíduos fazem sobre os princípios da Igreja é algo que pode influenciar e determinar as técnicas corporais e os usos do corpo de cada um. Existem aqueles membros que são “crentes fervorosos” nos mandamentos da Igreja e que sequer refletem sobre eles, apenas obedecem a eles sem qualquer indagação. Por outro lado, existem aqueles que se questionam se certas coisas iriam mesmo desagradar a Deus e se é realmente necessária tanta rigidez em seus comportamentos. No caso das meninas estudadas, apesar da submissão de algumas, todas elas se questionam e acreditam que as coisas não são exatamente da forma como são expostas pelos membros mais conservadores.

Ou seja, são diversas as características e os contextos que atuam na formação religiosa das meninas e não apenas a religião em si. As questões econômicas, sobre as quais não irei me estender, são outro exemplo. Neste sentido, as meninas evangélicas não têm suas técnicas corporais diferenciadas apenas porque são evangélicas e, sim, por uma seqüência de fatos que as fazem se comportar de maneiras específicas. A própria convivência delas com outros grupos é responsável por esta relação de aceitação ou negação dos princípios religiosos a que estão submetidas.

Não há como negar que a igreja tem sempre o intuito de conter os corpos de seus fiéis. Seja através de vestimentas específicas, das diversas proibições que acarretam o sentimento de medo nos fiéis e, ainda, da vigilância que ocorre entre os próprios membros da Igreja, a religião educa e modela corpos de forma simétrica e padronizada. O significado social em que se sustenta o poder coletivo da Igreja está justamente na vigilância de uns sobre os outros. Ou seja, os corpos estão sempre sob a vigilância atenta de olhares que cobram, julgam e punem determinados tipos de comportamento. Nesta vigilância o que se cobra simbolicamente é que os vigiados não “saiam da linha”. Há uma linguagem que dita como um indivíduo evangélico deve se comportar diante da sociedade.

De qualquer forma, este é um tipo de educação que pesa sobre os corpos de um determinado grupo e torna-o diferente de outros grupos (por isso as alunas evangélicas de denominações mais conservadoras tendem a ser diferentes de outros alunos). A Educação Física, por sua vez, deve levar em conta esta diversidade e trabalhar com ela. Afinal, trabalhar com a cultura de movimento é trabalhar com a diferença e com as inúmeras técnicas corporais presentes

nos alunos. Se não fosse assim, entendo que a Educação Física não teria sentido enquanto conteúdo escolar. Para fazer sentido, a Educação Física não pode ignorar ou tentar limar a diversidade dos alunos buscando formar corpos iguais e, sim, levar os alunos a compreensão de que a diferença não só é comum como é algo bom se devidamente tratada.

Na medida em que este estudo me forneceu a compreensão de que a religião evangélica influencia na educação do corpo das meninas, pude constatar o quanto isto gera implicações para a Educação Física. Estudos sobre estas questões são praticamente inexistentes na área e este é, possivelmente, o início de um assunto significativo aos estudos sobre o corpo e seus usos nas aulas de Educação Física. É inegável a quantidade de pessoas que são educadas tendo como um dos meios a religião. Isto significa que não há como ignorar a relevância de se pensar o fenômeno religioso ao se trabalhar com uma disciplina como a Educação Física, a qual circula absoluta sobre as questões corporais. O professor de Educação Física da escola precisa estar atento para esta questão tanto quanto esteve atento, durante anos de pesquisa, para outras questões que influenciam a prática de seus alunos. Questões como a situação socioeconômica, as relações familiares, o uso de anabolizantes, a especialização precoce, a deficiência, etc. são temas que sempre preocuparam os estudiosos da área. A religião, sendo um fenômeno que molda e revela muito do que o ser humano é e acredita, também deve ser tema de reflexão pelos professores de Educação Física.

A escola, como instituição formal de educação, não pode fechar os olhos para a diversidade existente em nossa sociedade. Percebi durante o estudo que os próprios professores, em algumas situações, podem se mostrar preconceituosos. A diversidade religiosa é legítima e necessita ser considerada pelo professor não como algo negativo e que acarrete problemas aos alunos. Pelo contrário, a escola deveria ser o espaço em que os alunos aprendem a se respeitar uns aos outros e, principalmente, a respeitar as diferenças de cada um. O aluno, com a ajuda fundamental do professor, deveria aprender que a diferença é justamente o que o torna semelhante aos outros. Ou seja, uma menina evangélica, por exemplo, não deveria se sentir discriminada na escola por sua religião e, sim, perceber que sua diversidade foi acolhida pelas outras crianças.

A preocupação com a discriminação deve partir do professor que, ao invés de exigir movimentos padronizados e “perfeitos”, deveria trabalhar com a riqueza das diferenças. Gestos retratam o modo como as pessoas constroem suas vidas. A partir do momento em que a

Educação Física se concentra na busca de gestos eficientes, ela afasta os “menos hábeis” das práticas corporais. Desta forma, ao invés de proporcionar oportunidades iguais a todos, ela se reduz a uma prática voltada meramente à homogeneidade e à padronização dos corpos.

Daolio (2004) fala sobre como podemos considerar o corpo humano como algo dotado de eficácia simbólica e rico em significados. O autor complementa dizendo que:

Podemos vê-lo (o corpo) a partir de seu significado no contexto sociocultural onde está inserido. Podemos considerar, ao invés de suas semelhanças biológicas, suas diferenças culturais; podemos reconsiderar nossos critérios de análise sobre o corpo, fugindo de padrões preconceituosos que durante muitos anos subjugaram e excluíram pessoas da prática de educação física. Podemos substituir padrões inatistas por critérios mais dinâmicos e culturais na intervenção promovida pela área (Daolio, 2004, p.8).

Ou seja, se a religião gera implicações para a aula de Educação Física, então esta deve rever seu conceito de corpo considerando a dimensão cultural e tudo que dela emerge. Assim, utilizando a frase de Daolio (2004, p.9), entendo que a Educação Física:

[...] pode ampliar seus horizontes, abandonando a idéia de área que estuda o movimento humano, o corpo físico ou o esporte na sua dimensão técnica, para vir a ser uma área que considera o ser humano eminentemente cultural, contínuo construtor de sua cultura relacionada aos aspectos corporais.

Neste sentido, a Educação Física estaria pronta para compreender e trabalhar com a diversidade, inclusive com a diversidade religiosa. Gestos presentes nas meninas evangélicas, por exemplo, não devem ser vistos como alvo de problema ou de discriminação e, sim, como diferenças a serem tratadas, convertendo-se em conteúdos a serem trabalhados pela Educação Física.

Assim, o aluno que tenta “fugir” da aula, alegando que não “leva jeito”, deve compreender que não é preciso realizar determinada prática da mesma forma que os alunos qualificados como “melhores” fazem e, sim, que ele deve experimentar e realizar uma determinada prática corporal da forma que lhe for possível dentro de suas características pessoais. Se a Educação Física é uma disciplina que trabalha com o corpo, não há como pensar numa forma linear e “dirigida” de se trabalhar com os conteúdos. Se partimos do princípio de que temos corpos diferentes e realizamos gestos diferenciados, então os conteúdos da Educação Física terão significados também diferentes. Portanto, torna-se necessário o respeito por parte dos professores com a cultura de movimento de seus alunos.

Quero finalizar dizendo que não é a religião, por si só, a responsável pelas gestualidades das meninas evangélicas estudadas. Não é a educação religiosa que faz com que uma pessoa seja o que ela é. Não somos apenas o que a escola fez de nós, nem o que a Igreja ou mesmo a educação dada pelos nossos pais fizeram de nós. Somos uma “mistura” de todas estas formas de educação que vivenciamos ao longo de nossas vidas e que dão sentido a ela. Portanto, uma menina evangélica não se utiliza de determinadas técnicas corporais simplesmente porque ela é evangélica mas porque diversos processos de educação que ela recebeu (onde significativamente se inclui a educação religiosa) a levaram a ser do jeito que é. Se isto reflete-se nos gestos das meninas evangélicas e estes, por sua vez, geram implicações para a Educação Física, devo lembrar a todos nós, professores, que a escola, através de marcas impressas nos pequeninos corpos de nossos alunos, reflete a diversidade cultural com a qual devemos trabalhar.

REFERÊNCIAS

- BANDINI, C. Corpo, religião e identidade social: marcas simbólicas da experiência pentecostal notas de uma pesquisa. *Mandrágora*, São Bernardo do Campo, SP, v. 9, n. 10, p.40-48, 2004.
- BRACHT, V. *Educação Física e ciência: cenas de um casamento (in)feliz*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2003.
- DAMATTA, R. O ofício do etnólogo, ou como ter “antropological blues”. In: NUNES, E. de O. (Org.). *A aventura sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- DAOLIO, J. *Educação Física e o conceito de cultura*. Campinas, SP: Autores Associados, 2004.
- _____. *Da cultura do corpo*. Campinas, SP: Papyrus, 1994.
- DURKHEIM, É. *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- ESCOLA É LUGAR DE FÉ? *Educação*. São Paulo: Editora segmento, v. 11, n. 127, novembro de 2007.
- FERNANDES, R. C. Governo das almas. As denominações evangélicas no Grande Rio. In: ANTONIAZZI, A. *Nem anjos nem demônios: Interpretações sociológicas do pentecostalismo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994. p. 163- 203.
- FRESTON, P. *Breve história do pentecostalismo brasileiro*. In: ANTONIAZZI, A. *Nem anjos nem demônios: Interpretações sociológicas do pentecostalismo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994. p. 67- 159.
- GEBARA, I. A questão dos princípios: um debate aberto. *Mandrágora*, São Bernardo do Campo, SP, v. 4, n. 4, p. 66-69, 1997.
- GEERTZ, C. O futuro das religiões. *Folha de São Paulo*, 14 maio 2006. Caderno Mais, p. 10.

_____. *Nova luz sobre a antropologia*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2001.

_____. *O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa*. Petrópolis, RJ: Vozes, 3^a ed., 1997.

_____. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/>> Acesso em: 23 de maio de 2007.

KUNZ, E. *Transformação didático-pedagógica do esporte*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2003.

_____. *Educação Física: ensino e mudanças*. Ijuí: Unijuí Ed. , 1991.

MARIANO, R. Expansão Pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal. In: *Estudos Avançados*. v. 18, n.52. São Paulo: dez. 2004. Dossiê Religiões no Brasil.

_____. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

MAUSS, M. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

MAUSS, M.; HUBERT, H. *Sobre o sacrifício*. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

MENEZES, R. C. Marcel Mauss e a sociologia da religião. In: TEIXEIRA, F. (Org.) *Sociologia da religião*. Petrópolis: Vozes, 2003.

O ATLETA CRISTÃO- Aluno 4. Adolescentes Vencedores.13 e14 anos. CPAD. v.. 2,lição 2. 2007.

PORTER, R. História do corpo. In: BURKE, P. *A escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo: Editora UNESP, 1992. p. 291-326.

SANCHIS, P. O repto pentecostal à cultura católico-brasileira. In: ANTONIAZZI, A. *Nem anjos nem demônios: Interpretações sociológicas do pentecostalismo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994. p. 34-63.

SANT'ANNA, D. É possível realizar uma história do corpo? In: SOARES, C. *Corpo e História*. Campinas: Autores Associados, 2006. p. 3-23.

_____. Cuidados de si e embelezamento feminino: fragmentos para uma história do corpo no Brasil. In: SANT'ANNA, D. *Políticas do corpo*. São Paulo: Estação Liberdade, 2005. p. 121-139.

SILVA, E. M. Fundamentalismo evangélico e questões de gênero: em busca de perguntas. In: SOUZA, S. D. *Gênero e religião no Brasil: ensaios feministas*. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2006.

SOARES, C. *Corpo e História*. Campinas: Autores Associados, 2006. p. 3-23.

SOARES, C.; FRAGA, A. B. Pedagogias dos corpos retos: das morfologias disformes as carnes humanas alinhadas. In: *Pro-Posições*. Campinas, v. 14, n. 2, maio/agosto, 2003. p. 77-90.

SOUZA, S. D. religião e secularização: o gênero dos discursos e das práticas das mulheres protestantes. In: SOUZA, S. D. *Gênero e religião no Brasil: ensaios feministas*. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2006.

TOMITA, L. E. O desejo seqüestrado das mulheres: desafio para a teologia feminista no século 21. In: SOUZA, S. D. *Gênero e religião no Brasil: ensaios feministas*. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2006.

VALLE, R.; SARTI, I. O risco das comparações apressadas. In: ANTONIAZZI, A. *Nem anjos nem demônios: Interpretações sociológicas do pentecostalismo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994. p. 7-13.

ANEXOS



ANEXO 1

Campinas, 04 de março de 2007

Ao Sr. Pastor (nome)

Venho por meio desta, pedir sua permissão para realizar a pesquisa de campo referente ao meu curso de mestrado em Educação Física sob a orientação da Prof^a Dr^a Elaine Prodócimo, na Faculdade de Educação Física (FEF) da Universidade Estadual de Campinas-UNICAMP.

A religião, como manifestação da cultura, deixa suas marcas na educação do ser humano. Nesse sentido, as crenças religiosas refletem nos comportamentos e nas ações corporais de seus fiéis.

No que se refere ao projeto de pesquisa, buscaremos entender como a religião Evangélica influencia na educação do corpo e como isto de se reflete nas aulas de Educação Física. Para isto gostaríamos de realizar algumas observações dos cultos em sua Igreja e também algumas entrevistas com o senhor.

Afirmo que no decorrer da pesquisa não será realizado nenhum tipo de filmagem, ou fotos. Enfim, não serão divulgadas imagens nem da Igreja e nem das pessoas que a freqüentam. Declaro também manter em anonimato todos os dados observados, como nome e endereço da Igreja, nome dos pastores e componentes da Igreja, e nome dos freqüentadores da mesma.

Tenho pesquisado sobre este tema devido a minha prática como professora de Educação Física no Ensino Fundamental, pois pude em minhas aulas observar algumas diferenças no comportamento das crianças que podem ser ocasionadas pela religião. Pensando um pouco na dificuldade que alguns professores têm de trabalhar com estas diferenças, tento em minha pesquisa mostrar a importância dos princípios religiosos. Ajudando desta forma a aumentar a compreensão por parte dos professores para que estes ajam de forma mais adequada com estas crianças.

Ressalto que o sujeito da pesquisa poderá tomar suas decisões de forma justa e sem constrangimentos em sua participação no projeto.

Sendo assim, fico a disposição para quaisquer esclarecimentos antes, durante e após a pesquisa.

Atenciosamente

Ana Carolina Capellini Rigoni
Rua Ângela Signore Grigol, 189. Jardim América
Tel: (019) 2117- 7330.
E-mail: anacarolinarigoni@yahoo.com.br

Pesquisadora

Ana Carolina C. Rigoni

Orientadora

Prof^a Dr^a Elaine Prodócimo

ANEXO 2

Termo de consentimento livre e esclarecido:

Eu, _____, afirmo que é de meu inteiro conhecimento a pesquisa realizada pela aluna do curso de Pós-Graduação da Faculdade de Educação Física da UNICAMP, Ana Carolina Capellini Rigoni, sobre o tema “religião e educação do corpo”, e que está sendo realizada na Igreja que frequento. Sendo assim, autorizo a pesquisadora a utilizar todas as informações por mim fornecidas, sendo através de entrevistas ou observações em sua dissertação de mestrado.

Afirmo também que estou ciente que o projeto será desenvolvido em caráter de pesquisa científica, com o objetivo de entender como acontece a “construção” do corpo do fiel a partir de sua crença religiosa.

Entendo que tenho como garantia a total liberdade de recusar esta participação e retirar meu consentimento em qualquer fase da pesquisa, de modo que com isto não haverá qualquer prejuízo para a minha pessoa.

É também de meu inteiro conhecimento que as informações obtidas serão usadas cientificamente. Elas poderão ser divulgadas sob a forma de livro, artigo científico e/ou qualquer outro meio científico, desde que se mantenha o anonimato e a privacidade em relação ao meu nome e dos outros participantes da pesquisa.

A responsável pela pesquisa pode ser encontrada pelo telefone (19) 2117-7330 ou pelo e-mail: anacarolinarigoni@yahoo.com.br

Campinas, de _____ de 200_.

RG do entrevistado(a): _____

Assinatura do entrevistado (a): _____

Termo de consentimento livre e esclarecido utilizado nas conversas com os membros menores de idade da Igreja pesquisada

Eu, _____, afirmo que é de meu inteiro conhecimento a pesquisa realizada pela aluna do curso de Pós-Graduação da Faculdade de Educação Física da UNICAMP, Ana Carolina Capellini Rigoni, sobre o tema “religião e educação do corpo”. Sendo assim, autorizo minha (meu) filha (o) a participar da presente pesquisa, sabendo que a obtenção de informações será feita através de uma entrevista (conversa) no dia do culto ou da aula de Educação Física.

Afirmo também que estou ciente que o projeto será desenvolvido em caráter de pesquisa científica, com o objetivo de entender como acontece a “construção” do corpo do fiel a partir de sua crença religiosa.

Entendo que tenho como garantia, como responsável pela pessoa participante da pesquisa, a total liberdade de recusar a participação do (a) mesmo (a) e retirar meu consentimento em qualquer fase da pesquisa, de modo que não haverá qualquer prejuízo para a minha pessoa e para a pessoa participante.

É também de meu inteiro conhecimento que as informações obtidas serão usadas cientificamente. Elas poderão ser divulgadas sob a forma de livro, artigo científico e/ou qualquer outro meio científico, desde que se mantenha o anonimato e a privacidade em relação ao meu nome e dos outros participantes da pesquisa.

A responsável pela pesquisa pode ser encontrada pelo telefone (19) 2117-7330 ou pelo e-mail: anacarolinarigoni@yahoo.com.br

Campinas, de _____ de 200_.

RG do responsável: _____

Assinatura do(a) responsável; _____